



**NÍVEL 1 DA
ACADEMIA**

Níveis da Academia

CIENTOLOGISTA TREINADO HUBBARD
(Auditor Classe 1)



CONTEÚDO

NÍVEL I DE CIENTOLOGIA CHECKSHEET DA ACADEMIA STANDARD	3
A. - SECÇÃO DE ORIENTAÇÃO	13
MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR	13
DEGRADAÇÕES TÉCNICAS	21
C. - CARTAS E ESCALAS	23
CARTA DE CLASSIFICAÇÃO, GRADAÇÃO E CONSCIÊNCIA DE NÍVEIS E CERTIFICADOS	23
D. - CÓDIGOS	27
O CÓDIGO DO AUDITOR	27
O CÓDIGO DE UM CIENTOLOGISTA	29
E. - DADOS PRÁTICOS	31
TRs DE DOCTRINAÇÃO SUPERIOR	31
TREINAMENTO	35
O QUE É TOM 40	38
H. - DADOS SOBRE AUDIÇÃO	40
PROCESSAMENTO	40
CONFIANÇA NO AUDITOR	42
FENÓMENOS FINAIS	43
F/N DE CIENTOLOGIA E POSIÇÃO DO TA	45
VERIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS	48
I. - COISAS QUE O AUDITOR NÃO PODE FAZER	50
TODOS OS NÍVEIS Q&A	50
OS CINCO ERROS GROSSEIROS EM AUDIÇÃO	52
A FALSIFICAÇÃO DOS RELATÓRIOS DE AUDIÇÃO	53
J. - ESTILOS DE AUDIÇÃO	56
ANÁLISE DE CASOS	56
ESTILOS DE AUDIÇÃO	58
K. - OBJETIVOS/CCHs	65
OBJETIVOS APRESSADOS	65
OBJETIVO ARC	66
O PROPÓSITO DOS CCHs	67
CCHs	68
RESPOSTAS SOBRE CCHs	71
PERCORRER CCHS	72
ESGOTAR PROCESSOS	73
C C H ' s ATTUDE DE AUDIÇÃO	74
TREINO E PROCESSOS DE CCH	77
PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO	91
PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO FENÓMENOS FINAIS	92
P.A.B. N°. 34	97
L. - PROBLEMAS E AJUDA	100
AJUDA	100
COMO A AJUDA SE TORNOU TRAIÇÃO	104
O PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE	106
ROTINA 1A	109
UM INTENSIVO SUAVE DE 25 HORAS NO HGC	111
O EMPREGO DO INTENSIVO DE PROBLEMAS	113
A CONFUSÃO ANTERIOR	115
M. - MINI LISTA DE PROCESSOS PARA O GRAU I	116
MINI LISTA DOS PROCESSOS DOS GRAUS DE 0-IV	116



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex
CARTA POLÍTICA DO HCO DE 22 DE SETEMBRO DE 1978RA
EMIÇÃO II
RE-REVISTO 19 NOVEMBRO 1984
Re-rev. 19.11.84

Remimeo
Orgs de Scn
Academias
Estudantes
de Nível I
(Revisões em Itálicas)

(Revisto para pôr em dia e alinhar a checksheet e para corrigir os requisitos de audição do estudante.)

**NÍVEL I DE CIENTOLOGIA
CHECKSHEET DA ACADEMIA STANDARD**

(FICHEIROS EDITÁVEIS)

(HTS) Cientologista Treinado Hubbard

ESTE CURSO CONTÉM CONHECIMENTOS VITAIS PARA UMA VIDA BEM SUCEDIDA.

NOME: _____ ORG: _____

POSTO: _____

DATA DE COMEÇO: _____ DATA DE COMPLETAÇÃO: _____

Esta checksheet contém os conhecimentos vitais de sobrevivência da tecnologia do Nível Um de Ciento-
logia. Cobre a tecnologia que lida com o Processamento Objetivo, "ajuda" e "problemas".

REQUISITOS: 1. O Chapéu do Estudante.

2. Um Curso de TRs Profissionais.

3. Classe 0 Provisório.

4. Método Um de Clarificação de Palavras.

O Método Um de Clarificação de Palavras é um pré-requisito para treino neste Nível, exceto quando re-
tirado por um C/S qualificado segundo a HCO PL 25 Set 79RA, revista 20 Out 83, MÉTODO UM DE
CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS.

TECH DE ESTUDO: Aplicação total de toda a Tech de Estudo é usada durante este curso. Os itens
são estudados e exercitados em sequência. Esta checksheet é feita uma vez, materiais e prática.



PRODUTO: Um Cientologista Treinado Hubbard que é capaz de auditar os outros de uma forma standard até Release de Problemas de Grau I.

CERTIFICADO: A completação deste curso dá-te o direito a um Certificado Provisório de **CIENTO-LOGISTA TREINADO HUBBARD**. O certificado provisório só é válido por um ano, tendo nessa altura que ser validado pelo Estágio.

Quando completares o treino de Classe IV, tu debes fazer imediatamente o Estágio nesta organização ou numa org maior debaixo do guia profissional de especialistas técnicos. Um Estágio é absolutamente necessário para o treino de um auditor. Quando tu podes então aplicar os processos do Grau sem erros, então vais receber o teu Certificado Permanente de Cientologista Treinado Hubbard.

DURAÇÃO DO CURSO: 2 semanas a tempo inteiro.

NOTA: CHECKOUTS STARRATE E POR PARCEIROS SÓ SÃO EXIGIDOS NESTE CURSO SE O ESTUDANTE NÃO COMPLETOU O SEU MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS (Ref. HCOB 13 Ago 72RA TREINO DE FLUXO RÁPIDO.) O estudante atesta assinando o seu nome nos espaços em branco da checksheet, significando que ele compreende completamente e pode aplicar os dados. OS EXERCÍCIOS SÃO PARA SER FEITOS TOTALMENTE ATÉ AO SEU RESULTADO.

ESPERA-SE QUE O ESTUDANTE ENTÃO VÁ POLIR E REFINAR AS SUAS PERÍCIAS DE AUDIÇÃO NO ESTÁGIO DE CLASSE IV, QUANDO COMPLETAR OS NÍVEIS DA ACADEMIA ATÉ CLASSE IV.

A. - SECÇÃO DE ORIENTAÇÃO

1. [HCOPL 7 Fev. 65](#) Nº1 Série KSW, MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR _____
2. [HCOPL 17 Jun. 70RB](#) Nº5R Série KSW, DEGRADAÇÕES TÉCNICAS _____

B. - LIVROS (A serem lidos antes do fim do curso.)

1. [OS PROBLEMAS DO TRABALHO](#) _____
2. DEMO COM PLASTICINA: O que é um Dado Estável. _____
3. [CONTROLO E MECÂNICA DE SCS](#) _____
4. DEMO: De que é composto o controlo. _____
5. [CIENTOLOGIA, UM NOVO PONTO DE VISTA SOBRE A VIDA.](#) _____
6. [AXIOMAS E LÓGICA](#) (Axiomas de 28 até 58) _____

C. - CARTAS E ESCALAS

1. [1986](#) - CARTA DE CLASSIFICAÇÃO, GRADAÇÃO E DE CONSCIÊNCIA DOS NÍVEIS E CERTIFICADOS À Secção do Auditor Classe I _____
2. DEMO: A capacidade ganha no Grau I. _____

D. - CÓDIGOS



1. [HCOPL 14 Out 68RA](#) O CÓDIGO DO AUDITOR _____
2. *[HCOPL 5 Fev. 69R](#). POLÍTICA DE IMPRENSA, O CÓDIGO DE UM CI-
ENTOLOGISTA _____

E. - DADOS PRÁTICOS

1. *[HCOB 7 Mai. 68](#) TRs DE INDOUTRINAÇÃO SUPERIOR _____
2. [HCOB 24 Mai. 68](#)-TREINAMENTO _____
3. [HCOB 13 Nov. 81](#) O QUE É TOM 40 _____

F. - TRs DE INDOUTRINAÇÃO SUPERIOR

1. Exercita os TRs seguintes segundo o HCOB 7 Mai. 68 TRs DE INDOUTRINA-
ÇÃO SUPERIOR.
A) TR 6. _____
B) TR 7. _____
C) TR 8. _____
D) TR 9 _____

G. - EXERCÍCIOS DO E-METRO (De O LIVRO DOS EXERCÍCIOS DO E-METRO.)

NOTA: Nesta secção dão-se Folhas Rosa por qualquer Exercício do E-Metro que precise ser melhorado.

- | | |
|----------------|-----------------|
| 1. EM 6 _____ | 9. EM 14 _____ |
| 2. EM 7 _____ | 10. EM 15 _____ |
| 3. EM 8 _____ | 11. EM 16 _____ |
| 4. EM 9 _____ | 12. EM 17 _____ |
| 5. EM 10 _____ | 13. EM 18 _____ |
| 6. EM 11 _____ | 14. EM 19 _____ |
| 7. EM 12 _____ | 15. EM 20 _____ |
| 8. EM 13 _____ | |

H. - DADOS SOBRE AUDIÇÃO

1. *[HCOPL 27 Mai. 65](#) PROCESSAMENTO _____
2. [PALESTRA: 29 Ago 61](#), BASES DA AUDIÇÃO _____
3. DEMO COM PLASTICINA: Controlo da sessão contra falta de controlo da ses-
são e o que acontece no banco do pc. _____
4. PALESTRA: 1 Nov. 62, O CAMINHO PARA A VERDADE _____
5. PALESTRA: 13 Out 64, CICLOS DE AÇÃO _____



6. DEMO COM PLASTICINA: A mecânica do ciclo de ação .____ _
7. *[HCOB 30 Abr. 69](#), CONFIANÇA NO AUDITOR ____ _
8. DEMO: O auditor mais o pc é maior do que o banco. Auditor mais banco é maior do que o pc. Pc menos auditor é menor que o banco. ____ _
9. *[HCOB 21 Mar 74](#), FENÓMENOS FINAIS ____ _
10. [HCOB 10 Dez 76RB](#), F/N DE CIENTOLOGIA E POSIÇÃO DE TA ____ _
11. [HCOB 23 Jun. 80RA](#), VERIFICAR PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS ____ _

I. - COISAS QUE O AUDITOR NÃO PODE FAZER

1. [HCOB 7 Abr. 64](#), TODOS OS NÍVEIS, Q & A ____ _
2. DEMO: Q & A. ____ _
3. *[HCOB 7 Mai. 69](#), OS CINCO GAEs ____ _
4. *[HCOB 26 Out 76](#), FALSIFICAÇÃO DE RELATÓRIOS DE AUDIÇÃO, ____ _

J. - ESTILOS DE AUDIÇÃO

1. *[HCOB 28 Fev. 59](#), ANÁLISE DE CASOS ____ _
2. *[HCOB 6 Nov. 64](#), ESTILOS DE AUDIÇÃO, SECÇÃO DO NÍVEL I ____ _
3. DICIONÁRIO DE TECH: Procura: ____ _
- A. Audição de Comando Repetitivo. ____ _
- B. Processos Repetitivos. ____ _
- C. Audição "Amordaçada". ____ _
4. DEMO: Audição "Amordaçada". ____ _
5. EXERCÍCIO: Audição "Amordaçada" até que o estudante esteja confortável ao usá-la. O estudante percorre "Os Pássaros Voam?" sobre o treinador que atua como pc. O exercício é passado quando o estudante pode fazer audição amordaçada com confiança e sem erros. ____ _

K. - OBJETIVOS/CCHs

1. *DICIONÁRIO DE TECH: Procura: ____ _
- A) Processos Objetivos. ____ _
- B) Processos Subjetivos. ____ _
2. DEMO COM PLASTICINA: A diferença entre um processo Objetivo e um Subjetivo. ____ _
3. *[HCOB 19 Mar 78](#), OBJETIVOS APRESSADOS ____ _
4. [HCOB 19 Jun. 78](#), N°3 Série NED, ARC OBJETIVO ____ _



5. EXERCÍCIO: ARC Objetivo até que o possas fazer com confiança. _____
6. [PALESTRA: 5 Jul. 57](#), TEORIA BÁSICA DOS CCHs _____
7. [PALESTRA: 22 Jun. 61](#), PERCORRER CCHs _____
8. *[HCOB 12 Abr. 62](#), PROPÓSITO DOS CCHs _____
9. *[HCOB 1 Dez 65](#), CCHs _____
10. DEMO: O propósito de cada um dos CCHs de 1 a 4

11. *[HCOB 2 Ago 62](#), RESPOSTAS SOBRE CCHs _____
12. *[HCOB 7 Ago 62](#), PERCORRER CCHs _____
13. *[HCOB 3 Fev. 59](#), PÔR UM PROCESSO FLAT _____
- 13A.*Clarifica "Fenómenos Finais" no Dicionário de Tech. _____
14. DEMO: Quando é que acabas um processo Objetivo. _____
15. *[HCOB 5 Abr. 62](#), ATITUDE DE AUDIÇÃO DOS CCHs _____
16. DEMO COM PLASTICINA:
A) Controlo. _____
B) Comunicação. _____
C) Havingness. _____
17. EXERCÍCIO: Usando o HCOB 1 Dez 65 CCHs, exercita os CCHs de 1 a 4. Quando fazes os exercícios seguintes, ouve uma Fita de Demonstração de LRH sobre CCHs (ou outros Processos Objetivos) quando exercitas.
A. CCH 1 C. CCH 3
Não Provocado _____ Não Provocado _____
Provocado _____ Provocado _____
B. CCH 2 D. CCH 4
Não Provocado _____ Não Provocado _____
Provocado _____ Provocado _____
E. CCHs 1 a 4
Não Provocados _____ Provocados _____
18. *[HCOB 11 Jun. 57](#) TREINO E PROCESSOS DE CCH (Secções dos CCHs de 5 a 10.) _____
19. EXERCÍCIO:
A. CCH 5 _____ D. CCH 8 _____
B. CCH 6 _____ E. CCH 9 _____
C. CCH 7 _____ F. CCH 10 _____



20. *[HCOB 4 Fev. 59](#), OP PRO BY DUP _____
21. [BTB 24 Out. 71](#), OP PRO BY DUP, FENÓMENOS FINAIS _____
22. EXERCÍCIO: OP PRO BY DUP até que o possas percorrer com confiança ._____
23. *[HCOB 18 Mai. 80](#), COMANDOS DE COMEÇAR-MUDAR-PARAR _____
24. EXERCÍCIO: A. SCS num Objeto até que o possas fazer com confiança. _____
- B. SCS até que o possas percorrer com confiança. _____
25. *[PAB 34](#), PROCEDIMENTO DE ABERTURA, SOP 8-C _____
26. EXERCÍCIO: SOP 8-C. _____

L. - PROBLEMAS E AJUDA

1. *[HCOB 5 Mai. 60](#), AJUDA _____
2. *[HCOB 19 Mai. 60](#), COMO A AJUDA SE TORNOU EM TRAIÇÃO _____
3. DEMO: "Ajuda é o ponto de quebra entre a sanidade e a insanidade." _____
4. *[HCOB 31 Mar 60](#), O PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE _____
5. DICIONÁRIO DE TECH: Procura: _____
- A. Problema. _____
- B. Problema de Tempo Presente _____
6. DEMO COM PLASTICINA: _____
- A. Problema. _____
- B. Problema de Tempo Presente _____
7. [PALESTRA: 6 Jul. 61](#), ROTINA 1ª _____
8. *[HCOB 6 Jul. 61](#), ROTINA 1ª _____
9. [PALESTRA: 10 Out 61](#), INTENSIVOS DE PROBLEMAS _____
10. [PALESTRA: 11 Out 61](#), ASSESSMENT DO INTENSIVO DE PROBLEMAS _____
11. *[HCOB 30 Jul. 62](#), UM INTENSIVO DE 25 HORAS SUAVE NO HGC _____
12. *[HCOB 27 Set 62](#), USO DO INTENSIVO DE PROBLEMAS _____
13. [PALESTRA: 3 Out 61](#), A CONFUSÃO ANTERIOR _____
14. *[HCOB 2 Nov. 61](#), A CONFUSÃO ANTERIOR _____
15. DEMO COM PLASTICINA: A confusão anterior e o problema. _____
16. [PALESTRA: 21 Abr. 64](#), PROBLEMAS E SOLUÇÕES _____
17. DEMO COM PLASTICINA: Porque é que um pc não faz ganhos quando tem um PTP _____

M. - MINI LISTA DE PROCESSOS PARA O GRAU I

1. [HCOB 8 Set 78RA](#) MINI LISTA DE PROCESSOS DOS GRAUS DE 0 A 4 _____



A) EXERCÍCIO: N°6 segundo o HCOB acima. Este exercício é feito com uma boneca com o treinador a responder pela boneca. O exercício é feito até que o estudante pode percorrer o processo com confiança e sem erros

Provocado

Não Provocado

B) EXERCÍCIO: N°7 segundo como em A) acima.

Provocado

Não Provocado

N. - COMPLETAÇÃO DA TEORIA DOS ESTUDANTE

1. ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE

A atestação seguinte é para ser assinada, ponto por ponto, antes do estudante começar a auditar Processos do Grau I.

Se o estudante tiver alguma dúvida ou reserva em relação a atestar qualquer um dos pontos abaixo, ele deveria ser retreinado nessa área.

Só quando o estudante adquiriu essas perícias sem dúvidas, é que ele/ela vai atingir bons resultados com os Processos de Grau I.

Atesto que:

A) Eu sei e posso aplicar totalmente a Tech de estudo dada no Chapéu do Estudante.

B) Eu apliquei a Tech de estudo do Chapéu do Estudante totalmente enquanto estive neste curso.

C) Eu compreendo o E-Metro e sei como usá-lo.

D) Eu adquiri bons TRs de 6 a 9 exercitando cada um até ao seu EP.

E) Eu compreendo e posso percorrer Processos Objetivos.

F) Eu tenho, sem reservas, uma compreensão boa dos materiais do Nível I.

G) Eu compreendo completamente a teoria e regras em relação à verificação de perguntas ou comandos nos Processos dos Graus e posso aplicá-los.

H) Eu compreendo e posso aplicar Audição Amordaçada e posso percorrer um processo repetitivo com esse método com confiança.

2. CONDICIONAL:

Se o estudante não completou Método 1 de Clarificação de Palavras, um exame escrito tem que ser feito em Qual, sobre os materiais desta checksheet.

DIR. VALIDADE: _____ DATA: _____



O. - SECÇÃO DE AUDIÇÃO: PRÁTICA

O estudante agora pode começar audição de estudante nos Processos de Grau I.

Ninguém pode exigir que o estudante audite processos acima do seu nível de Treino. Quando processos de níveis superiores são necessários para o caso, devem chamar-se estudantes de níveis superiores para auditarem as ações.

0. Ref. HCOB 8 Set 78RA MINI LISTA DE PROCESSOS DOS PROCESSOS DOS GRAUS DE 0 A 4

- | | | |
|--|--|-------|
| 1. PRÁTICA: | Audita alguém no N°5 segundo o HCOB acima, até um resultado completamente satisfatório segundo relatório do Examinador e atestação do C/S. | _____ |
| 3. PRÁTICA: | Audita o N°6, incluindo o Havingness (N°7), segundo o HCOB acima, num pc até resultados completamente satisfatórios segundo relatório do Examinador e atestação do C/S | _____ |
| 4. Revê e corrige quaisquer erros ou mal-entendidos na aplicação bem sucedida dos Processos do Grau I. | | _____ |
| 5. ANEXO 1: BTB 15 NOV. 76 I - Processos dos Graus Expandidos - GRAU I | | |

ATESTAÇÃO

Eu atesto que cumpri de uma forma bem sucedida os requerimentos de audição para certificação no Nível 0, conforme dado acima.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE: _____ DATA: _____

Eu atesto que este estudante cumpriu de uma forma bem sucedida os requerimentos de audição para o Nível 0 para certificação, conforme dado acima, demonstrando a sua competência em auditar o estilo deste nível.

ATESTAÇÃO DO SUPERVISOR: _____ DATA: _____

Eu li os livros OS PROBLEMAS DO TRABALHO, CONTROLO E A MECÂNICA DE SCS, CIEN-TOLOGIA: UM NOVO PONTO DE VISTA SOBRE A VIDA e AXIOMAS E LÓGICA (Axiomas de 29 a 58) e compreendo-os.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE: _____ DATA: _____

COMPLETAÇÃO DO CURSO DO ESTUDANTE

A. - COMPLETAÇÃO DO ESTUDANTE

Eu completei os requisitos desta checksheet e sei e posso aplicar este material.



ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE:_____ DATA:_____

Eu treinei este estudante ao melhor das minhas capacidades e ele/ela completou os requerimentos desta checksheet e sabe e pode aplicar os dados da checksheet.

ATESTAÇÃO DO SUPERVISOR:_____ DATA:_____

B. - ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE EM C&A

Eu atesto que a) me inscrevi no curso, b) paguei pelo curso, c) eu estudei e compreendo todos os materiais na checksheet, d) fiz todos os exercícios nesta checksheet, e) posso produzir os resultados requeridos nos materiais do curso.

ATESTAÇÃO DO ESTUDANTE:_____ DATA:_____

C & A:_____ DATA:_____

C. - ESTUDANTE INFORMADO POR QUAL SEC OU C&A

Eu atesto que informei o estudante que para tornar o seu certificado permanente ele vai ter que estagiar dentro de um ano.

QUAL SEC OU C&A:_____ DATA:_____

D. - CERTIFICADOS E RECOMPENSAS

Certificado de CIENTOLOGISTA TREINADO HUBBARD (Classe I) PROVISÓRIO.

C & A:_____ DATA:_____

(Enviar esta forma para o Admin de Curso para arquivar no folder do estudante.)

L. RON HUBBARD
FUNDADOR
Revisão assistida por
LRH Technical Research
and Compilations
Adoptado como Official
Church Policy
por



CHURCH OF SCIENTOL-
OGY
INTERNATIONAL

LRH:CSI:RTRC:fa:iw

Tradução RMF:RMF:rmf

Aprovada por

I/A Off CLO EU



A.- SECÇÃO DE ORIENTAÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOPL DE 7 DE FEVEREIRO DE 1965

Reem. 15 Jun. 70, 28 Jan. 1973

Reem. 27 Ago. 1980

Corrigida e Reemit. 12 Out. 1985

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Nota: A negligência desta Carta Política causou grandes dificuldades ao pessoal, custou milhões sem fim e tornou necessário em 1970 entrar num esforço internacional total para restaurar a Cientologia básica pelo mundo inteiro. Cinco anos após a emissão desta PL, comigo fora das linhas, a sua violação quase destruiu as Orgs. Apareceram "Graus à pressa" e negaram ganhos a dezenas de milhares de casos. Por isso, as ações que negligenciam ou violam esta Carta Política são ALTOS CRIMES, resultando em Comm-Evs sobre ADMINISTRADORES e EXECUTIVOS. Não é "inteiramente uma questão Técnica", pois a sua negligência destruiu as Orgs e causou uma recessão de 2 anos. Reforça-la É O DEVER DE TODO O MEMBRO DO PESSOAL.

MENSAGEM ESPECIAL

A CARTA POLÍTICA SEGUINTE SIGNIFICA O QUE DIZ.

ERA VERDADE EM 1965 QUANDO EU A ESCREVI. ERA VERDADE EM 1970 QUANDO A MANDEI REEMITIR. ESTOU A REEMITI-LA AGORA, EM 1980, PARA MAIS UMA VEZ EVITAR DE NOVO DESLIZAR PARA UM PERÍODO EM QUE AÇÕES FUNDAMENTAIS DA CARTA DE GRAUS SÃO OMITIDAS E APRESSADAS NOS CASOS, NEGANDO ASSIM OS GANHOS E AMEAÇANDO A VIABILIDADE DA CIENTOLOGIA E DAS ORGS. A CIENTOLOGIA CONTINUARÁ A FUNCIONAR SÓ ENQUANTO VOCÊ FIZER A SUA PARTE PARA A MANTER A FUNCIONAR APLICANDO ESTA CARTA DE POLÍTICA.

O QUE EU DIGO NESTAS PÁGINAS SEMPRE FOI VERDADE, É VERDADE HOJE, AINDA VAI SER VERDADE NO ANO 2000 E VAI CONTINUAR A SER VERDADE DAÍ PARA A FRENTE.

NÃO IMPORTA ONDE VOCÊ ESTÁ EM CIENTOLOGIA, SE ESTÁ NO PESSOAL OU NÃO, ESTA CARTA POLÍTICA TEM ALGO A VER CONSIGO.

TODOS OS NÍVEIS

MANTER A CIENTOLOGIA A FUNCIONAR

Um Hat Check (aferição de função) é feito pelo Séc. do HCO ou Comunicador a todo o pessoal e todo o pessoal novo à medida que vai entrando.

Há já algum tempo que nós ultrapassámos o ponto em que atingimos uma tecnologia uniformemente funcional.

A única coisa agora é fazer aplicar essa tecnologia.



Se não consegue fazer aplicar a tecnologia, então você não consegue entregar o prometido. É tão simples como isso. Se você conseguir fazer aplicar a tecnologia, *pode* entregar o prometido.

A única coisa pela qual você pode ser criticado por estudantes ou Pcs é a "falta de resultados". Os apuros só ocorrem quando há "falta de resultados". Ataques de governos ou monopólios só ocorrem quando há "falta de resultados" ou "maus resultados".

Por isso o caminho diante da Cientologia é claro, e o seu sucesso último está assegurado *se* a tecnologia for aplicada.

Portanto, fazer aplicar a tecnologia correta é a tarefa do Secretário da Associação ou da Organização, do Secretário do HCO, do Supervisor de Caso, do Diretor de Processamento, do Diretor de Treino e de todos os membros do pessoal.

Fazer aplicar a tecnologia correta consiste de:

- Um: Ter a tecnologia correta.
- Dois: Saber a tecnologia
- Três: Saber que é correta.
- Quatro: Ensinar corretamente a tecnologia correta.
- Cinco: Aplicar a tecnologia.
- Seis: Assegurar-se de que a tecnologia é aplicada corretamente.
- Sete: Exterminar a tecnologia incorreta.
- Oito: Eliminar as aplicações incorretas.
- Nove: Fechar as portas a qualquer possibilidade de tecnologia incorreta.
- Dez: Fechar as portas à aplicação incorreta.

Um acima, tem sido feito.

Dois, tem sido atingido por muitos.

Três, é atingido pelo indivíduo que aplica a tecnologia correta de uma forma correta e observa que esta funciona dessa forma.

Quatro, está a ser feito diariamente com sucesso na maioria das partes do mundo.

Cinco, é consistentemente realizado no dia a dia.

Seis, é consistentemente atingido por instrutores e supervisores.

Sete, é feito por uns poucos, mas é um ponto fraco.

Oito, não é trabalhado com força suficiente.

Nove, é impedido pela atitude "razoável" daqueles que não devem muito à inteligência.

Dez, raramente é feito com suficiente ferocidade.



Sete, Oito, Nove e Dez são as únicas áreas em que a Cientologia se pode atolar em qualquer lugar.

As razões para isto não são difíceis de encontrar:

Uma certeza fraca de que funciona em Três acima pode levar a uma fraqueza em Sete, Oito, Nove e Dez.

Além disso, os que não devem muito à inteligência têm um ponto fraco no botão da Autoimportância.

Quanto mais baixo é o Q.I., mais o indivíduo é privado dos frutos da observação.

Os Fac-símiles de Serviço das pessoas fazem-nas defenderem-se contra qualquer coisa que confrontem, boa ou má, procurando tornar essa coisa errada.

O Banco procura eliminar o bem e perpetuar o mal.

Assim nós, como Cientologistas e como organização, temos que estar muito alerta com Sete, Oito, Nove e Dez.

Em todos os anos que eu estive ocupado com a pesquisa mantive as minhas linhas de comunicação completamente abertas para os dados de investigação. Em tempos tive a ideia de que um grupo poderia desenvolver algo de verdadeiro. Um terço de século desenganou-me totalmente dessa ideia. Disposto como eu estava a aceitar sugestões e dados, só uma mão cheia de sugestões (menos de vinte) tiveram valor de longa duração e *nenhuma* era principal ou básica, e quando realmente eu aceitei sugestões principais ou básicas e as usei, nós despistámo-nos e eu arrependi-me e tive por fim que arcar com toda a humilhação.

Por outro lado, tem havido milhares e milhares de sugestões e notas escritas que, se fossem aceites e levadas a cabo, teriam resultado na destruição total de todo o nosso trabalho, bem como da sanidade dos Pcs. Portanto, eu sei o que é que um grupo de pessoas vai fazer e quão insanas elas vão ficar quanto aceitarem a "tecnologia" não funcional. Segundo dados reais, a percentagem de possibilidades de um grupo de seres humanos imaginar má tecnologia para destruir uma boa tecnologia é de cerca de 100.000 para 20. Como conseguimos até hoje avançar sem sugestões, então é melhor fortalecermo-nos para continuarmos a fazê-lo, agora que aqui chegámos. É claro que este ponto vai ser atacado como "impopular", "egoísta" e "não democrático". Pode muito bem ser. Mas também é um ponto de sobrevivência. E eu não vejo que as medidas populares, a auto abnegação e a democracia tenham feito alguma coisa pelo homem, a não ser empurrarem-no mais para a lama. Atualmente a popularidade aconselha novelas degradadas, a auto abnegação encheu as selvas do Sudeste Asiático de ídolos de pedra e cadáveres, e a democracia deu-nos a inflação e o imposto de rendimento.

A nossa tecnologia não foi descoberta por um grupo. Verdade seja dita que, se o grupo não me tivesse apoiado de muitas maneiras, eu também não a teria descoberto. Mas ainda assim, se nos seus estados de formação não foi descoberta por um grupo, então pode assumir-se facilmente que os esforços de um grupo não a acrescentarão nem a alterarão com sucesso no futuro. Eu só posso dizer isto agora que está feita. É claro que resta a classificação ou coordenação de grupo, daquilo que tem sido feito e que vai ser valioso, mas só enquanto não procurar alterar os princípios básicos e aplicações bem-sucedidas.

As contribuições que valeram a pena neste período de formação da tecnologia foram a ajuda na forma de amizade, de defesa, de organização, de disseminação, de aplicação, de conselhos



sobre resultados e de finanças. Estas foram grandes contribuições, e foram e são apreciadas. Muitos milhares contribuíram desta forma e tornaram-nos no que nós somos hoje. A contribuição para a descoberta, contudo, não fez parte da cena geral.

Não vamos especular aqui porque é que isto foi assim, ou como é que eu consegui levantar-me acima do Banco. Só estamos a lidar com factos, e o que foi dito acima é um facto: o grupo, deixado aos seus próprios meios, não teria desenvolvido a Cientologia, tendo-a simplesmente destruído com estranhas dramatizações do Banco chamadas "novas ideias". A apoiar isto está o facto de que o homem nunca desenvolveu anteriormente uma tecnologia mental funcional. Prova disto é a tecnologia maligna que ele *realmente* desenvolveu: a psiquiatria, a psicologia, a cirurgia, o tratamento de choque, os chicotes, a dureza, a punição, etc., até ao infinito.

Portanto, compreendam que nós emergimos da lama por qualquer boa sorte e bom senso, e recusamo-nos a afundar-nos nela outra vez. Assegure-se de que Sete, Oito, Nove e Dez acima são seguidos inflexivelmente e nunca seremos parados. Relaxe, fique razoável acerca deles e nós pereceremos.

Até agora, embora mantivesse completa comunicação com todas as sugestões, não falhei em Sete, Oito, Nove e Dez nas áreas que eu pude supervisionar de perto. Mas não é suficientemente bom ser só eu e uns poucos a trabalhar nisto.

Sempre que este controlo segundo Sete, Oito, Nove e Dez foi relaxado, toda a zona organizacional falhou. Testemunhas disto são Elisabeth, N. J., Wichita, as primeiras organizações e grupos. Eles despenharam-se só porque eu deixei de fazer Sete, Oito, Nove e Dez. Depois, quando estavam todos baralhados, viram-se as "razões" óbvias do fracasso. Mas antes disso pararam de entregar e *isso* envolveu-os com outras razões.

O denominador comum de um grupo é o Banco Reativo. Thetans sem Bancos têm respostas diferentes. Eles *só* têm os seus Bancos em comum. Assim eles só concordam com princípios do Banco. O Banco é idêntico de pessoa para pessoa. Portanto, as ideias construtivas são *individuais* e só muito raramente conseguem concordância num grupo humano. O indivíduo tem que subir *acima* de uma *ânsia de concordância* da parte de um grupo humanoide, para fazer qualquer coisa decente. A Concordância-de-Banco foi o que tornou a Terra num Inferno (e se estava à procura do Inferno e encontrou a Terra, essa certamente que servirá). Guerra, fome, agonia e doença têm sido o destino do Homem. Neste momento, os grandes Governos da Terra desenvolveram os meios de "fritar" todos os Homens, Mulheres e Crianças deste planeta. Isso é Banco. Isso é o resultado da Concordância de Pensamento Coletivo. As coisas decentes e agradáveis deste planeta vêm de ações e ideias *individuais* que foram de alguma forma apanhadas pela Ideia do Grupo. Quanto a isso, olhe como nós próprios somos atacados pela "opinião pública" dos média. No entanto não existe grupo mais ético neste planeta do que nós próprios.

Assim, cada um de nós pode subir acima do domínio do Banco, e então, como grupo de seres libertos, atingir a liberdade e a razão. Só o grupo aberrado, a multidão, é destrutivo.

Quando não faz Sete, Oito, Nove e Dez ativamente, está a trabalhar para a multidão dominada pelo Banco. Pois esta de certeza que irá:

- introduzir tecnologia incorreta e jurar por ela,
- aplicar a tecnologia tão incorretamente quanto possível,
- abrir a porta a qualquer ideia destrutiva e
- encorajar a aplicação incorreta.



É o Banco que diz que o grupo é tudo, e que o indivíduo não é nada. É o Banco que diz que nós temos que falhar.

Portanto não jogue pura e simplesmente esse jogo. Faça Sete, Oito, Nove e Dez e eliminará do seu caminho todos os futuros espinhos.

Aqui está um verdadeiro exemplo em que um executivo superior teve que interferir porque um Pc estava a enlouquecer: Um Supervisor de Caso disse ao Instrutor 'A' para fazer o Auditor 'B' correr o Processo 'X' no Preclaro 'C'. O Auditor 'B' disse depois ao Instrutor 'A' que o processo "não funcionou". O Instrutor 'A' era fraco em Três acima e não acreditava realmente em Sete, Oito, Nove e Dez. Portanto o Instrutor 'A' disse ao Supervisor de Caso: "O Processo X não funcionou no Preclaro 'C'".

Bem, *isto* vai imediatamente contra cada um dos pontos de Um a Seis acima no Preclaro 'C', Auditor 'B', Instrutor 'A' e no Supervisor de Caso. Isto abre a porta à introdução de "nova tecnologia" e ao fracasso.

O que é que aconteceu aqui? O Instrutor 'A' não apertou o pescoço ao Auditor 'B'. Foi isso que aconteceu. Isto é o que ele *deveria* ter feito: ter agarrado no relatório do Auditor e olhado para ele. Quando um executivo superior neste caso o fez, descobriu aquilo que o Supervisor de Caso e o resto não tinham visto: que o Processo 'X' *aumentou* o TA do Preclaro 'C' para 25 divisões de TA na sessão, mas que perto do fim da sessão o Auditor 'B' fez Q&A com uma cognição e abandonou o Processo 'X' quando o TA ainda estava alto e desatou a correr um processo da sua própria autoria que quase enlouqueceu o Preclaro 'C'. Ao examinar isto, descobriu-se que o Q.I. do Auditor 'B' era cerca de 75. Descobriu-se que o Instrutor 'A' tinha grandes ideias sobre nunca se poder invalidar ninguém, nem sequer um lunático. Descobriu-se que o Supervisor de Caso estava "ocupado demais com o trabalho administrativo para ter tempo para casos reais".

Muito bem. Este é um exemplo demasiado típico. O *Instrutor* deveria ter feito Sete, Oito, Nove e Dez. Isto teria começado desta maneira. Auditor 'B': "O Processo 'X' não funcionou". Instrutor 'A': "Exatamente, o que é que *tu* fizeste mal?" Ataque instantâneo. "Onde é que está o teu relatório de sessão? Ótimo. Olha aqui, tu estavas a ter muito TA quando paraste o Processo 'X'. O que é que fizeste?" Então o Pc não teria quase enlouquecido e todos estes quatro teriam garantido a sua certeza.

No espaço de um ano tive quatro ocorrências *num* pequeno grupo em que o processo correto recomendado foi reportado como não tendo funcionado. Mas durante a revisão descobriu-se que cada um tinha: (A) aumentado o TA, (B) sido abandonado e (C) sido falsamente relatado como não funcional. Também, apesar deste abuso, em cada um destes quatro casos o processo recomendado e correto resolveu o caso. Ainda assim eles foram relatados como *não tendo funcionado*!

Existem exemplos semelhantes na instrução, e estes são de todos os mais mortíferos, pois cada vez que a instrução da tecnologia correta falha, então, o erro resultante, não sendo corrigido no auditor, vai perpetuar-se em cada Pc que esse auditor auditar daí em diante. Portanto Sete, Oito, Nove e Dez são ainda mais importantes num curso do que na supervisão de casos.

Eis um exemplo: Um louvor delirante é dado a um estudante que se estava a graduar "porque ele consegue mais TA nos Pcs do que qualquer outro estudante do curso!" São relatados números da ordem de 435 divisões de TA por sessão. Também isso está incluído no louvor: "É claro que a sua sessão modelo é deficiente, mas isto é um dom que ele tem".



Uma revisão cuidadosa é levada a cabo porque *ninguém* nos níveis de 0 a IV irá conseguir tanto TA assim com os Pcs. Descobre-se então que este estudante nunca tinha sido ensinado a ler o quadrante de TA do E-Metro! E não houve nenhum instrutor que tivesse observado o seu manejo do e-metro para descobrir que ele "ultra-compensava" nervosamente o TA, girando-o duas ou três divisões para lá do ponto onde este necessitava estar para colocar a agulha em "set". Portanto toda a gente estava pronta para atirar fora os processos standard e a sessão modelo, porque este estudante "conseguia um TA tão incrível". Eles só liam os relatórios e ouviam as fanfarrônicas, e nunca *olharam* para este estudante. Os Pcs estavam de facto a fazer ganhos ligeiramente abaixo da média, impedidos por uma sessão modelo tosca e processos mal pronunciados. Assim, aquilo que estava a fazer os Pcs vencerem (a verdadeira Cientologia) estava escondido debaixo de um monte de desvios e erros.

Estou a lembrar-me dum estudante que estava a “*esquilar*” (desviar-se para práticas estranhas ou alterar a Cientologia) num curso da Academia e que, depois das horas do curso, andava a auditar outros estudantes na banda total usando um monte de processos não standard. Os estudantes da Academia estavam eletrizados com todas estas novas experiências e não foram rapidamente postos sob controlo. O próprio estudante nunca tinha aprendido os mecanismos Sete, Oito, Nove e Dez de forma a compreendê-los. Subsequentemente, este estudante impediu que outro *esquilo* fosse corrigido e a sua mulher morreu de cancro resultante de abuso físico. Um instrutor duro e inflexível nesse momento, poderia ter salvo dois *esquilos* e poupado a vida a uma rapariga. Mas não, os estudantes tinham o direito de fazer o que mais lhes agradasse.

A *esquilagem* só aparece a partir da não compreensão. Normalmente a não compreensão não é da Cientologia, mas de um contacto anterior com alguma estranha prática humanoide que por sua vez não foi compreendida.

Quando as pessoas não conseguem obter resultados a partir *daquilo que elas pensam* ser a prática standard pode contar-se que *esquilarão*, nalguma medida. A maioria dos sarilhos nos dois últimos anos vieram de Orgs onde um executivo *não conseguia* assimilar a Cientologia correta. Quando se lhes ensinava Cientologia eles eram incapazes de definir termos ou de demonstrar exemplos de princípios. As Orgs onde eles estavam meteram-se em montes de sarilhos. E, pior ainda, isto não pôde ser corrigido facilmente porque nenhuma destas pessoas conseguia ou queria duplicar as instruções. Assim, deu-se um colapso em duas áreas, tendo sido diretamente descobertas na origem, falhas anteriores na instrução.

Portanto, a instrução correta é vital. O DdeT e os seus Instrutores e todos os Instrutores de Cientologia têm que ser impiedosos a pôr Quatro, Sete, Oito, Nove e Dez eficazmente em ação.

Aquele estudante, por mais estúpido e impossível que pareça e sem utilidade para ninguém, pode ainda um dia vir a ser a fonte de incríveis sarilhos porque ninguém esteve suficientemente interessado em se *assegurar* que ele tinha compreendido a Cientologia.

Com aquilo que nós agora sabemos, não há nenhum estudante inscrito que não possa ser corretamente treinado. Como Instrutor, uma pessoa deveria estar muito alerta ao avanço lento, e virar pessoalmente os preguiçosos do avesso. Nenhum *sistema* o vai fazer, só você ou eu, com as mangas arregaçadas, podemos partir as pernas ao mau estudo, e só o podemos fazer com o estudante individual, nunca com uma classe inteira. Ele é lento, logo algo está altamente errado. Tome ações *rápidas* para corrigir isso. Não espere até à semana que vem. Nessa altura ele vai ter outras confusões agarradas. Se não os conseguir graduar apelando ao bom senso, gradue-os num tal estado de choque que eles vão ter pesadelos se contemplarem esquilagem.



Depois a experiência vai gradualmente criar Três neles e eles vão *saber* que é melhor não andarem a apanhar borboletas quando deveriam estar a auditar.

Quando alguém se inscreve, considere que ele aderiu para toda a duração do universo. Nunca permita uma abordagem de "espírito aberto". Se eles vão desistir, deixe-os desistir depressa. Se eles se inscreveram, eles estão a bordo e se estão a bordo, estão aqui nos mesmos termos que nós, para morrer ou vencer na tentativa. Nunca os deixe ficarem indecisos quanto a serem Cientologistas. As melhores organizações da história têm sido organizações duras e dedicadas. Nunca nenhum grupo indeciso de diletantes efeminados alguma vez fez alguma coisa. É um universo duro. O verniz social fá-lo parecer suave. Mas só os tigres sobrevivem, e mesmo *esses* passam um mau bocado. Nós vamos sobreviver porque somos duros e dedicados. Quando nós *realmente* instruímos alguém corretamente, esse alguém se torna cada vez mais um tigre. Quando nós instruímos indecisamente e temos medo de ofender, temos receio de impor, não transformamos os estudantes em bons Cientologistas e isso deixa toda a gente em baixo. Quando a Sra. Queque vem ter connosco para ser ensinada, transforme aquela dúvida vaga nos seus olhos num olhar brilhante, decidido e fixo, ela vai vencer e todos nós venceremos. Apaparique-a e todos nós morreremos um pouco. A atitude correta de instrução é: "tu estás aqui, portanto tu és um Cientologista. Agora vamos transformar-te num auditor especializado, aconteça o que acontecer. Antes queremos ver-te morto do que incapaz".

Alinhe isto ao contexto económico da situação e à falta de tempo adequado e verá a cruz que temos de carregar.

Mas não teremos que a carregar para sempre. Quanto maiores ficarmos, mais tempo e meios teremos para fazer o nosso trabalho. As únicas coisas que nos podem impedir de crescer tão rapidamente são as áreas de Um a Dez. Tenha-as em mente e seremos capazes de crescer, e depressa. E à medida que crescermos, as nossas grilhetas serão cada vez menores. Fracassar em manter Um a Dez fará com que *nós* crescamos menos.

Portanto, o ogre que nos poderia comer não é o Governo nem são os Altos Sacerdotes. É a nossa possível falha de conservar e praticar a nossa tecnologia.

Um Instrutor, Supervisor ou Executivo *tem* que desafiar com ferocidade casos de "não funcionalidade". Eles têm que descobrir o que *realmente* aconteceu, o que *foi* percorrido, o que *realmente* foi feito, ou que não foi feito.

Se tiver Um e Dois, só consegue adquirir Três para todos assegurando-se de todo o resto.

Nós não estamos a jogar algum jogo menor em Cientologia. Não é algo engraçado para fazer à falta de melhor.

Toda a futura agonia deste planeta, todos os seus homens, mulheres e crianças e o seu próprio destino para os próximos triliões de anos sem fim, dependem daquilo que você fizer aqui e agora, dentro e com a Cientologia.

Esta é uma atividade altamente séria. Se fracassarmos em sair da armadilha agora, poderemos nunca mais voltar a ter outra oportunidade.

Lembre-se, esta é a primeira oportunidade para o fazermos em todos os infindáveis triliões de anos do passado. Não a perca agora porque parece desagradável ou antissocial fazer os pontos Sete, Oito, Nove e Dez.

Faça-os e nós venceremos.

L. RON HUBBARD



Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 17 DE JUNHO DE 70R

Reemit.30 Ago.80

Rev.25 de Out.83

KSW Séries 5R

URGENTE E IMPORTANTE

DEGRADAÇÕES TÉCNICAS

Qualquer Folha de Controlo em uso ou guardada que contiver qualquer declaração degradante, tem que ser destruída e reemitida sem qualificação.

Exemplo: As Folhas de Controlo dos Níveis de 0 a IV de SH dizem: "A. Materiais de Informação. Esta seção é incluída como informação histórica, mas tem muito interesse e valor para o estudante. A maioria dos processos já não são usados, tendo sido substituídos por tecnologia mais moderna. Só se exige que o estudante leia estes materiais e se assegure que não deixa mal-entendidos". Este título cobre coisas como TRs, Op Pro by Dup!

A declaração é uma falsidade.

Estas Folhas de Controlo não foram aprovadas por mim, e todo o material dos Cursos da Academia e SH ESTÃO em uso.

Ações como esta deram-nos os "Graus à Pressa", criaram quebras de ARC com o exterior e degradaram os Cursos da Academia e de SH.

Uma condição de TRAIÇÃO, cancelamento de certificados ou despedimento e uma investigação total do passado de qualquer pessoa declarada culpada, serão ativados no caso de cometer os seguintes ALTOS CRIMES:

1. Abreviar um Curso oficial de Dianética e Cientologia de forma a perder qualquer parte da teoria dos processos ou eficácia do assunto.
2. Adicionar comentários ou instruções às Folhas de Controlo rotulando qualquer material de "informação" ou "já não usado" ou "velho" ou qualquer ação semelhante que resulte no estudante não saber, não usar e não aplicar os dados sobre os quais está a ser treinado.
3. Usar depois do dia 1 de Setembro de 1970 qualquer Folha de Controlo para qualquer curso que não seja autorizada por mim ou pela Unidade Internacional da Autoridade de Verificação e de Correção (AVC Int).
4. (As Folhas de Controlo dos Hats podem ser autorizadas localmente segundo HCO PL 30 Set. 70 FORMATO DA FOLHA DE CONTROLO).



5. Não cortar de uma Folha de Controlo que, entretanto, continue em uso, quaisquer comentários como "histórico", "informação", "não usado", "velho", etc., ou DECLARÁ-LO VERBALMENTE AOS ESTUDANTES.
6. Permitir, sem sequer aconselhar ou avaliar, que um Pc ateste segundo a sua vontade mais de um Grau de cada vez.
7. Correr apenas um processo de um Grau inferior entre 0 e IV, quando o EP do Grau não foi atingido.
8. Não usar todos os processos de um nível quando o EP não foi atingido.
9. Gabar-se da rapidez de entrega numa sessão, como "Eu acabo o Grau Zero em 3 minutos", etc.
10. Encurtar o tempo de aplicação da audição por considerações financeiras ou de economia de pessoal.
11. Atuar de qualquer forma calculada para perder o uso da tecnologia de Dianética e Cientologia, impedir o seu uso ou encurtar os seus materiais ou a sua aplicação.

RAZÃO: Nas organizações considerou-se que a melhor forma de fazer os estudantes terminarem os seus cursos e processar os Pcs, é reduzir os materiais ou retirar processos dos Graus. A pressão exercida para acelerar as completações dos estudantes e dos Pcs foi erradamente resolvida simplesmente não entregando os serviços.

A maneira correta de apressar o progresso de um estudante é através do uso de Comunicação nos 2 Sentidos e da aplicação dos materiais de estudo.

A melhor maneira de realmente manejar os Pcs é assegurar-se de que eles fazem cada nível completamente antes de irem para o seguinte e corrigi-los quando não o fazem.

O enigma do declínio da rede inteira de Cientologia no fim dos anos 60 é totalmente explicado pelas ações empreendidas para encurtar o tempo de estudo e de processamento, retirando materiais e suprimindo ações.

A solução para uma recuperação é o uso e a entrega da Dianética e Cientologia completas.

O produto de uma organização é o seguinte: estudantes bem treinados e Pcs auditados a fundo. Quando o produto desaparece, a organização faz o mesmo. E elas têm de sobreviver para bem deste planeta.

L. RON HUBBARD

Fundador



C.- CARTAS E ESCALAS

CARTA DE CLASSIFICAÇÃO, GRADAÇÃO E CONSCIÊNCIA DE NÍVEIS E CERTIFICADOS

COMO USAR ESTA CARTA

Esta Carta descreve a rota para a recuperação humana e expansão máxima da capacidade e poder de cada um como ser espiritual. O campo da recuperação humana pertence à tecnologia da DIANÉTICA. A filosofia da CIENTOLOGIA leva um indivíduo a estados mais altos de ser e de capacidade.

A Carta poderia ser concebida como um mapa de expansão na vida, mostrando em cada nível a realização de um maior potencial. No TREINO, um novo conhecimento e perícia em manejar a vida. Nas CARACTERÍSTICAS DE CONSCIÊNCIA, uma consciência expandida e no PROCESSAMENTO, o atingir de um estado mais alto de beingness.

1. Na tua primeira leitura da Carta és capaz de lhe ter dado uma vista de olhos de uma forma geral, tendo ficado familiarizado com muitas partes dela. Assegura-te, de seguida, de que lês o topo das colunas para aprender o que cada nível descreve. Vais ver que existem três áreas principais, TREINO, CARACTERÍSTICAS DE CONSCIÊNCIA e PROCESSAMENTO, progredindo todas as três para níveis cada vez mais altos. Da mesma forma que cada nível até Clear requer um auditor com um campo adicional de conhecimento e perícia, a cada nível descobrimos também um preclaro pronto para ser percorrido nesse nível, tendo atingido todos os Graus abaixo.

2. Agora, olha para os vários serviços de nível introdutório no fundo da Carta. Nota que estes serviços e atividades de nível introdutório não são obrigatórios, mas que estão lá para ajudar a começar e a ficar-se familiarizado com os fundamentos. Pode tomar-se qualquer uma destas rotas. O registador na tua organização de Cientologia mais próxima pode ajudar-te a seleccionar a melhor de acordo com as tuas necessidades e interesses.

3. Lê horizontalmente cada nível completo da Carta, subindo um nível somente quando estiveres satisfeito com a tua própria compreensão de cada nível conforme descrito. Tu vais assim conseguir uma compreensão completa da direção e magnitude da tecnologia da Dianética e filosofia da Cientologia.

4. No fundo da Carta vais encontrar vários serviços que podem ser feitos em vários pontos do caminho de cada um pela PONTE. Para mais informação acerca destes, fala com o registador na tua organização de Cientologia mais próxima.

5. Lê os livros da tecnologia de Dianética e da filosofia de Cientologia disponíveis em todas as organizações de Cientologia ou livrarias locais, para uma expansão continuada do teu conhecimento e uso dos assuntos.

6. No teu estudo desta Carta (e em qualquer estudo) assegura-te de que não passas por palavras que não compreendas. Usa um bom dicionário. Existe também um DICIONÁRIO TÉCNICO DE DIANÉTICA E CIENTOLOGIA disponível na tua organização de Cientologia.

7. Quando tiveres uma pergunta acerca de algo nesta Carta, consegue sempre uma resposta. Contacta o registador da tua organização de Cientologia mais próxima que é o especialista que te vai ajudar a verificar o teu próximo passo.

Com esta Carta à tua frente tu já fizeste o passo mais importante de todos: contactaste com a verdade e com a rota para a liberdade.



É difícil para o Homem, na sua condição presente, compreender mesmo que existem estados de ser mais elevados. Ele não tinha realmente literatura sobre eles, nem qualquer vocabulário para eles. Em toda a filosofia ele não tinha absolutamente nenhum indício da tecnologia da Dianética e só uma esperança distante para a liberdade espiritual como a que existe na filosofia da Cientologia, mas não tinha absolutamente nenhuma tecnologia.

Na verdade tens estado a viajar neste universo durante muito tempo sem teres um mapa.

Agora tens um.

Põe esta Carta na tua parede. Quando fizeres alguns dos passos, marca-o com “FEITO” e com a data. Descobre o teu próximo passo e marca-o “A SER FEITO” e “QUANDO”. Depois fá-lo. Existe muita ajuda especializada nas Organizações e Missões de Cientologia; não hesites em usá-la.

Observa o teu progresso e continua a avançar.

Vais ter sucesso. Até ao fim.

DEFINIÇÕES

AUDITOR: "Aquele que ouve"; termo para uma pessoa treinada a ajudar indivíduos aplicando os processos standard da tecnologia de cura espiritual da Dianética e da filosofia aplicada da Cientologia.

CLEAR: Um ser que já não tem a sua própria mente reativa.

DIANÉTICA: (Grego, dianoetikos - através da alma; através do pensamento). Apresentada no dia 9 de Maio de 1950, com a publicação do livro DIANÉTICA: A CIÊNCIA MODERNA DA SAÚDE MENTAL, best-seller internacional escrito por L. Ron Hubbard que contém as suas primeiras descobertas acerca da mente, incluindo o primeiro isolamento da fonte primária da aberração e doenças psicossomáticas humanas e uma tecnologia invariável para a sua resolução.

Descobertas principais de pesquisa de 1968 e 1969 resultaram no lançamento da tecnologia de Dianética com um âmbito e capacidade altamente aumentados.

DIANÉTICA DA NOVA ERA (NED): Tecnologia de cura espiritual de Dianética da Nova Era é um sumário e refinamento de tecnologia da Dianética baseado em 30 anos de experiência na aplicação do assunto. Descobertas na pesquisa, feitas em 1978, resultaram numa revisão dos procedimentos existentes e vários percursos de Dianética completamente novos. A eficácia do processamento de Dianética da Nova Era é aumentada em relação às técnicas de Dianética anteriores.

O processamento de Dianética da Nova Era faz um ser humano saudável, feliz e com um alto Q.I. - e em muitos casos um CLEAR.

PRECLARO: Uma pessoa que está a ser auditada na direção de Clear. Nota que uma pessoa pode ser auditada (processada) até ao fim do processamento de Dianética da Nova Era sem treino de auditor.

MENTE REATIVA: A porção da mente que funciona numa base de estímulo - resposta (recebendo um certo estímulo, esta vai dar automaticamente uma certa resposta). Não está debaixo do controlo voluntário (voluntário: que tem a ver com o poder de escolha) da pessoa e exerce força e poder sobre a consciência, propósitos, pensamentos, corpo e ações.

LIBERTO: Aquele que ficou livre de uma dificuldade ou "bloqueio" pessoal que venha da mente. Uma pessoa pode "ficar Liberta" sobre qualquer assunto. Mas os assuntos exatos nos quais uma pessoa tem que ser Liberta para se tornar Clear são aqueles listados nesta carta. Estes chamam-se Libertações dos GRAUS porque são feitos num gradiente exato.

CIENTOLOGIA: (Latim, scio - saber; mais Grego logos - estudar: "saber como saber" ou "o estudo da sabedoria".) Uma filosofia aplicada descoberta, desenvolvida e organizada por L. Ron Hubbard. Esta



filosofia é um corpo de conhecimento que, quando usado corretamente, dá liberdade e verdade ao indivíduo. As aplicações desta filosofia aplicada podem obter-se através das organizações de Cientologia. "SCIENTOLOGY (CIENTOLOGIA)" é uma marca registada e marca de serviço.

THETAN: (Da letra grega theta - símbolo tradicional para pensamento ou espírito.) O próprio ser espiritual, não a mente, corpo, etc.; aquilo que está consciente de estar consciente.

As designações e abreviações como aquelas encontradas no corpo desta carta, são encontradas no Dicionário Técnico de DIANÉTICA E CIENTOLOGIA e nos VOLUMES DE BOLETINS TÉCNICOS, de I até XII.



CLASSE DE AUDITOR	CERTIFICADO	CURSO	PRÉ-REQUISITOS	ENSINA ACERCA DE	ONDE É OBTIDO	RESULTADO FINAL
Classe IV Permanente	HAA (Selo Dourado)	Estágio de Classe IV	HAA (Prov.)	Audição de Classe IV Impecável	Academias de Cientologia	Auditor de Classe IV Impecável
Auditor de Classe IV	Auditor Avançado Hubbard (HAA, Provisório até Estagiar)	Nível IV da Academia de Cientologia	HPA (Classe III) Curso de TRs Pro Método Um**	Audição de Estilo Direto Lidando com Fac-Símeles de Serviço	Academias de Cientologia	Capacidade para Auditar Fac-Símeles de Serviço
Auditor de Classe III	Auditor Profissional Hubbard (HPA, Provisório)	Nível III da Academia de Cientologia	HCA (Classe II) Curso de TRs Pro Método Um**	Audição de Estilo Abreviado Lidando com Perturbações (Quebras de ARC)	Academias de Cientologia	Capacidade para Auditar Comunicação-Nos-Dois-Sentidos, Reabilitações, Audição por Listas, L&N
Auditor de Classe II	Auditor Certificado Hubbard (HCA, Provisório)	Nível II da Academia de Cientologia	HTS (Classe I) Curso de TRs Pro Método Um**	Audição de Estilo de Guia Lidando com Actos Overt e Withholds	Academias de Cientologia	Capacidade para Auditar Overts e Withholds
Auditor de Classe I	Cientologista Treinado Hubbard (HTS, Provisório)	Nível I da Academia de Cientologia	HRS (Classe 0) Curso de TRs Pro Método Um**	Audição de Estilo Amortizado Processamento Objetivo Ajuda e Problemas	Academias de Cientologia	Capacidade para Auditar Objetivos e Processos do Grau I (Ajuda, Problemas)
Auditor de Classe 0	Cientologista Reconhecido Hubbard (HRS, Provisório)	Nível 0 da Academia de Cientologia	O Curso Chapéu do Estudante Curso de TRs Pro Método Um**	Audição de Estilo de Ouvir Memória e Comunicação	Academias de Cientologia	Capacidade para Auditar Fio-Direto de ARC e Processos de Grau 0 (Comunicação)
Não Classificado	Graduado de Tech de Estudo Hubbard	O Curso Chapéu de Estudante	Nenhum (Método Um de Clarificação de Palavras Recomendado)	Tech de Estudo	Organizações e Missões de Cientologia	Um Estudante que Compreende e Aplica Completamente a Tech de Estudo
Não Classificado	Graduado do Curso de TRs Profissionais Hubbard	Curso de TRs Profissionais Hubbard	Nenhum	Teoria e Aplicação Totais do Ciclo de Comunicação	Academias de Cientologia	Capacidade para Confrontar em Sessão e na Vida e para Controlar Comunicação

**Método Um de Clarificação de Palavras é um requisito para o treino a este Nível, exceto quando posto de parte por um C/S qualificado, conforme coberto na HCO PL 25 Set 79RA, Rev. 20.7.83, MÉTODO UM DE CLARIFICAÇÃO DE PALAVRAS.

D.- CÓDIGOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 14 DE OUTUBRO DE 1968RA

Rev. 19.6.80

(Também HCOB 19.6.80)

O CÓDIGO DO AUDITOR

AD18

Celebrando os 100% de Vitórias alcançáveis com a Tecnologia Standard prometo, como auditor, seguir o Código do Auditor.

- 1- Prometo não avaliar pelo preclaro nem lhe dizer o que ele deve pensar sobre o seu caso, em sessão.
- 2- Prometo não invalidar nem o caso nem os ganhos do preclaro, dentro ou fora de sessão.
- 3- Prometo não ministrar a um preclaro nada mais a não ser Tecnologia Standard de uma forma standard.
- 4- Prometo respeitar todas as marcações de audição, uma vez feitas.
- 5- Prometo não auditar um preclaro que esteja cansado ou não tenha tido repouso suficiente.
- 6- Prometo não auditar um preclaro que não esteja suficientemente alimentado ou que esteja com fome.
- 7- Prometo não permitir uma mudança frequente de auditores.
- 8- Prometo não entrar em empatia para com um preclaro, mas sim, ser eficiente.
- 9- Prometo não permitir que o preclaro termine a sessão por sua própria determinação, mas sim terminar os ciclos que iniciei.
- 10- Prometo nunca abandonar um preclaro em sessão.
- 11- Prometo nunca me encolerizar com um preclaro em sessão.
- 12- Prometo auditar cada ação maior do caso até à sua agulha flutuante.
- 13- Prometo nunca auditar qualquer ação individual para além da sua agulha flutuante.
- 14- Prometo conceder condição de ser ao preclaro em sessão.
- 15- Prometo não misturar os processos de Cientologia com outras práticas, exceto quando o preclaro estiver fisicamente doente e convierem unicamente cuidados médicos.
- 16- Prometo manter a Comunicação com o preclaro em sessão e não cortar a sua comunicação nem o deixar fazer Overrun em sessão.
- 17- Prometo não introduzir comentários, expressões ou perturbações numa sessão que distraiam um preclaro do seu caso.
- 18- Prometo continuar a dar ao preclaro, em sessão, o processo ou o comando de audição sempre que necessário.



- 19- Prometo não deixar um preclaro executar um comando mal compreendido.
- 20- Prometo não explicar, justificar ou pedir desculpas em sessão, por qualquer erro, quer real quer imaginário, de um auditor.
- 21- Prometo só avaliar o estado do caso corrente de um preclaro através dos dados Standard da Supervisão de Caso e a não divergir por qualquer diferença imaginária no caso.
- 22- Prometo nunca usar os segredos de um preclaro divulgados em sessão para punição ou ganho pessoal.
- 23- Prometo assegurar que quaisquer honorários recebidos para processamento sejam reembolsados, se o preclaro não estiver satisfeito e o exigir dentro de um período de três meses após o dito processamento, sendo a única condição que ele não pode ser de novo processado ou treinado.
- 24- Prometo não preconizar o uso da Cientologia unicamente para a cura de doenças ou para tratar os doentes mentais, sabendo bem que ela tem como objetivo o melhoramento espiritual.
- 25- Prometo cooperar totalmente com as organizações legais de Dianética e Cientologia, tal como desenvolvidas por L. Ron Hubbard, na salvaguarda do uso e prática ética do assunto, de acordo com as bases da Tecnologia Standard
- 26- Prometo recusar-me a permitir que qualquer ser seja fisicamente maltratado, violentamente estropiado, operado ou morto em nome de "tratamento mental".
- 27- Prometo não permitir liberdades sexuais ou violação dos mentalmente diminuídos.
- 28- Prometo recusar-me a admitir nas fileiras de praticantes qualquer ser mentalmente doente.

Auditor _____

Data _____

Testemunha _____ Lugar _____

LRH.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

CARTA POLÍTICA DO HCO DE 5 DE FEVEREIRO DE 1969R

REVISTA 15 MAIO 1973

Remimeo

POLÍTICA DE IMPRENSA

O CÓDIGO DE UM CIENTOLOGISTA

O Código de um Cientologista, segundo "A Criação da Capacidade Humana" é retirado. Ele é reemitido como se segue:

Como um Cientologista, eu submeto-me ao Código da Cientologia para o bem de todos.

1. Manter os Cientologistas, o Público e a imprensa informados precisamente em relação à Cientologia, o mundo da Saúde Mental e a Sociedade.
2. Usar a Cientologia o melhor que eu sei ao melhor das minhas capacidades para ajudar a minha família, amigos, grupos e o mundo.
3. Recusar-me a aceitar para processamento e recusar-me a aceitar dinheiro de um preclaro ou grupo que eu honestamente sinta não poder ajudar.
4. Desacreditar e fazer tudo o que puder para abolir todo e qualquer abuso contra a vida e contra a Humanidade.
5. Expor e ajudar a abolir toda e qualquer prática fisicamente nociva no campo da Saúde Mental.
6. Ajudar a limpar e a manter limpo o campo da Saúde Mental.
7. Criar uma atmosfera de segurança e tranquilidade no campo da Saúde Mental, erradicando os abusos e brutalidades.
8. Apoiar esforços verdadeiramente Humanitários nos campos dos Direitos Humanos.
9. Abraçar a política de justiça igual para todos.
10. Trabalhar para a liberdade de expressão no mundo.
11. Desacreditar ativamente a supressão do conhecimento, sabedoria, filosofia ou dados que possam ajudar a Humanidade.
12. Apoiar a liberdade de religião.
13. Ajudar as organizações e grupos de Cientologia a se aliarem com grupos públicos.
14. Ensinar a Cientologia a um nível que possa ser compreendida e usada pelos recetores.
15. Dar ênfase à liberdade para usar a Cientologia como filosofia em todas as suas aplicações e variações nas Ciências Humanas.
16. Insistir sobre Cientologia standard e não alterada, como atividade aplicada, em ética, processamento e administração nas organizações de Cientologia.
17. Assumir a minha parte de responsabilidade pelo impacto da Cientologia no mundo.



18. Aumentar os números e força da Cientologia pelo mundo inteiro.
19. Dar o exemplo da eficácia e sabedoria da Cientologia.
20. Tornar este mundo num lugar mais são e melhor.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



E.- DADOS PRÁTICOS

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 DE MAIO DE 1968

Remimeo

TRs DE DOCTRINAÇÃO SUPERIOR

Os TRs seguintes são os TRs de Doutrinação Superior de 6 a 9, inclusive.

Número: TR 6

Nome: 8-C (Controlo do Corpo)

Comandos: Não-verbais durante a primeira metade da sessão de treino. Na primeira metade da sessão de treino o estudante guia silenciosamente o corpo do treinador pela sala, sem tocar as paredes, começando, mudando e parando silenciosamente o corpo do treinador. Quando dominou totalmente o 8-C não verbal, o estudante pode começar com o 8-C verbal.

Os comandos a serem usados para o 8-C são:

"Olha para aquela parede". "Obrigado."

"Caminha até aquela parede". "Obrigado."

"Toca nessa parede". "Obrigado."

"Volta-te". "Obrigado."

Posição: O estudante e o treinador andam lado a lado, o estudante sempre no lado direito do treinador, exceto ao virar.

Propósito: Primeira parte: Acostumar o estudante a mover outro corpo que não o seu, sem comunicação verbal. Segunda parte: Acostumar o estudante a mover outro corpo dando, e só enquanto dá os comandos, e também aos próprios comandos de 8-C.

Ênfase do Treino: Precisão completa e seca de movimentos e comandos. O estudante, como em qualquer outro TR, é reprovado (Falhou) tanto no TR corrente como nos TRs anteriores. Assim, neste caso, o treinador dá falha ao estudante por cada hesitação ou nervosismo ao deslocar o corpo, por cada engano no comando, por confronto deficiente, por má comunicação do comando, por acusar de receção deficiente, por má repetição do comando e falta de manejar uma originação do treinador. Atenção para que o estudante aprenda a conduzir levemente todos os movimentos ao andar pela sala, ou através da sala. Ver-se-á que isto tem muito a ver com confronto. Na primeira parte da sessão não é permitido ao estudante levar o treinador de encontro à parede pois nesse momento as paredes tornam-se paragens automáticas e não é o estudante a parar o corpo do treinador, permitindo que a parede o faça por ele.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Camden, New Jersey em Outubro de 1953, modificado em Julho de 1957 em Washington, D.C., sendo os comandos modificados no HCOB 16 Nov. 1965, Emissão II.



Número: TR 7

Nome: Doutrinação Superior.

Comandos: Os mesmos que do 8-C (controle) mas com o estudante em contacto físico com o treinador. O estudante força os comandos através de condução manual. Há só três declarações do treinador a que o estudante tem que ligar: "Começa" para começar a sessão de treino, "Falhou" para chamar a atenção do estudante para o seu erro e "Pronto" para acabar a sessão de treino. Nenhum outro comentário do treinador é relevante para o estudante. O treinador tenta parar o estudante de exercer controlo sobre si de todas as maneiras possíveis, verbais, encobertas e físicas. Se o estudante tropeçar, tiver um atraso de comunicação, se se atrapalhar com um comando ou o treinador falhar a execução do mesmo, o treinador diz: "Falhou!" e eles recomeçam no início do ciclo de comandos no qual o erro ocorreu. Não é permitido ao treinador atirar-se para o chão.

Posição: Estudante e Treinador ambulantes. O estudante maneja o treinador fisicamente.

Propósito: Treinar o estudante a nunca ser parado por uma pessoa quando ele lhe dá o comando. Treiná-lo a exercer um bom controle em quaisquer circunstâncias. Ensinar-lhe a manejar pessoas rebeldes. Criar nele a disposição de manejar as outras pessoas.

Ênfase do Treino: Dar ênfase à precisão do estudante e sua persistência. Começar a endurecer gradualmente a resistência do estudante. Não o matar imediatamente.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Inglaterra, em 1956.

Número: TR 8

Nome: Tom 40 num Objeto.

Comandos: "Levanta-te". "Obrigado". "Senta-te nessa cadeira". "Obrigado". Estes são os únicos comandos utilizados.

Posição: Estudante está sentado numa cadeira em frente de outra cadeira que tem em cima um cinzeiro. O treinador senta-se numa cadeira na frente das cadeiras ocupadas pelo estudante e pelo cinzeiro.

Propósito: Levar o estudante a conseguir claramente comandos em Tom 40. Clarificar como as intenções são diferentes das palavras. Iniciar o estudante no caminho de manejar objetos e pessoas com postulados. Obter obediência, mas não inteiramente baseada em comandos verbais.

Ênfase do Treino: O TR 8 é começado com o estudante a pegar no cinzeiro, dando-lhe os comandos que ele faz executar manualmente. Sob o título de ênfase do treino são incluídas as várias maneiras e meios de levar o estudante a atingir os objetivos neste passo do treino. Durante as primeiras partes deste exercício, digamos a primeira sessão de treino, o estudante deverá ser treinado nas partes básicas do exercício, uma de cada vez. Primeiro, localizar o espaço que o inclui a ele próprio e ao cinzeiro, **mas não mais do que isso**. Segundo, localizar o objeto nesse espaço. Terceiro, comandar o objeto na mais alta voz possível que ele possa dominar. Isto chama-se gritar. A linguagem do treinador seria algo deste tipo: "Localiza o espaço". "Localiza o objeto nesse espaço". "Comanda-o tão alto quanto puderes". "Acusa-lhe a receção tão alto quanto puderes". "Comanda-o tão alto quanto puderes". "Acusa-lhe a receção tão alto quanto puderes". Isso completaria dois ciclos de ação. Quando gritar estiver completo, então o estudante vai para um tom de voz normal com muita atenção do treinador ao estudante ao fazer a *intenção* chegar até ao objeto. Depois põe o estudante a fazer o exercício usando os comandos errados. Exemplo: dizer "Obrigado" enquanto está a colocar no objeto a intenção de se levantar, etc. Depois faz o



estudante exercitar-se silenciosamente, pondo a intenção no objeto sem nem sequer pensar nas palavras dos comandos ou de acusar a receção. O passo final seria o treinador dizer: "Começa" e nada mais que o treinador dissesse seria relevante para o estudante, exceto "Falhou" e "Pronto". Aqui o treinador tentaria distrair o estudante usando todos os meios verbais possíveis para o tirar (o estudante) do Tom 40. Fisicamente não seria mais do que tocar no joelho ou no ombro o estudante para conseguir a sua atenção. Quando o estudante conseguir manter o Tom 40 e puser uma intenção limpa no objeto em cada comando e cada acusar de receção, o exercício está esgotado.

Existem outras maneiras de ajudar o estudante a passar através disto. Ocasionalmente o treinador pergunta:

"Estás disposto a estar naquele cinzeiro?" Quando o estudante responde:

"Estás disposto a que um pensamento esteja lá em vez de ti?" Então o exercício continua. As respostas a estas duas perguntas não são tão importantes, mas sim o facto de trazer esta ideia à atenção do estudante.

Outra pergunta que o treinador fará ao estudante é:

"Esperavas mesmo que o cinzeiro cumprisse esse comando?"

Este é um exercício que aumentará muito a realidade do estudante sobre o que é que uma intenção. O treinador pode usar este exercício três ou quatro vezes durante o treino de Tom 40 sobre um objeto, da seguinte maneira:

"Pensa o pensamento: "Eu sou uma flor silvestre". "Ótimo".

"Pensa o pensamento de que estás sentado numa cadeira". "Ótimo".

"Imagina esse pensamento dentro daquele cinzeiro". "Ótimo".

"Imagina aquele cinzeiro com esse pensamento na sua substância". "Ótimo".

"Agora leva o cinzeiro a pensar que é um cinzeiro". "Ótimo".

"Leva o cinzeiro a tencionar continuar a ser um cinzeiro". "Ótimo".

"Leva o cinzeiro a tencionar ficar onde está". "Ótimo".

"Manda o cinzeiro terminar esse ciclo". "Ótimo".

"Põe no cinzeiro a intenção de ficar onde está". "Ótimo".

Isto também ajuda o estudante a obter realidade sobre colocar uma intenção em algo separado dele próprio. Sublinha que uma intenção não tem nada a ver com palavras e não tem nada a ver com a voz, e nem sequer depende de pensar em certas palavras. Uma intenção tem que ser clara e não conter qualquer contra intenção. Este exercício, Tom 40 sobre um Objeto leva normalmente mais tempo do que qualquer outro de Doutrinação Superior, mas o tempo gasto é bem gasto. Os objetos a serem usados são cinzeiros, de preferência de vidro, pesados e coloridos.

História: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., em 1957 para treinar os estudantes a usar a intenção quando auditam.

Número: TR 9



Nome: Tom 40 sobre uma Pessoa.

Comandos: Os mesmos de 8-C (Controlo). O estudante gera uma intenção boa e nítida e ordens verbais sobre o treinador. O treinador tenta quebrar o Tom 40 do estudante. Os comandos válidos do treinador são: "Começa" para começar. "Falhou" para chamar a atenção para o erro do estudante e para dizer que eles têm que voltar ao início do ciclo, e "Pronto" para fazer um intervalo ou para acabar a sessão de treino. Nenhuma outra declaração do treinador é válida para o estudante e é apenas um esforço para arrancar o estudante do Tom 40 ou para o parar em geral.

Posição: Estudante e treinador ambulantes. O estudante em contacto manual com o treinador conforme necessário.

Propósito: Tornar o estudante capaz de manter o Tom 40 sob qualquer pressão ou dureza.

Ênfase do Treino: Deve ser usada pelo estudante a quantidade exata de esforço físico mais uma intenção compulsória, não verbalizada. Não são permitidas lutas e puxões, visto que cada puxão é uma paragem. O estudante tem que aprender a aumentar suave e rapidamente o esforço necessário para levar o treinador a obedecer. A atenção é na intenção exata, força exata necessárias, Tom 40 exato. Até um ligeiro sorriso do estudante pode ser uma Falha. Força demais deve ser reprovada. Força a menos é com certeza reprovada. Qualquer coisa que não seja Tom 40 é uma Falha. Aqui o treinador deverá verificar muito cuidadosamente a capacidade do estudante para colocar uma intenção no treinador. Isto pode ser verificado pelo treinador, pois o treinador ver-se-á “obrigado” a cumprir o comando, quase quer ele queira quer não, se o estudante fizer realmente passar a sua intenção. Uma vez o treinador satisfeito com a capacidade do estudante para passar a sua intenção, o treinador deverá então fazer tudo o que puder para quebrar o Tom 40 do estudante, especialmente através de surpresas e mudanças de ritmo. Assim o estudante será levado a uma maior tolerância e rápida recuperação de uma surpresa.

História: Desenvolvido em Washington, D.C., em 1957, por L. Ron Hubbard.

O propósito destes quatro exercícios de treino, TRs 6, 7, 8 e 9, é criar no estudante uma disposição e uma capacidade de manejar e controlar corpos de outras pessoas, e de confrontar alegremente outra pessoa enquanto dá comandos a essa mesma pessoa. Também para manter um alto nível de controlo em quaisquer circunstâncias.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 24 DE MAIO DE 1968

Remimeo

TREINAMENTO

A fim de o ajudar tanto quanto possível nos cursos na função de treinador, encontra em baixo alguns dados:

1. *Treine com um propósito*

a) Ao treinar, mantenha o objetivo de o estudante vir a fazer o exercício de treino corretamente; mantenha o propósito de trabalhar para alcançar esta meta. Como treinador, quando corrigir o estudante não o faça sem razão ou objetivo. Tenha em mente o propósito de o estudante obter uma melhor compreensão do exercício de treino, e de o fazer o melhor que puder.

2. *Treine com **realidade***

a) Seja realista no seu treino. Quando der uma Originação a um estudante, faça uma verdadeira Originação e não apenas uma coisa que a folha diz que deve dizer; para que tudo se passe como se o estudante tivesse que a manejar, exatamente como você a disse, em condições e circunstâncias reais. Isto não quer, no entanto, dizer que sinta realmente, ao treinar, as coisas que está a dizer, como quando, por exemplo diz: “dói-me esta perna”. Isto não significa que a perna tenha que doer, mas deve dizê-lo de forma a transmitir ao estudante a ideia de que lhe dói a perna. Outra coisa: não use experiências do passado no treino. Seja imaginativo no presente.

3. *Treine com uma **intenção***

a) Subjacente a todo o treino deverá estar a intenção de, ao terminar a sessão, o estudante ter a consciência de estar no fim melhor do que no princípio. O estudante deve sentir que realizou alguma coisa nesse passo do treino, por pouco que seja. Enquanto treina, a sua intenção é, e deverá sempre ser, que o estudante em treino fique mais capaz, e que tenha uma melhor compreensão daquilo em que está a ser treinado.

4. *No treino, tome uma coisa de cada vez*

a) Por exemplo: Ao usar o TR 4, se o estudante atinge a meta fixada para o TR 4, verifique então os TRs precedentes, um de cada vez. Ele está a confrontar? Cada vez que ele origina a pergunta é como se fosse dele próprio e tem mesmo a intenção que você a receba? Ao acusar a receção termine o ciclo de comunicação, etc. Mas treine estas coisas uma de cada vez; nunca duas ou mais ao mesmo tempo. Assegure-se que



o estudante faz corretamente cada coisa antes de passar ao passo seguinte do treino. Quanto melhor um estudante executar um certo exercício ou parte dum exercício pedido, você, como treinador, maior destreza deve exigir dele. Isto não significa “nunca estar satisfeito”. Significa sim que uma pessoa pode sempre melhorar e que, depois de alcançar uma certa plataforma de capacidade, deve trabalhar para alcançar uma nova plataforma.

Como treinador, deve sempre trabalhar com vista a dar treino melhor e mais preciso. Nunca se permita fazer um trabalho descuidado como treinador, porque estaria a prestar um mau serviço ao seu estudante, e duvidamos que gostasse que lhe prestassem a si um mau serviço desses. Se alguma vez tiver dúvidas acerca da correção do que ele ou você está a fazer, melhor será perguntar ao Supervisor. Ele terá muito gosto em ajudar, indicando os materiais corretos.

Ao treinar nunca dê uma opinião como tal, mas sempre as suas instruções com uma afirmação direta, em vez de dizer “penso que” ou “Bem, talvez deva ser desta forma”, etc.

Como treinador, você é o primeiro responsável pela sessão e pelos resultados obtidos pelo estudante. Isto não significa, é claro, que seja totalmente responsável, mas você tem mesmo responsabilidade para com o estudante e a sessão. Certifique-se de que mantém sempre um bom controlo sobre o estudante e dê-lhe boas diretivas.

De vez em quando, ao fazer algo incorreto, o estudante começará a racionalizar e a justificar o que está a fazer. Dará razões e porquês. Falar extensamente sobre essas coisas não adianta muito. A única coisa que realmente chega às metas do TR e soluciona qualquer divergência é fazer a Rotina de Treino. Fazê-lo leva mais longe do que falar sobre ele.

Nos exercícios de treino o treinador deve treinar com os materiais dados sob os títulos “Ênfase do Treino” e “Propósito” da folha de treino.

Estes exercícios de treino têm ocasionalmente a tendência de perturbar o estudante. Durante um exercício existe a possibilidade do estudante se zangar, ficar extremamente perturbado ou sofrer qualquer má-emoção. Se isto ocorrer, o treinador não deve “recuar”. Deve continuar com o exercício de treino até ele o poder fazer sem tensão nem coação, e sentir-se “bem com ele”. Portanto, não “recue”, mas empurre o estudante através de quaisquer dificuldades que ele possa ter.

Há uma pequena coisa que a maioria das pessoas se esquecem de fazer, que é, quando o estudante executou bem o exercício ou fez um bom trabalho num passo particular, dizer-lhe que o fez. Além de corrigir os erros também se deve louvar a correção.

Dê “falha” muito decididamente ao estudante por qualquer coisa que se traduza em “auto-treino”. A razão é que o estudante terá tendência a introverter-se e olhará demasiado para o que está a fazer e como o está a fazer em vez de simplesmente o fazer.

Como treinador mantenha a sua atenção no estudante e em como ele vai, e não tanto no que você próprio está a fazer, o que o faria esquecer o estudante e a sua consciência da capacidade ou incapacidade dele de fazer o exercício corretamente. É fácil ficar “interessante” para um estudante, fazê-lo rir e representar um pouco.



Porém o seu trabalho principal como treinador é verificar a que ponto ele se pode tornar capaz em cada exercício de treino, e é nisso que tem que ter a sua atenção; nisso e em como ele vai.

Em larga medida, os progressos do estudante são determinados pelo nível do treino. Ser um bom treinador produz auditores que, por seu turno, produzirão bons resultados nos preclaros. Bons resultados produzem pessoas melhores.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 13 DE NOVEMBRO DE 1981

Remimeo
Tech
Qual
Div VI
Missões
Auditores de Grupos
Curso de Auditores de Grupos
Curso de Exercícios de Assessment

(Cancela o BTB 27 Julho 77 emissão I
O QUE É TOM 40)

O QUE É TOM 40

“Tom 40” refere-se ao tom mais elevado (40) mostrado na escala dos vários níveis de tom para um thetan. (Ref: HCOB 25 Set 71RB, Rev. 1.4.78, ESCALA DE TOM COMPLETA)

O termo “Tom 40” tal como o usamos para descrever uma ação, é mais simplesmente definido com:

UMA EXECUÇÃO DE INTENÇÃO

(*Execução* Neste contexto, significa: realizar, conseguir, cumprir. *Intenção*= uma ideia de que se vai realizar -fazer-algo; é a direção positiva de uma ideia. Uma intenção não é palavras, nem depende de palavras.)

Para defini-lo mais detalhadamente:

O Tom 40 é um postulado positivo sem se esperar um pensamento contrário, antecipado ou qualquer outra coisa; Isto é, controle total.

Também pode ser definido como dando um comando e simplesmente saber que ele será executado, apesar de qualquer aparência em contrário. Em outras palavras, o Tom 40 é postular positivamente.

Uma intenção de Tom 40 não inclui mais nada - especificamente, nenhuma intenção contrária. (Uma intenção contrária é toda a intenção que se opõe a uma intenção.) Em Tom 40, qualquer emoção é uma emoção negativa.

Para se para atingir uma intenção Tom 40, tem de se ter uma realidade sobre o espaço; caso contrário, não há lugar onde criar uma intenção. Na verdade, no Tone 40, tem-se espaço ilimitado à vontade. Isso não significa "o espaço maior de todos" (o que aconteceria em cerca de Tom 20 ou 22). Significa espaço à vontade.

Tem de se ter uma realidade sobre os objetos e outros seres; de outro modo não existe nenhum terminal em quem criar uma intenção.

Tem de ser real que se consegue criar um efeito em um determinado espaço, e tem de se ser capaz de criar esse efeito sem qualquer risco.

E, como a execução de uma intenção de Tom 40 é, em essência, controle total, o confronto está associado a isto. A capacidade de controlar é, em grande parte, dependente da capacidade de confrontar.



AUDIÇÃO TOM 40

Audição Tom 40 é definida como: Audição positiva, conhecedora, previsível por uma fonte de controle conhecida sobre a vontade do PC de estar em causa a respeito de seu corpo e da sua atenção.

Toda a audição Tom 40 é feita completamente no tempo presente, sem lembrar ou antecipar. Observa-se e maneja-se em tempo presente.

Um acuso de recepção de Tom 40 termina totalmente o ciclo de ação e termina totalmente a criação da intenção. Em outras palavras, ele termina o ciclo completamente e também reconhece tudo o que tanto o auditor como o PC fizeram, quer se tratasse de uma ação tom 40, execução de um comando ou reação do banco. Um verdadeiro acuso de recepção Tom 40 termina todas as ações precedentes.

Há três partes do homem: Thetan, Mente, Corpo.

Não se pode danificar um thetan exercendo controle Tom 40 sobre ele.

O acima é um breve resumo de dados estáveis sobre o Tom 40. Há consideravelmente mais dados sobre este assunto a serem estudados e conhecidos, incluindo exercícios sobre o uso de intenção Tom 40, que podem ser encontrados nas obras completas da Cientologia. Segue-se uma lista de algumas das principais referências sobre o assunto:

Livro: CIENTOLOGIA 0-8, O LIVRO DOS FUNDAMENTOS

Livro: CIÊNCIA DA SOBREVIVÊNCIA

Livro: PROCEDIMENTOS AVANÇADOS E AXIOMAS

Volumes Técnicos, especialmente Vols. I, II e III

HCOB 25 Set. 71RB, Rev. 1.4.78, ESCALA DE TOM COMPLETA

PAB (Boletim do Auditor Profissional) N.ºs: 133, 134, 135, 137, 147, 151, 152, 153, 154

Secretariado do Diretor Executivo, Abril 20, 1959, MATERIAL DO CHAPÉU DE UPPER INDOC

HCOB 8 Abr. 57 AUDIÇÃO DE GRUPO

HCOB 11 Jun. 57 TREINO E PROCESSOS CCH

Reinst. 12.5.72

HCOB 2 Abr. 58 ARC NO CURSO DE COMUNICAÇÃO

HCOB 15 Out AD8 PROCEDIMENTO DE CLEAR DO ACC

HCOB 23 Ago 65 ABREVIATURAS E SÍMBOLOS DE DIANÉTICA E CIENTOLOGIA

HCOB 1 Dez 65 CCHs

HCOB 7 Maio 68 TRs UPPER INDOC

HCOB 22 Abr. 80 EXERCÍCIOS DE ASSESSMENT

PALESTRA 5707C25 ESCALAS (ESCALA DE EFEITO)

L. RON HUBBARD

FUNDADOR

Aceite pelo

CONSELHO DE DIRETORES

da

IGREJA DE CIENTOLOGIA

DE CALIFÓRNIA



H.- DADOS SOBRE AUDIÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOPL DE 27 DE MAIO DE 1965

Divs Qual & Tech

TODOS OS CURSOS

Div. HCO

TODOS OS CURSOS

PROCESSAMENTO

Desde 1950 que a regra férrea é não deixar Pcs em apuros só para terminar uma sessão.

Durante quinze anos continuámos sempre uma sessão em que o Pc se encontrava em dificuldades e eu próprio auditei um Pc durante nove *horas adicionais*, de facto toda a noite, só para levar o Pc através da dificuldade.

Auditores mais novos, que não foram treinados na dura escola de correr engramas, têm que aprender tudo isto de novo.

Não importa se o auditor foi ou não regulamentado sobre isto, pensamos que bastaria decência comum, pois deixar um Pc no meio de um secundário ou de um engrama e apenas acabar friamente a sessão é bastante cruel. Alguns fazem isto porque ficam espantados ou têm medo e raspam-se (fogem terminando a sessão).

Os auditores que terminam ou mudam um processo quando ele ligou um forte somático, são igualmente ignorantes.

O QUE O FAZ LIGAR FÁ-LO-Á DESLIGAR

Esta é a mais antiga regra de audição.

Claro que as pessoas que entram em secundários e engramas, atravessam emoções negativas e fortes somáticos. Isto acontece porque as coisas se estão a *esgotar*. Terminar um processo ou sessão por causa das horas, é ignorar o verdadeiro propósito da audição

As mais antigas regras que temos são:

- (a) LEVAR O PC A ATRAVESSÁ-LO
- (b) O QUE O FAZ LIGAR FÁ-LO-Á DESLIGAR
- (c) A SAÍDA É ATRAVÉS

Elas ficam expressas em HCOPL.

Um relatório de auditor falsificado é também sujeito a Tribunal de Ética.

Qualquer auditor que viole esta HCOPL fica sujeito a um imediato Tribunal de Ética convocado dentro das 24 horas seguintes à ofensa, ou urgentemente, logo que possível.

NÃO HÁ PROCESSO QUE NÃO FUNCIONE QUANDO EXATAMENTE APLICADO.



Por isso, aos olhos da Ética, todas as falhas de audição são falhas de Ética; PTSs, Pessoas Supressivas como Pcs, ou não cumprimento da Tech por auditores.

E a primeira afronta que um auditor pode cometer é cessar de auditar quando ele é mais necessário ao seu Pc.

Daqui que é a mais importante consideração da Ética evitar tais ocorrências.

Então faremos Pcs felizes, Libertos e Claros.

L RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 30 DE ABRIL DE 69

CONFIANÇA NO AUDITOR

Um Pc tende para a capacidade de confrontar na proporção em que se sente seguro.

Se o Pc está a ser auditado num ambiente inseguro de audição, ou sujeito a interrupções, o seu confronto decresce grandemente e o resultado é uma capacidade reduzida de escoar elos, secundários e engramas, e apagá-los.

Se os TRs do Auditor são maus e a sua atitude é incerta ou de desafio, avaliativa ou invalidativa, o confronto do Pc reduz-se a zero ou pior.

Isto provém dum conjunto de leis muito antigas (Tese Original):

Auditor+Pc maior do que banco,

Auditor+Banco maior do que o pc,

PC-Auditor menor do que o Banco.

(Por "banco" quer-se dizer a colecção de quadros de imagem mental do Pc. Este termo foi tirado da tecnologia de computador onde todos os dados estão num "banco").

A diferença entre auditores não é o facto de um ter mais dados do que outro, ou mais truques. A diferença é que um auditor conseguirá melhores resultados do que outro devido á sua adesão mais estrita aos procedimentos, a melhores TRs, a uma maior confiança e à mais estreita observância do Código do Auditor.

Não há necessidade de qualquer "forma maternal" ou expressão de compaixão. Simplesmente, um auditor que sabe os procedimentos e tem bons TRs, inspira mais confiança. O Pc não precisa pôr a atenção no auditor, ou arcar com ele, e sente-se mais seguro, podendo assim confrontar melhor o banco.

L. RON HUBBARD
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 21 DE MARÇO DE 1974

Remimeo
Todos os Auditores
Classe VIII

FENÓMENOS FINAIS

(Ref. HCOB 20 Fev. 70, F/Ns e EPs)

Diferentes tipos de audição pedem diferentes manejos dos Fenómenos Finais.

Os Fenómenos Finais também variarão, dependendo do que se está a percorrer.

A definição de FENÓMENO FINAL É: "AQUELES INDICADORES DO INDIVÍDUO E DO E-METRO QUE MOSTRAM QUE UMA CADEIA OU PROCESSO ESTÁ TERMINADO". A má aplicação desta definição pode resultar em correr de menos, ou de mais, processos ou ações, deixando o indivíduo enredado em carga ultrapassada.

TIPOS DE EPs

Nos Processos de Poder o auditor espera por um EP *específico* e não indica uma F/N até ter conseguido o EP específico do processo. Deixar passar isto em Poder é desastroso, consequentemente os auditores que aplicam estes processos são exercitados e exercitados no manejo dos EPs de "Poder".

Em Dianética, o EP de uma cadeia é apagamento, acompanhado duma F/N, cognição e bons indicadores (e também do postulado - Ndt). Não se esperariam, necessariamente, indicadores estrondosos duma pessoa no meio de uma assistência., sob tensão emocional ou física, até a assistência. ser completada. O que se esperaria seria a cadeia explodida, com uma F/N. Estas duas coisas são, por si só, bons indicadores. A cognição poderia ser simplesmente "a cadeia explodiu".

Em Cientologia, os Fenómenos Finais variam com o que se está a auditar. Um Pc com uma quebra de ARC numa L1C, irá soltar carga e subir de tom gradualmente, conforme cada linha com reação é tratada. Por vezes, surgem com uma imensa e espetacular cognição, com VVGIs e F/N de mostrador inteiro, mas isto usualmente após a carga ter sido retirada numa gradação. O que se espera é uma F/N, quando a carga for removida.

Nos Rudimentos, é a mesma ideia. Quando você obtém a sua F/N e a carga sai, indique a F/N. Não continue a empurrar o Pc para algum "EP". Já o obteve.

Agora, um processo de grau principal correrá até F/N, Cog, VGIs e liberação. Uma capacidade será recuperada. Porém isso é um processo de um *grau*, num Pc pronto a voar.

ABUSO DAS F/Ns

Aplicar erradamente a regra do EP de "Poder" aos Rudimentos, irá baralhar o Pc por O/R. Isto invalida os ganhos do Pc e liga a carga de volta. O indivíduo começará a pensar que não explodiu a carga e não pode fazer nada.

Em 1970 tive que escrever o HCOB "F/Ns e Fenómenos Finais" para impedir os auditores de cortarem os EPs das pessoas nas ações principais, indicando F/Ns prematuramente. Este é um tipo de abuso da F/N que foi largamente manejado.

Este boletim e o manejo dos EPs de "Poder" têm sido, em algumas ocasiões, mal aplicados na direção de "overrun". "O Pc não está a chegar ao EP nestas cadeias, pois não há Cog, mas apenas "se apagou" é um exemplo. Obviamente, o C/S não compreendeu a definição de cognição ou o que é um EP. Outro exemplo é o Pc localizar o que é e flutuar, e o auditor continuar, esperando um "EP".



OTs E EPs

Um OT é particularmente sujeito ao abuso de F/Ns, pois pode explodir coisas muito rapidamente. Se o auditor deixa de notar a F/N devido à sensibilidade estar ajustada alta demais, ou não menciona a F/N, por estar à espera do "EP", ocorre O/R. Isso invalida a capacidade do OT de as-isar "ver-como-é" e causa sérias perturbações.

Este erro também se pode originar na velocidade do auditor. Acostumado a trabalhar com pessoas de nível mais baixo, ou nunca treinado para lidar com OTs, não pode acompanhar o OT e perde as suas F/Ns ou reações.

Desse modo, ocorrem O/Rs e áreas carregadas são ultrapassadas.

Isto pode explicar os casos que estavam a voar e depois caíram de cabeça com os mesmos problemas, que voltaram a eclodir.

REMÉDIO

O remédio deste problema começa com clarificar minuciosamente todos os termos relacionados com EPs. É basicamente a clarificação de Palavras pelo Método 6, Palavras-chave.

A ação seguinte é compreender inteiramente e estudar os HCOBs sobre o assunto de EPs, e também os relacionados com o E-Metro, com exame estrela. Isto seria seguido por demonstrações em massa dos vários EPs dos processos e ações, mostrando a mecânica do banco e o que acontece com o Pc e o E-Metro.

A seguir viriam os TRs e exercícios de E-Metro sobre a Localização de F/Ns, incluindo qualquer necessário exercício de obnose e correção da posição do E-Metro, a fim do auditor poder ver o Pc, o E-Metro e a sua Admin, num relance.

Depois o auditor seria gradualmente exercitado em lidar com o Pc, com o E-Metro e Admin, numa crescente rapidez, incluindo reconhecer e indicar EPs, quando ocorrerem. Quando o auditor puder fazer tudo isto suavemente à velocidade de um OT explodindo coisas por inspeção, sem se atrapalhar, a última ação seria os exercícios com provocação, como os TRs 103 e 104, numa gradação, até um nível de competência em que o auditor possa lidar com qualquer coisa que surja, com rapidez, e fazê-lo suavemente.

Teríamos, então, um auditor OT. E isso é o que você terá que fazer para os formar.

SUMÁRIO

O/R (demais), e de menos, baralham os casos.

Ambas as coisas têm origem na incapacidade de o auditor reconhecer e tratar os diferentes tipos de EPs, e da imperícia no manejo dos utensílios da audição com rapidez.

Não faça O/R nos PCs para não ter de os recuperar.

Deixe o indivíduo ter suas vitórias.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 10 de DEZEMBRO de 1976RB

Rev.7.7.78

Re-rev. 18.9.78

Remimeo
Todos os Auditores
Todos os Estagiários
Supervisores
Todos os C/Ses

URGENTE - IMPORTANTE

C/S Série 99RA

F/N DE CIENTOLOGIA E POSIÇÃO DO TA

Através de tecnologia verbal agora localizada descobriu-se que alguns auditores receberam ordens para desconsiderarem as F/Ns acima de 3.0 ou abaixo de 2.0. no e-metro.

Também houve auditores que anunciaram F/Ns que eram agulhas de Quebra de ARC, indicando-as falsamente ao Pc.

Estas duas ações, as de não levar em conta F/Ns autênticas por o TA não estar entre 2 e 3, e anunciar "F/Ns" que não eram senão F/Ns de Quebra de ARC, perturbaram muitos Pcs.

As incorreções aqui são:

- A.** Não considerar os indicadores do Pc como o mais importante;
- B.** Não notar os indicadores do Pc ao anunciar uma F/N e,
- C.** Ignorar e dar menor importância à tecnologia de TAs Falsos.

(Veja lista de referências no fim deste HCOB ou o índice de assuntos dos Volumes de HCOBs)

Os auditores foram até levados a falsificar folhas de trabalho (dando o TA dentro do âmbito quando de facto não estava, ao anunciarem uma F/N) porque poderiam "ter problemas" por anunciarem uma F/N fora do âmbito, tal como 1.8 ou 3.2.

O procedimento CORRETO para F/Ns fora de âmbito é:

1. Observar os indicadores do Pc;
2. Anunciar a F/N, independentemente do seu âmbito;
3. Anotar a posição REAL do TA;
4. Resolver o TA Falso na primeira oportunidade quando não interferir com o corrente ciclo de audição em que o Pc está. (Não se interrompe, por exemplo, uma R3RA Quad para tratar um TA Falso. Completa-se e, sob a direção do C/S, maneja-se depois o TA Falso).
5. Em qualquer Pc suspeito de F/Ns ignoradas por causa de TA Falso, obter um C/S para reparação e reabilitação deste erro.

As latas do E-metro podem influenciar ou mudar a posição do TA quando as palmas das mãos estão demasiado secas ou demasiado húmidas, quando essas latas são demasiado grandes ou demasiado pequenas, ou quando é usado um creme inadequado para as mãos. O E-metro não reage somente à humidade da



mão, conforme o pessoal de eletrônica acreditou durante muito tempo. Mas é que o TA depende da resistência das palmas das mãos, fios e e-metro à corrente elétrica, assim como da resistência principal que acontece vir das massas mentais ou da falta delas.

Dizer simplesmente a um Estagiário que "não considere uma F/N fora do âmbito correto" é prepará-lo para perdas, levando o Pc ao desastre. A informação correta é que, uma F/N que não está dentro do âmbito, é acompanhada por indicadores do Pc que mostram se é uma F/N ou não. ALÉM DISSO também indicam que será melhor tratar desse TA Falso depressa, uma vez que esse facto não interrompa o ciclo em curso. TAMBÉM se anota o TA quando ocorre a F/N a fim de o C/S poder dar o C/S para o manejo do TA Falso.

No caso de aparecer uma agulha de Quebra de ARC (que se parece com uma F/N), quer esteja dentro ou fora do âmbito (de 2.0 a 3.0, ou abaixo de 2.0 ou acima de 3.0). OLHE para o Pc e determine os indicadores antes de anunciar uma F/N falsa. Um Pc quase a chorar NÃO está a flutuar e, se for indicada uma F/N a esse Pc, isso irá aumentar a Quebra de ARC e reprimirá uma carga emocional pronta a sair.

REPARAÇÃO

Quando os assuntos acima não foram completamente compreendidos e tendo ocorrido erros com os Pcs, deve presumir-se que:

1. Os auditores falsificaram as suas folhas de trabalho quanto à posição do TA, acumulando, desse modo, contensões, e ficando assim com tendência para se afastarem;
2. Todo o Pc que já teve problemas devido a TA alto ou baixo teve F/Ns não consideradas como tal e F/Ns de Quebra de ARC mal indicadas;
3. Todos os Estagiários e Auditores devam estudar e exercitar este Boletim;
4. Deve ser feito um breve programa de limpeza de F/Ns desconsideradas e F/Ns de Quebra de ARC mal anunciadas, para cada Pc;
5. Cada um desses Pcs seja considerado em dificuldades relativas a TA Falso e precise de um C/S para o manejar e corrigir;
6. Todos os Auditores e Estagiários devam ser exercitados em todos os HCOBs relativos a indicadores de Pcs.

AMOSTRA DE C/S DE LIMPEZA

Não considere a posição do TA; use apenas F/Ns e indicadores do Pc ao fazer este C/S.

1. Descobriu-se que algumas das tuas F/Ns (pontos de libertação) podem não ter sido consideradas por auditores passados ou presentes.
2. Alguma vez sentiste que uma F/N (ponto de libertação ou fim de ação) foi ultrapassada no teu caso?
3. Encontrar e reabilitar, até F/N, o *Overrun* do ponto de libertação. Verificar se houve outras F/Ns ultrapassadas e reabilitá-las.
4. Alguma vez sentiste que uma F/N não devia ter sido indicada pelo auditor?
5. Localizar o ponto, introduzir o botão "suprimido" e completar a ação. Verificar: "há quaisquer outras F/Ns que o auditor não deveria ter indicado, e indicou?" e manejar conforme acima.
6. Descobrir e resolver as Quebras de ARC ultrapassadas, com o manejo de Quebras de ARC.
7. Localizar e resolver, por completo, o TA Falso.

F/Ns DE DIANÉTICA

Quando faz R3RA, o auditor não anuncia uma F/N sem ter sido alcançado o EP total de Dianética.



Ao fazer R3RA o auditor não está à procura de F/Ns. Ele está à procura do postulado localizado no fundo da cadeia que está a ser auditada.

O EP duma cadeia de Dianética é sempre, sempre, sempre *a saída do postulado*.

O postulado é o que mantém a cadeia no lugar. Solta-se o postulado e a cadeia desaparece. É tudo.

O auditor deve: reconhecer o postulado quando o Pc o apresenta, verificar os VGIs, anunciar a F/N e dar por terminada a audição daquela cadeia.

Uma F/N que aparece enquanto o incidente se está a apagar não se anuncia.

O Pc não precisa de declarar que o incidente se apagou. Quando o postulado se apresenta, o incidente apagou-se. O auditor verá uma F/N e VGIs. SÓ AGORA é que a F/N é anunciada. Não se anunciam F/Ns antes do EP “postulado fora, F/N e VGIs” ser atingido.

É do postulado, e não da F/N, que andamos à procura na Nova Era Dianética.

F/Ns DOS PROCESSOS DE PODER

Em Poder não se consideram as F/Ns.

Cada Processo de Poder tem os seus próprios Fenómenos Finais e só termina quando estes são obtidos.

BOLETINS DE REFERÊNCIA PARA TA FALSO

- | | |
|--------------------|--------------------------------------|
| 1. HCOB 24/10/71R | TA FALSO |
| 2. HCOB 15/2/72R | TA FALSO - ADIÇÃO 2 |
| 3. HCOB 12/11/71RA | TA FALSO - ADIÇÃO |
| 4. HCOB 18/2/71RI | TA FALSO - ADIÇÃO 3 |
| 5. HCOB 21/1/77RA | LISTA DE VERIFICAÇÃO DE TA FALSO |
| 6. HCOB 23/11/73RA | MÃOS SECAS E HÚMIDAS CAUSAM TA FALSO |
| 7. HCOB 23/4/75R | CREME EVANESCENTE E TA FALSO |

BOLETINS SOBRE INDICADORES DO PC

- | | |
|------------------------|---|
| 1. HCOB 29/7/84 | BONS INDICADORES EM NÍVEIS MAIS BAIXOS |
| 2. HCOB 28/12/63 | INDICADORES, PARTE UM, BONS INDICADORES |
| 3. HCOB 23/5/71R | RECONHECIMENTO DA CORREÇÃO DE UM SER |
| Emissão VIII-R 4.12.74 | |
| 4. HCOB 22/9/71 | AS TRÊS REGRAS DE OURO PARA O C/S LIDAR COM AUDITORES |
| 5. HCOB 21/10/68R | AGULHA FLUTUANTE |

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 23 de JUNHO de 1980RA

Rev.25 Fev. 82

Re-Rev. 25 Out. 83

Remimeo

Todos os auditores

C/Ss

Níveis da Academia

Tech/Qual

VERIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS

(HCOB de 23 de Junho de 1980 RA)

Cancela a emissão original, e a sua revisão de 25 Fev. 82

Ref.

HCOB 12 Jun. 70	C/S Séries 2
HCOPL 17 Jun. 70 RB	Degradações técnicas. Urgente importante, <i>KSW séries 5R</i>
HCOB 19 Bar 72	"Quikie" definido KSW séries 8
HCOB 3 Dez 78	Fluxos não reagentes.
HCOB 27 Mia 70R	Perguntas e itens não reagentes.
HCOB 8 Jun. 61	Observação do E-Metro.
HCOB 7 Mai. 69	Os cinco GAEs.
HCOB 22 Mar 80	Exercícios de Verificação.

(A versão original do HCOB de 23 Jun. 80 afirmava incorretamente que um auditor não tinha que verificar se os processos dum grau davam leitura antes de os percorrer. Com esta revisão todos os textos anteriores escritos por outros foram simplesmente retirados e mais referências foram adicionadas à lista acima).

CADA UM DOS PROCESSOS DOS GRAUS A SER CORRIDO NUM E-METRO TEM QUE ANTES SER VERIFICADO SE DÁ LEITURA E, SE NÃO DER, NÃO É PERCORRIDO NESTA ALTURA.

Esta regra aplica-se aos processos subjetivos dos graus. Não se aplica a processos que não são percorridos ao E-Metro, tais como processos objetivos ou assists (exceto assists ao E-Metro de natureza subjetiva).

Na realidade um processo que "não lê" provém de uma de três fontes:

- (a) O processo não tem carga,
- (b) O processo está invalidado ou suprimido ou



(c) Os rudimentos estão fora na sessão.

É um facto que o interesse do PC também tem um papel no meio disto.

Eu acho que as pressas vêm de:

(1) Auditores que tentam furar para além das F/Ns existentes ou persistentes ou

(2) Auditores com TRs tão pobres que o PC nunca esteve em sessão.

Quase todos os processos e fluxos dos graus leem nos PCs que estão naquela área da carta de graus, a menos que as duas condições acima estejam presentes.

A verificação também não dá lá grande resultado uma vez que isso distraia o Pc.

Existe um sistema, entre outros, que podemos usar. Podemos dizer: "O próximo processo é (expomos o fraseado da pergunta de audição)" e verificamos se lê. Isto não leva mais que um lampejo. Se não ler, mas, o que é mais provável, se não tiver carga, der F/N ou uma suave agulha nula, fazemos uma curta pausa e acrescentamos: "Mas estás interessado nisto?" O PC considerá-lo-á, e se não tiver carga com o PC em sessão, dará F/N ou uma F/N mais larga.

Se tiver carga, o PC deverá normalmente pôr a sua atenção nela e teremos uma Queda ou apenas uma paragem da F/N seguida de uma Queda na parte do interesse.

Para fazer isto, é preciso audição muito suave e não falhar. Assim, em caso de dúvida podemos verificar a pergunta de novo. Mas nunca perseguir ou molestar o PC com isso. Verificar desajeitadamente se as perguntas leem pode resultar numa perturbação do PC e atirá-lo para fora de sessão, por isso esta ação de audição, como qualquer outra, requer suavidade.

L. RON HUBBARD

Fundador



I.- COISAS QUE O AUDITOR NÃO PODE FAZER

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB de 07 de ABRIL de 1964

TODOS OS NÍVEIS Q&A

Há uma grande quantidade de auditores que fazem Q&A.

Isto porque não compreendem o que significa Q&A.

Quase todos os seus fracassos em audição provêm, não do uso de processos errados, mas de Q&A.

Em função disso, examinei o assunto e redefini Q&A.

A origem do termo Q&A provém de "mudar quando o preclaro muda". A resposta básica a uma pergunta é, obviamente, a pergunta, se seguirmos completamente a duplicação da fórmula da comunicação. Vejam-se as gravações do Congresso de Filadélfia, em 1953 onde isto é abordado em detalhe. Uma definição posterior foi: "Questionar a resposta do preclaro". Outro esforço para ultrapassar a dificuldade e explicar Q&A foi o exercício Anti-Q&A. Porém nada disto atingiu o que se pretendia.

A nova definição é:

Q&A É A FALTA DE COMPLETAR UM CICLO DE AÇÃO NUM PRECLARO.

UM CICLO DE AÇÃO É REDEFINIDO COMO COMEÇAR, CONTINUAR, TERMINAR.

Assim, um ciclo de comunicação de audição é um ciclo de ação. Inicia-se com o auditor a fazer uma pergunta a que o preclaro consegue compreender, continua com a obtenção de uma resposta do preclaro e termina acusando-lhe a receção.

Um ciclo de um processo é a seleção de um processo para ser auditado no preclaro, fazer o processo dar TA (se necessário) e escoar todo o TA do processo.

Um ciclo de um programa é a seleção de uma ação a ser executada, executar essa ação e completá-la.

Pode assim ver-se que um auditor que interrompa ou que mude um ciclo de comunicação de audição antes de este estar completo, está a "fazer Q&A". Isto pode acontecer pela violação, impedimento ou não execução de qualquer das partes do ciclo de audição. Isto é: Pergunta uma coisa ao preclaro, recebe a resposta a uma ideia diferente, faz uma pergunta sobre essa ideia diferente abandonando assim a pergunta original.

Um auditor que começa um processo, que o põe simplesmente a funcionar e que obtém uma ideia nova por causa de uma cognição do preclaro e passa a lidar com a cognição e abandona o processo original, está a fazer Q&A.

Um programa, tal como um "Prepcheck na família deste Preclaro", que é iniciado e que por qualquer razão é deixado incompleto para perseguir qualquer nova ideia sobre a qual fazer o Prepcheck, é Q&A.

O que aniquila os casos são os ciclos de ação não concluídos.

Tendo em conta que o tempo é um "continuum", não concluir um ciclo de ação (um continuum) encalha o preclaro nesse exato ponto.



Se não acredita nisto faça um Prepcheck em "Ações incompletas" de um preclaro! Que ação incompleta foi suprimida?, etc., limpando mesmo o e-metro em cada botão. Então terá um clear, ou pelo menos alguém que se comportará como tal ao e-metro.

Compreenda isto e será à volta de noventa vezes mais eficiente como auditor.

"Não faça Q&A" significa: "Não deixe ciclos de ação incompletos num preclaro".

Os resultados que pretende alcançar num preclaro perdem-se quando faz Q&A.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de st. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 7 DE MAIO DE 1969

Emissão IV

Curso de Dianética

OS CINCO ERROS GROSSEIROS EM AUDIÇÃO

Os cinco erros grosseiros em audição (GAES) são os seguintes:

- 1- Não saber manejar e ler um E-Metro.
- 2- Não conhecer os dados técnicos e não os saber aplicar.
- 3- Não ser capaz de pôr e manter um Pc em sessão.
- 4- Não conseguir completar um ciclo de audição.
- 5- Não conseguir completar um ciclo repetitivo de audição.

São estes os únicos erros procurados quando corrigir a audição de um auditor.

Se está à procura de outras razões isso é em si mesmo um erro grosseiro. Não existem outras.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 26 DE OUTUBRO DE 1976

C/S Série 97

Admin do Auditor Série 25

A FALSIFICAÇÃO DOS RELATÓRIOS DE AUDIÇÃO

A falsificação de um relatório de audição constitui provavelmente o crime mais encoberto e vil que pode ser cometido em audição.

À primeira vista, a alguém que esteja a tentar fazer propaganda de si próprio como auditor ou que esteja a tentar escapar às consequências dos erros que cometeu em audição, pode parecer que não se trata de um crime assim tão grande.

Quando um relatório de audição é falsificado, isso significa que os meios de reparação de um Pc são recusados, que o afastamento da técnica e a necessidade de voltar a estudar os materiais ou refazer os exercícios são camuflados, que o afastamento da técnica é espalhado e que as reputações da Org e da Cientologia são postas em risco.

Existem muitas maneiras de falsificar um relatório de audição. A mais corrente é a omissão de dados vitais no relatório. Outra é falsear o que foi auditado ou as ações ou reações do Pc.

A pessoa que o faz pode pensar que dissimulou a sua incompetência, mas de facto ela é sempre descoberta.

Recentemente, uma pessoa que havia sido declarada supressiva por duas vezes, massacrrou o caso de vários VIPs omitindo simplesmente a discordância deles com o que estava a ser feito.

Há alguns anos, três SPs, agora declarados, tinham o acordo mútuo de não escreverem os withholds uns dos outros. Estes três também falsificaram relatórios de audição a fim de fazerem crer que tinham auditado certas coisas nos Pcs e que “não tinham carga” quando, de facto, ou não as tinham auditado ou havia reações a elas que não foram postas nos relatórios. Massacraram perto de uma dúzia de casos antes de serem apanhados, e foram necessárias muitas, muitas horas de C/S e audição meticulosa para que estes casos fossem salvos (além de isto ter levado cerca de dois anos).

Elas fizeram várias centenas de inimigos figadais e, hoje em dia, tenho dúvidas que qualquer Cientologista lhes fale sequer, além de que os seus nomes são lembrados com contumelioso desprezo.

Não Só é fácil detetar um relatório de audição falsificado, mas também inevitável que venha a ser detetado.



É fácil descobrir, através das pastas de caso e de notas escritas, a pessoa cujos relatórios de audição foram falsificados. O auditor escreve VGIs e F/N e o Examinador nota carga ultrapassada (tocada e restimulada) e maus indicadores. Houve um auditor que, querendo evitar que isto fosse detetado, retirou o Relatório de Exame da pasta, mas, a ausência de Relatório de Exame seria a primeira coisa a saltar aos olhos de um C/S. Relatórios de Exame houve que foram forjados e trocados pelos verdadeiros, mas isto também é muito visível.

A falta de cartas de sucesso adequadas aponta diretamente para afastamentos da técnica e, se estes não são visíveis na pasta do Pc, então esta contém relatórios de audição falsificados.

O Pc, no meio da sua audição, recusa-se a reinscrever-se para mais audição. Uma inspeção da pasta pode ou não revelar afastamento da técnica nos relatórios de audição. Se o Sumário de Erros da Pasta não assinala afastamentos da técnica, então, o que se procura em seguida são relatórios de audição falsificados, e chegam mesmo a examinar-se os outros casos auditados por este auditor a fim de ver se existem reações semelhantes.

Uma entrevista de D de P com o Pc revelará os relatórios de audição falsificados. Ela conterá dados que não aparecem nos relatórios de audição. A primeira coisa suspeita são os relatórios de audição.

Fundamentalmente, a tecnologia correta aplicada por um auditor competente que tenha sido treinado e que tenha feito o estágio, funciona e funciona em todos os casos. Quando “não funciona”, um C/S começa à procura do cenário verdadeiro. Existem muitas formas de o descobrir. Entre elas existe a “gravação-das-sessões-atrás-da-porta”, um sistema de escuta, entrevistas, a falta de cartas de sucesso, a recusa de atestar ou a recusa em se reinscrever, os relatórios de exame que não condizem com os relatórios da sessão, a verificação pessoal do caso e muitas outras.

A única coisa que engana momentaneamente um C/S é um relatório de audição falsificado. Mas, toda a nossa experiência com estes nos indica que a sua deteção é inevitável mesmo que muito tempo depois.

Normalmente constata-se que a pessoa suscetível de falsificar um relatório de audição, é supressiva, com muitas R/Ss e intenções malévolas, e que nunca deveria ter sido treinada.

Portanto, uma Comissão de Inquérito é a sanção em que o auditor incorre pela falsificação de um relatório de audição que tem por fim de apresentar mais competência, por exemplo, escondendo do C/S afastamentos da técnica ou omitindo dados vitais necessários à Supervisão do Caso, visto estas ações resultarem em perturbação de casos e obrigarem os superiores a perder tempo em investigação. Sendo as provas irrefutáveis, é obrigatório cancelar todos os certificados e prémios, declaração de supressivo e expulsão.

Se aquele que falsificou os relatórios de audição desertar antes de terem sido tomadas medidas, o resultado é o mesmo e as medidas são aplicadas mesmo com a pessoa ausente.

Um auditor principiante pode considerar isto um pequeno delito. Se o seu treino for tão pouco que ainda não lhe permitiu compreender que a técnica, aplicada corretamente, funciona sempre, e que a sua aplicação incorreta é um grande ato overt, pode ser que não dê conta da gravidade da ação. Isto, contudo, não pode ser invocado em seu favor. Não é um assunto menor acabar com a esperança de um Pc e fechar-lhe a porta só porque quer camuflar os próprios erros.



Um Cramming e um Retreino podem corrigir um auditor que comete erros. Mas só se se souber como ele os cometeu. Isto está longe de ser tão grave como esconder o facto.

A honestidade é a via da verdade.

L. Ron HUBBARD
Fundador



J.- ESTILOS DE AUDIÇÃO

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

WASHINGTON, D.C.

HCOB DE 28 DE FEVEREIRO DE 1959

ANÁLISE DE CASOS

Uma perícia primária exigida a um auditor formado seria a análise de um caso. O erro básico é sobrestimar a capacidade do caso. Todos os fracassos vêm de uma falta de identificar a realidade de um caso. Se esse nível de realidade é apanhado, o caso melhorará. Se não, o caso permanecerá estagnado.

DEFINIÇÃO de RESULTADOS: O Caso alcança uma realidade na mudança de caso, somático, comportamento ou aparência, para melhor.

DEFINIÇÃO de MELHOR: Ganho negativo. Coisas que tinham importunado ou não desejadas desaparecem.

DEFINIÇÃO de GANHOS de CAPACIDADE: o Pc reconhece que pode agora fazer coisas que não podia fazer antes.

DEFINIÇÃO de GANHOS de INTELIGÊNCIA: Perda da restimulação de estupidez por causa de tentativas de confrontar ou experimentar problemas da vida. (A inteligência aparece quando a estupidez é desligada ou apagada). Inteligência é capacidade de confronto.

FAMILIARIDADE: ou familiarização permite que a inteligência se manifeste. Alcançar e afastar são mais possíveis quando a estupidez é desligada ou apagada. A Capacidade crescente de alcançar e afastar aumenta a inteligência.

Pode ver-se que quando atenção está fixa a capacidade de alcançar e afastar diminui, por isso a inteligência diminui, por isso a capacidade de mudar diminui, por isso não há "ganho de caso".

A atenção é solta de várias maneiras. Como o hipnotismo é feito fixando a atenção, uma observação paralela é que uma pessoa desperta recebe menos efeito de fixidez, quando atenção é solta.

A atenção deve ser solta aumentando a capacidade de alcançar e afastar da coisa ou pessoa específicas em que a atenção está fixa no banco. O banco expressa meramente uma gravação de fixações de atenção passadas.

Choques de vários tipos podem soltar a atenção, mas conduzem sempre a uma diminuição da capacidade num período. Soltar a atenção através de violência lança um caso pela escala abaixo. À medida que o caso sobe na escala a atenção fixa-se de novo nas coisas que a violência soltou.

A Clarificação é um processo gradativo de encontrar lugares onde a atenção está fixa, restabelecendo a capacidade do pc de colocar e remover a atenção sob a sua própria determinação.

A análise de caso consiste então na determinação de onde a atenção do pc (no estado atual de caso) está fixa na banda, restabelecendo a determinação do pc sobre esses lugares.

Isto é feito através de:



1. Percurso de Problemas de Tempo Presente.
2. Pesquisa das dinâmicas, remediando os pontos fixos.
3. Inspeção de itens e pessoas selecionados, soltando a atenção alter-determinada nesses pontos.

A perícia do auditor em localizar onde atenção está agora fixa, é agora até maior do que a sua capacidade de remediar a fixação da atenção do pc, uma vez que este problema está bastante à mão.

Há muitas maneiras de fazer uma pesquisa para determinar em que a atenção do pc está agora fixa. O E-metro e a interpelação do pc são os métodos principais.

”Em que é que a tua atenção tem sido fixada ultimamente (ou ‘nesta Vida’)?” extrairia uma resposta que poderia então ser usada nas perguntas:

”Recorda um momento em que fizeste algo a (item ou pessoa logo localizada).”

”Recorda um momento em que contiveste algo de (item ou pessoa selecionada).”

Se encontrar o item exato ou pessoa em que a atenção está fixa, você alcança ganho de caso imediato, quer dizer realidade, quer dizer interesse na sessão, ou sucesso.

Se qualquer pc que você está a auditar não manifestar ganho de caso, realidade, interesse, em sessão, então uma de duas coisas é verdade:

1. Você não encontrou o item ou pessoa em que a atenção do pc está alter-determinadamente fixa e ainda não correu isso, ou
2. O Pc é um defunto.

Eu confio que isto pode dar alguma pequena ajuda para aprender a analisar um caso.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 6 DE NOVEMBRO DE 1964

ESTILOS DE AUDIÇÃO

Nota 1: A maioria dos auditores antigos, particularmente graduados de SH., foi nalguma ocasião treinados nestes estilos de audição. Aqui são-lhes dados nomes e atribuídos níveis para que possam ser mais facilmente ensinados e para que a audição geral possa melhorar.

Nota 2: Eles não foram antes escritos porque eu ainda não tinha determinado os resultados vitais para cada nível.

Existe um estilo de audição para cada classe. Estilo significa método ou uma maneira habitual de efetuar uma ação.

Um Estilo não é muito determinado pelo processo que se corre. Um Estilo é a forma como um auditor aborda a sua tarefa.

Diferentes processos talvez requeiram estilos diferentes, mas não é essa a questão. A Cura de Mesa de Plasticina no Nível III pode ser feita no Estilo do Nível I e mesmo assim ter algum proveito. Mas um auditor treinado em todos os estilos até ao do Nível III, faria melhor trabalho não só na Cura de Mesa de Plasticina, mas também em qualquer processo repetitivo.

Estilo é a maneira de auditar usada pelo auditor. O verdadeiro perito pode fazê-los todos, mas só depois de treinado em cada um em separado. O Estilo caracteriza a Classe de Auditor. Não é algo pessoal. Para nós é uma forma particular de usar os instrumentos de audição.

NÍVEL ZERO

ESTILO OUVIR

No Nível 0 o estilo é Ouvir. Aqui, espera-se que o auditor ouça o pc. O único talento necessário é ouvir outra pessoa. Mal esteja assegurado que o auditor está a ouvir (não apenas a confrontar ou ignorar) pode-se-lhe fazer um exame. O tempo que ele consegue ouvir sem mostrar tensão nem fadiga, pode ser um fator. O que o pc faz não é um fator a considerar ao avaliar este estilo. Os pcs, no entanto, falam com um auditor que está realmente a ouvir.

Temos aqui o ponto mais alto que as antigas terapias mentais, tais como a psicanálise, alcançaram (quando alcançaram), quando ajudaram alguém. Na maioria dos casos estavam bem abaixo disto, avaliando, invalidando e interrompendo. Essas três coisas são o que o instrutor deste estilo deve tentar fazer compreender ao estudante do Curso HAS.

Não se deve complicar o Estilo Ouvir esperando mais do auditor do que apenas isto: Ouvir o pc sem avaliar, invalidar ou interromper.

Adicionar outras capacidades como "O pc está a falar de modo interessante?" ou até "O pc está a falar?" não fazem parte deste estilo. Quando este auditor fica atrapalhado e o pc não quer falar ou não está interessado, chama-se um auditor de classe superior, o supervisor faz uma outra pergunta, etc.

Na realidade, para ser *muito* técnico, não se trata de Itsa. (Itsa é um neologismo formado a partir do inglês "It's a..." que quer dizer "É um...") Itsa é a ação do pc dizer "é isto ou é aquilo". Levar o pc a fazer Itsa, quando o pc não quer, está muito além dos auditores estilo-ouvir. É o Supervisor ou a pergunta escrita no quadro preto que leva o pc a fazer Itsa.



A *capacidade* de ouvir, bem aprendida, fica com o auditor através dos graus. Não para de a usar, mesmo no Nível VI. Mas é preciso aprendê-la nalgum lugar e esse lugar é o Nível Zero. Assim sendo, Audição Estilo Ouvir é apenas ouvir. ele Fará parte dos estilos que se seguem.

NÍVEL I

ESTILO AMORDAÇADO

Este também poderia ser chamado estilo audição de rotina. O estilo amordaçado há muitos anos que é usado. É o lote completo dos TRs de 0 a 4, sem adicionar nada.

É chamado assim porque os auditores adicionavam frequentemente comentários, faziam Q&A, desviavam-se, discutiam e baralhavam a sessão de outros modos. Amordaçado significa "ter-lhes posto uma mordaza", falando em sentido figurado, para que apenas dessem os comandos e os reconhecimentos.

A audição de comando repetitivo, usando os TRs de 0 a 4 é feita inteiramente amordaçada.

Poderia ser chamado Audição Estilo Repetitivo Amordaçado, mas será abreviadamente chamado, "Estilo Amordaçado".

Tem sido fruto de grande experiência saber que Pcs que não tinham ganhos com auditores parcialmente treinados e a quem era permitido fazer 2WC, os obtinham no instante em que o auditor era amordaçado, isto é, não autorizado a fazer nada senão dar os comandos e reconhecimento, sem qualquer outra pergunta ou comentário.

No Nível I não se espera que o auditor faça nada, além de dar o comando (ou fazer a pergunta) sem variação, expressar o reconhecimento da resposta e lidar com as originações da pessoa, compreendendo e reconhecendo o que foi dito.

Os processos usados no Nível I, respondem na verdade melhor ao emprego amordaçado e respondem pior a esforços desorientados para o uso de 2WC.

O Estilo Ouvir combina facilmente com o Estilo Amordaçado.

Comandos repetitivos incisivos, claros, amordaçados, dados e respondidos *muitas vezes* e não as divagações do paciente, são a porta de saída.

Um Pc neste nível é instruído exatamente sobre o que se espera dele, exatamente o que o auditor irá fazer. Põe-se até o pc a fazer alguns ciclos de "Os pássaros voam?" até apreender a ideia. Aí, então, os processos funcionam.

É triste de ver tentar fazer Processos Repetitivos Amordaçados num Pc que fica divagando e divagando através de "experiências terapêuticas" passadas. Significa que o controle está fora (ou que o paciente nunca saiu do Nível Zero).

Passar do frouxo Estilo Ouvir para o Estilo Amordaçado incisivo, controlado, pode ser um choque. Mas cada um deles é o mais baixo de duas famílias de estilos de audição; totalmente Permissivo e totalmente Controlado. E são tão diferentes que cada qual é fácil de aprender sem confusão. A falta de diferença entre estilos é que confunde o estudante, levando-o a espalhar-se. Bem, estes dois são suficientemente diferentes - Estilo Ouvir e Estilo Amordaçado - para meter qualquer pessoa na linha.

NÍVEL II

ESTILO GUIADO

Um auditor da velha guarda teria reconhecido este estilo sob dois nomes separados: (a) 2WC e (b) audição formal.

Nós condensámos estes dois velhos estilos sob um novo nome: audição estilo guiado.

Primeiro *guiamos* o Pc com 2WC, para qualquer assunto que tenha que ser manejado ou para revelar o que tem que ser manejado e depois o auditor maneja isso com comandos repetitivos formais.

O estilo guiado é fazível apenas quando o estudante sabe bem os estilos ouvir e amordaçado.



Anteriormente, o estudante que não podia confrontar ou duplicar um comando, refugiava-se em conversa mole com o Pc e chamava a isso audição ou 2WC.

A primeira coisa a saber sobre o estilo guiado é que deixamos o Pc falar e fazer *itsa* sem o parar, mas que também é dirigido para o próprio assunto e que executa o trabalho com comandos repetitivos.

Pressupomos que o auditor neste nível já teve ganho de caso suficiente para ser capaz de ocupar o ponto de vista do auditor e ser por isso capaz de observar o Pc. Também pressupomos neste nível que o auditor, sendo capaz de ocupar um ponto de vista, é por isso mais autodeterminado, estando ambas as coisas relacionadas. (Uma pessoa só pode ser autodeterminada quando pode observar a situação real perante ela, senão um ser é determinado por ilusão ou por outrem).

Assim, na audição estilo guiado o auditor está lá para descobrir o que se passa com o Pc e aplicar depois o necessário remédio.

A maioria dos processos de *O Livro dos Remédios de Caso* estão incluídos neste nível (II). Para os usar é preciso observar o Pc, descobrir o que o Pc está a fazer e remediar o seu caso em conformidade.

O resultado para o Pc é uma reorientação de grande alcance na vida.

Assim, a essência da audição estilo guiado consiste em 2WC que leva o Pc a revelar a dificuldade, seguido de um processo repetitivo para manejar o que foi revelado.

Usamos TRs com perícia, mas podem discutir-se coisas com o Pc, deixar o Pc falar e em geral, audita-se o Pc que está à nossa frente, estabelecendo o que *esse* Pc precisa e depois fazê-lo com audição repetitiva firme, mas sempre alerta às mudanças do Pc.

Corre-se este nível contra a ação de TA, prestando pouca ou nenhuma atenção à agulha exceto como dispositivo de centragem para a posição do TA. Até se estabelece o que há a fazer pela ação de TA. (O processo de acumular coisas para correr no Pc a partir do que dava queda quando ele estava a correr o que está a ser corrido, pertence agora ao nível (II) e será renumerado em conformidade).

Em II esperamos manejar montes de PTPs crônicos, overts, quebras de ARC com a vida, (mas não quebras de ARC de sessão que sendo uma ação de agulha, quebras de ARC de sessão são resolvidas por um auditor de classe mais elevada caso ocorram).

Para executar tais coisas (PTPs, overts e outros remédios) na sessão, o auditor tem que ter um Pc “disposto a falar ao auditor sobre as suas dificuldades”. Isso pressupõe que temos neste nível um auditor que sabe fazer perguntas, não repetitivas, que levam o Pc a falar da dificuldade que precisa ser manejada.

Grande domínio do TR 4 é a grande diferença primária nos TRs do Nível I. Quando não compreendemos, compreenderemos fazendo mais perguntas e acusando realmente a receção só quando realmente o compreendemos.

Comunicação guiada é a pista para o controle neste nível. Devemos guiar *facilmente* a comunicação do Pc para dentro, para fora e à volta sem cortar o Pc ou desperdiçar tempo de sessão. Assim que um auditor obtém a ideia de *resultado finito*, ou seja, um resultado específico e definido esperado, tudo isto é fácil. O Pc tem um PTP. Exemplo: O auditor tem que ter a ideia de que tem que localizar e desrestimular o PTP para que o Pc não seja incomodado por ele (e não está a ser compelido a *fazer* nada por isso) como resultado finito.

O auditor em II é treinado a auditar o Pc que está na sua frente, pôr o Pc em comunicação, guiar o Pc aos dados necessários à escolha do processo e depois correr o processo necessário à resolução dessa coisa encontrada, usualmente por comando repetitivo e sempre por TA.

O Livro dos Remédios de Caso é a chave para este nível e estilo de audição.

Só damos ouvidos àquilo para que o Pc foi guiado. Corremos comandos repetitivos com bom TR4. *E* podemos andar a pesquisar um pouco até ficarmos satisfeitos com a resposta do Pc, necessária à resolução dum certo aspeto do caso do Pc.



Podem ser corridos O/WHs no Nível I. Mas no Nível II podemos guiar o Pc a divulgar o que o Pc considera um real overt e, tendo isso, guiar então o Pc por todas as razões porque não era um overt e assim por fim o estostrar.

O meio acusar de receção também é ensinado no Nível II; as maneiras de manter um Pc a falar dando ao Pc a impressão de estar a ser ouvido e ainda não o cortar com TR2 a mais.

Um, grande ou múltiplo acusar de receção também é ensinado para calar o Pc quando o Pc vai a sair do assunto.

NÍVEL III

AUDIÇÃO ESTILO ABREVIADO

Abreviado quer dizer “resumido”, aparado dos extras. Qualquer comando de audição não verdadeiramente necessário é eliminado.

Por exemplo, no Nível I, quando o Pc anda à procura do assunto, o auditor *disse sempre*: “vou repetir o comando de audição” e assim faz. No estilo abreviado o auditor omite isto quando não é necessário e apenas dá o comando de novo caso o Pc o tenha esquecido.

Neste estilo, mudamos de pura rotina para um uso ou omissão sensível conforme necessário. Ainda utilizamos o comando repetitivo com perícia, mas não usamos a rotina que é desnecessária à situação.

2WC entra no Nível III por direito próprio. Mas com forte utilização dos comandos repetitivos.

Neste nível, temos como processo primário Cura de Mesa de Plasticina. Aqui, o auditor tem que *se assegurar* que os comandos são seguidos com exatidão. Nenhum comando de audição é *jamaiz* largado até que o verdadeiro comando seja respondido pelo Pc.

Mas ao mesmo tempo, não necessariamente damos cada comando do processo no seu RD.

Em Cura de Mesa de Plasticina, devemos assegurar-nos todas as vezes que o Pc está satisfeito. Isto é feito mais por observação do que com o comando. É, contudo, feito.

No Nível III supomos ter um auditor que está em muito boa forma e pode observar. Assim, *vemos* que o Pc está satisfeito e não o menciona. Vemos assim quando o Pc está em dúvida e por isso, obtemos algo de que o Pc esteja certo ao responder à pergunta.

Por outro lado, *todos* os comandos necessários são dados vigorosa e exatamente, obtendo a sua execução.

Prepcheck e uso da agulha são ensinados no Nível III, assim como Cura de Mesa de Plasticina. Audição por Lista também. Na audição estilo abreviado, podemos ver o Pc (que está a limpar uma pergunta de Lista) a dar uma dúzia de respostas num instante. Não se impede que o faça, dá-se um meio acusar de receção, deixando-o continuar. Estamos de facto só a lidar com um ciclo de comunicação maior. A pergunta produz mais que uma resposta que é na realidade apenas uma resposta. E quando essa resposta é dada, é-lhe acusada a receção.

Nós *vemos* quando a agulha está limpa sem qualquer fórmula de perguntas que invalidem todo o alívio do Pc. E vemos quando *não está* limpa pela confusão contínua no rosto do Pc.

Há truques envolvidos nisto. Fazemos uma pergunta ao Pc com a palavra chave incluída, e notando que a agulha não treme concluímos assim que a pergunta sobre a palavra está esgotada. E por isso não a verificamos de novo. Exemplo: “mais alguma coisa foi suprimida?” Um olho no Pc, outro no e-metro. A agulha não estremece. O Pc parece reservado. O auditor diz: “Muito bem, em _____” e vai para a próxima pergunta eliminando uma possível leitura de protesto que pode ser tomada por outra “supressão”.

Na audição estilo abreviado colamos ao essencial e deixamos a rotina quando ela impede o avanço de caso. Mas isso não quer dizer que andemos à deriva. Ainda seremos mais decididos, minuciosos com a audição estilo abreviado do que na rotina.



Estamos a ver o que acontece e a fazer exatamente o suficiente para atingir o resultado esperado.

Por “abreviado” queremos dizer fazer o trabalho exato, o caminho mais curto entre dois pontos, sem desperdício de perguntas.

Neste momento o estudante já deve saber que corre um processo para atingir um resultado exato e corre-o de maneira a atingir esse resultado no mais curto espaço de tempo.

O estudante é ensinado a guiar rapidamente, sem tempo para grandes desvios. Neste nível os processos são todos ra-ta-ta-ta; Cura de Mesa de Plasticina, Prepcheck, Audição por Listas.

Repito, é o número de vezes que a pergunta de audição é respondida por unidade de tempo de audição que faz o resultado rápido.

NÍVEL IV

AUDIÇÃO ESTILO DIRETO

Por direto queremos dizer rigoroso, concentrado, intenso, aplicado duma forma direta.

Não queremos dar a direto o sentido de dirigir ou guiar. Queremos é dizer que *é* direto.

Por direto não queremos dizer franco ou abrupto. Pelo contrário, pomos a atenção do Pc no seu banco e tudo o que fizermos é calculado apenas para tornar essa atenção *mais* direta.

Também podia significar que não estamos a auditar através de vias. Estamos a auditar diretamente as coisas que precisam ser alcançadas para fazer alguém Clear.

Fora isto, a atitude de audição é *muito* fácil e descontraída.

No Nível IV temos a Clarificação de Mesa de Plasticina e processos tipo verificação.

Estes dois tipos de processos são ambos espantosamente *diretos*. Eles são diretamente apontados à mente reativa. São feitos de forma direta.

Na Clarificação de Mesa de Plasticina, temos dos Pcs quase só trabalho e ita. De um extremo ao outro da sessão, poderemos ter apenas alguns comandos de audição. É que um Pc em Clarificação de Mesa de Plasticina, faz quase todo o trabalho se está minimamente em sessão.

Temos assim outra implicação na palavra “direto”. O Pc está a falar diretamente para o auditor sobre o que está a fazer e porquê, em Clarificação de Mesa de Plasticina. O auditor dificilmente abre a boca.

Em Verificação, o auditor aponta diretamente para o banco do Pc e não deseja na sua frente um Pc pensativo, especulador, divagante ou a fazer ita. Esta verificação é, por isso, uma ação *muito* direta.

Tudo isto requer um controle do Pc, fácil, suave, de “mão de ferro em luva de veludo”. *Parece* fácil e descontraído como estilo, mas é rigoroso, como uma espada de Toledo.

O truque é ser direto no que é requerido e não desviar nada. O auditor estabelece o que deve ser feito, dá o comando e depois o pc pode trabalhar muito tempo, com o auditor alerta, atento, completamente descontraído.

Em Verificação, muitas vezes o auditor não presta qualquer atenção ao Pc, como nas quebras de ARC ou listas de verificação. Na verdade, um Pc deste nível está treinado para estar quieto durante a verificação de uma lista.

E na Clarificação de Mesa de Plasticina um auditor pode estar quieto uma hora seguida.

Os testes são: pode o auditor manter o Pc quieto enquanto verifica, sem lhe quebrar o ARC? Pode o auditor mandar fazer qualquer coisa ao Pc e depois, com o Pc trabalhar nisso, manter-se quieto e atento durante uma hora, compreendendo tudo e interromper prontamente só quando não compreende e mandar o Pc clarificar-lho, de novo sem lhe quebrar o ARC?

Poderíamos confundir este estilo direto com o estilo ouvir se meramente olharmos para uma sessão de Clarificação de Mesa de Plasticina. Mas que diferença. No estilo ouvir o Pc anda para ali às cegas. No estilo



direto, o Pc divaga um pouco para fora da linha e começa a fazer itsa, digamos, sem o trabalho de plasticina, era depois disso óbvio para o auditor que este Pc tinha esquecido a plasticina, veríamos o auditor, rápido como uma seta, olhar muito interessado para o Pc e dizer: “vamos ver isso em massa”. Ou o Pc não dando uma capacidade que realmente deseja melhorar, ouviríamos a voz uma voz muito persuasiva do auditor: “tens a certeza absoluta que queres melhorar isso? A mim parece-me uma meta. Simplesmente algo, uma capacidade que gostarias de melhorar”.

Este estilo poderia chamar-se audição de uma via. Depois o Pc recebe as suas ordens, é tudo do Pc para o auditor e tudo o que envolve a execução dessa instrução de audição. Quando o auditor está a verificar, é tudo do auditor para o Pc. Só quando a ação de verificação encontra um empecilho como um PTP é usado outro estilo de audição.

Este é um estilo de audição muito extremo. Ele é francamente direto.

Mas em qualquer nível, quando necessário, os estilos de audição aprendidos abaixo deste, são também empregados com frequência, mas nunca nas verdadeiras ações de Clarificação na Mesa de Plasticina e de Verificação.

(Nota: o Nível V seria no mesmo estilo de VI abaixo).

NÍVEL VI

TODOS OS ESTILOS

Até agora temos lidado com ações simples.

Agora temos um auditor a manejar um e-metro e um Pc a fazer itsa e a cognitar e que tem PTPs e Quebras de ARC e Carga de Linha e que cognita e encontra itens e lista e em que tudo tem que ser manejado, manejado, manejado.

Como o TA de audição para uma sessão de 2 ½ h pode ir de 79 a 125 divisões (comparado com 10 ou 15 no nível inferior), o *ritmo* da sessão é maior. É este ritmo que torna vital uma capacidade perfeita em cada nível inferior, quando eles combinam todos os estilos. É que cada um deles é agora mais rápido.

Por isso aprendemos todos os estilos apreendendo bem cada um dos estilos inferiores, observando e aplicando depois o estilo necessário cada vez que é necessário, mudando de estilo tanto como uma vez por minuto!

A melhor maneira de aprender todos os estilos, é ficar perito em cada um dos estilos inferiores, a fim de usar o estilo correto para a situação, cada vez que ocorra a situação que exige esse estilo.

É menos duro do que parece.

Usem o estilo errado numa situação e estão feitos. Quebra de ARC! Nenhum progresso!

Exemplo: em plena verificação a agulha fica suja. O auditor não pode, ou não deve continuar. O auditor, no estilo direto, levanta os olhos para ver um franzir de testa confuso. O auditor tem que mudar para estilo guiado a fim de descobrir o que o Pc tem. (o que provavelmente na realidade não sabe), depois estilo ouvir enquanto o Pc cognita sobre um PTP que acaba de emergir e incomoda o Pc, depois para o estilo direto para acabar a verificação em progresso.

A única maneira de um auditor ficar confuso em todos os estilos, é não ser bom num dos estilos de nível inferior.

Uma inspeção cuidadosa mostrará onde o estudante que usa todos os estilos escorrega. Pomos então o estudante a rever e praticar um pouco o estilo que não estava bem aprendido.

Assim, todo o estilo, quando devidamente feito, é muito fácil de remediar, pois estará errado num ou mais dos estilos de nível inferior. E como todos eles podem ser ensinados independentemente uns dos outros, o todo pode ser coordenado. Todos os estilos são difíceis de fazer quando não dominámos um dos estilos de nível inferior.



SUMÁRIO

Estes são os estilos importantes de audição. Existiram outros, mas são apenas variações dos dados neste HCOB. O estilo tom 40 é o mais notável aqui em falta. Ele continua como estilo prático no Nível I para cada manejo destemido corpos e para ensinar a obter obediência ao seu comando. Na prática já não é usado.

Como era necessário ter todos os resultados e todos os processos para todos os níveis, para finalizar, deixei este para o fim e cá está.

Por favor notem que nenhum destes estilos viola o ciclo de comunicação de audição ou os TRs.

L. RON HUBBARD

Fundador



K.- OBJETIVOS/CCHs

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 19 DE MARÇO DE 1978

Remimeo
Snr HSDC

OBJETIVOS APRESSADOS

Ref:	HCOB 12 Abril 62,	PROPÓSITO DOS CCHs
	HCOB 11 Jun. 57	TREINO & PROCESSOS de CCH
	HCOB 3 Fev. 59,	ESGOTAR UM PROCESSO
	CRIAÇÃO DA CAPACIDADE HUMANA	
	CONTROLO E AS MECÂNICAS DE SCS	
	HCOB 14 Ago 63,	GRÁFICOS da CONFERÊNCIA (Nº. 5 pág. 342 Vol. V)

Recentes investigações à eficácia dos RDs de Drogas, incluindo a sua taxa de reparação e re-reparação, revelou uma tendência marcada para Objetivos à pressa.

Um fracasso em correr Objetivos a fundo e completamente, especialmente num caso com uma extensa história de drogas, pode preparar o Pc para menos do que ganho ótimo em Dianética. Um RD de Drogas sem Objetivos a fundo e completos não é um RD de Drogas.

COMM DUAS VIAS

A maneira mais fácil e muito fora de Tech para apressar Objetivos é correr alguns comandos e então pôr o Pc no e-metro e 2WC para F/N, ou fazer alguma rápida “Reab”. Mas o processo Objetivo alguma vez foi corrido? O que é que de facto flutuou, o Objetivo ou 2WC? Qualquer Objetivo corrido deste modo é nulo.

A Tech de Objetivos é extensa e ainda bem em vigor. Eles têm os seus próprios EPs, e com estes eles são corridos completamente para uma verdadeira mudança do Pc. Só este é o manejo válido dos Objetivos.

CURA

A maneira de manejar auditores que apressam Objetivos é W/C a fundo no assunto, uma grande demonstração em massa do propósito dos Objetivos e uma grande demonstração em massa do efeito que os Objetivos têm no percurso de um RD de Drogas e R3R. Então alise os próprios Objetivos do auditor.

Qualquer RD de Drogas que precise de ser reparado ou feito novamente tem que incluir um estudo cuidadoso dos Objetivos para ver se foram corridos honestamente, e se os EPs válidos dos Objetivos dos próprios processos foram atingidos. Onde o Objetivo foi obviamente apressado basta dar o fator-R ao Pc que você o vai esgotar. Se o EP de um Objetivo foi questionável, você pode perguntar ao Pc o que aconteceu, e se ele der F/N num real EP do Objetivo, ótimo, caso contrário esgote o processo.

Um RD de Drogas completo com Objetivos prepara a fase de o Pc voar pelo Quadro de Graus acima, logo faça-o bem à primeira.

L. RON HUBBARD

Fundador

Ajudado por CS-5



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 19 DE JUNHO DE 1978

Remimeo

Nova Era Dianética Série 3

OBJETIVO ARC

Eu juntei recentemente um novo processo para ser feito antes de toda a bateria de Processos Objetivos. É chamado Objetivo ARC.

Objetivo ARC é o primeiro Processo Objetivo a ser feito num Pc. É seguido pelos CCHs 1-10, Op Pro by Dup. SCS num objeto, SCS, e SOP 8C conforme HCOB 11 Jun. 57 Reeditado a 12 Maio 77, Treino e Processos de CCHs, PAB 80, PAB 97, PAB 34, e HCOB 4 Fevereiro 59, Op Pro by Dup.

Os comandos de Objetivo ARC são corridos 1-2-3, 1-2-3, três comandos dados repetitivamente.

Os comandos são:

“Olha aqui à volta e encontra alguma coisa realmente real para ti”

“Olha aqui à volta e encontra alguma coisa com que não te importarias de comunicar”

“Olha aqui à volta e encontra alguma coisa que não te importarias que estivesse para aí”

(Uma alteração do comando original porque o comando original era muito íngreme).

Pc e auditor ambulantes.

Este processo morderá de repente e trará uma pessoa para tempo presente. Foi conhecido por rachar casos.

De todos os Objetivos, este processo tende a ser o mais curto. Termina frequentemente com uma Cog muito brilhante depois de apenas alguns comandos.

O fenómeno final deste processo seria a pessoa em tempo presente, cognição e muito bons indicadores, acompanhados por uma F/N.

O anterior realizará uma grande coisa para o Pc se feito corretamente e com TRs impecáveis.

L. RON HUBBARD

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
SOLAR DE ST. HILL, GRINSTEAD ORIENTAL, SUSSEX,
HCOB DE 12 DE ABRIL DE 1962

O PROPÓSITO DOS CCHs

Há muito tempo, em 1949, ao pesquisar em Dianética, tive considerável dificuldade em trazer algumas pessoas "para o tempo presente".

Como se sabe, uma pessoa pode ficar "encalhada no passado" e, se pudermos tirar uma pessoa *para fora* dos seus engramas e da mente reativa (este passado perpetuado), ela torna-se ciente do presente. Não está ciente do presente na medida em que um choque ou lesão lhe causou um aprisionamento no tempo.

Após trabalhar um engrama, costumávamos dizer à pessoa para "vir para o tempo presente" e ela vulgarmente fazia-o, mas algumas vezes não.

Ao pedir-lhe que examinasse a sala, o retorno ao tempo presente podia ser conseguido com muitas delas.

Observei que um denominador comum de toda aberração era a interiorização no passado e a inconsciência do ambiente de tempo presente.

Com o correr dos anos, desenvolvi o que se tornou nos CCHs.

Controle, Em-Comunicação-Com e Condição-de-Ter do Tempo Presente tornaram-se possíveis através de certos exercícios de Controlo, Comunicação e Havingness (Condição-de-Ter), usando o ambiente de Tempo Presente.

Este é o propósito dos exercícios de CCHs: tirar a pessoa do passado e trazê-la para o tempo presente. Qualquer exercício que realize isto será um exercício de CCH, até "Venha para o Tempo Presente", como comando único.

O indivíduo está encalhado não só em engramas, mas em identidades passadas. Na verdade, o indivíduo fora de tempo presente *está a ser* o passado.

Ele pode ser levado a ver que está a ser o passado e que existe um presente.

Portanto, quando "tem um somático" e lhe pergunta o que foi, você fá-lo achar a diferença, através do olhar, entre o eu e o passado. Um ser que *é* algo não pode observar esse algo. Um ser que olha para algo deixa de ser aquele algo. Esse algo pode até ser um somático!

Consequentemente, os CCHs precisam ser trabalhados com um tempo presente não-proibitivo, com perguntas sobre somáticos e mudanças.

Basicamente, é tudo tão simples como isto. Por isso funcionam, trazem o pc para o tempo presente. Mas unicamente se forem feitos corretamente. Unicamente se convidam o Pc a progredir.

Feitos erradamente, os CCHs podem, de facto, conduzir o pc *para fora* do tempo presente ou estacioná-lo na sessão.

Estão a ver agora?

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 1 DE DEZEMBRO DE 1965

Remimeo
Todos os Estudantes
Cursos de Saint Hill
Todo o Staff

CCHs

(Substitui o HCOB 5 Jul. 63, CCHs Rescritos)

Segundo a HCOPL 17 Maio 65. Os CCHs são processos.

Estes não são Exercícios

O percurso seguinte revisto sobre os CCHs tem que ser usado por todos os Auditores.

PROCESSOS DE CONTROLO - COMUNICAÇÃO - HAVINGNESS

O percurso seguinte dos CCHs 1, 2, 3 e 4 foi ligeiramente emendado. Os CCHs são percorridos da seguinte maneira:

CCH 1 até um ponto esgotado, depois CCH 2 até um ponto esgotado, depois CCH 3 até um ponto esgotado, depois CCH 4 até um ponto esgotado, depois CCH 1 até um ponto esgotado, etc.

Nº: CCH 1.

NOME: DÁ-ME ESSA MÃO. Tom 40.

COMANDOS DE AUDIÇÃO: *DÁ-ME ESSA MÃO.*

Ação física de pegar na mão quando esta não é dada e depois voltar a pô-la no colo do Pc. Contacto físico com a mão do Pc se o Pc resistir. OBRIGADO para acabar cada ciclo.

Tudo Tom 40 com uma intenção clara, cada comando numa unidade de tempo. Tomar cada nova mudança Física manifestada como se fosse uma originação do Pc, quando acontecer, indagando com a pergunta "O que é que se está a passar?" Esta comunicação nos dois sentidos não é Tom 40. Percorrer só na mão direita.

POSIÇÃO DE AUDIÇÃO: Auditor e Pc sentados em cadeiras sem braços. Os joelhos do Auditor por fora dos joelhos do Pc.

PROPÓSITO DO PROCESSO: Demonstrar ao Pc que o controlo do corpo do Pc é possível, apesar da revolta dos Circuitos, convidando o Pc a controlá-lo diretamente. Controlo absoluto da parte do Auditor que então passa para o controlo absoluto do Pc, do seu próprio corpo.

Nunca pare o processo até ter atingido um ponto esgotado. Podem ser introduzidas paragens no fim do ciclo, isto depois do OBRIGADO e antes do próximo comando, mantendo uma linha de comunicação sólida, para obter informação do Pc, ou fazer uma ponte para sair do processo. Isto é feito entre dois comandos, segurando a mão do Pc depois de acusar a receção. A mão do Pc deve ser agarrada com a pressão exatamente correta. Faça todos os comandos e ciclos separados. Mantenha Tom 40, dê ênfase à intenção do Auditor para o Pc em cada comando. Deixe um momento para que o Pc o execute por vontade própria antes de decidir pegar-lhe na mão ou entrar em contacto com ela. O Auditor indica a mão com um aceno de cabeça.



Comando Tom 40 = Intenção sem reservas.

Uma mudança é qualquer manifestação física observada.

Nº: CCH 2.

NOME: 8-C TOM 40

COMANDOS DE AUDIÇÃO:

TU OLHA PARA AQUELA PAREDE. OBRIGADO.

TU CAMINHA ATÉ AQUELA PAREDE. OBRIGADO.

TU TOCA NESSA PAREDE. OBRIGADO.

VOLTA-TE. OBRIGADO.

Considere cada nova mudança física manifestada como originação do Pc, quando acontecer, perguntando: "O que é que se está a passar?" Esta 2WC não é Tom 40. Os comandos são forçados suave e fisicamente conforme necessário. Tom 40 é intenção total.

POSIÇÃO DE AUDIÇÃO: Auditor e Pc ambulantes, Auditor em contacto físico com o Pc conforme necessário.

PROPÓSITO DO PROCESSO: Mostrar ao Pc que o seu corpo pode ser controlado convidando-o assim a controlá-lo. Orientá-lo no seu Ambiente de tempo presente. Aumentar a sua capacidade de duplicar e assim aumentar a sua Havingness.

Precisão Absoluta do Auditor. Sem quebras do Tom 40. Sem enganos. Tempo presente total. Auditor do lado direito do Pc. O corpo do Auditor atua como bloqueio ao avanço quando o Pc se vira. O Auditor dá o comando, dá tempo ao Pc para este obedecer forçando depois o comando com contacto físico, com a força exatamente correta, para fazer executar o comando. O Auditor não impede o Pc de executar os comandos. Método de introdução como no CCH 1. Paragens podem ser introduzidas no fim de cada ciclo, depois do OBRIGADO e antes do próximo comando, mantendo uma linha de comunicação sólida, para obter informação do Pc ou para sair do processo, isto é, acusar a receção, "OBRIGADO", depois do comando "VOLTA-TE".

O CCH 1 e o CCH 2 foram desenvolvidos por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., em 1957 para o 19º ACC.

Nº: CCH 3.

NOME: MÍMICA DE MÃOS NO ESPAÇO

COMANDOS DE AUDIÇÃO: O Auditor levanta as duas mãos com as palmas defronte para as do Pc a uma distância igual entre ele e o Pc e diz: "PÕE AS TUAS MÃOS CONTRA AS MINHAS, SEGUE-AS E CONTRIBUI PARA O SEU MOVIMENTO". Depois faz um movimento simples com a mão direita, e depois com a esquerda. "CONTRIBUÍSTE PARA O SEU MOVIMENTO?" Acusa a receção à resposta. O Auditor permite que o Pc quebre a linha sólida de comunicação. Quando isto estiver esgotado, o Auditor faz o mesmo, mas com um espaço de 1 cm entre as palmas das suas mãos e as do Pc. O comando seria: "PÕE AS TUAS MÃOS DEFRONTE DAS MINHAS A CERCA DE 1 CM, SEGUE-AS E CONTRIBUI PARA O SEU MOVIMENTO". "CONTRIBUÍSTE PARA O SEU MOVIMENTO?" Acuse-lhe a receção. Quando isto estiver esgotado o Auditor fá-lo com um espaço mais amplo, continuando assim até que o Pc possa seguir os movimentos a um metro de distância.

POSIÇÃO DE AUDIÇÃO: Auditor e Pc sentados, bastante juntos de frente um para o outro, joelhos do Pc entre os joelhos do Auditor.



PROPÓSITO DO PROCESSO: Desenvolver realidade sobre o Auditor usando a escala de realidade (linha de comunicação sólida). Pôr o Pc em comunicação através de controlo e duplicação. Descobrir o Auditor.

O Auditor deve ser suave e preciso nos seus movimentos, sendo todos os movimentos em Tom 40, proporcionando vitórias ao Pc. Para ser livre em 2WC. O processo é introduzido e percorrido como um processo formal. Se o Pc começar a ficar sonolento neste processo, o Auditor pode pegar no pulso do Pc e ajudá-lo a executar o comando, uma mão de cada vez. Se o Pc não responder durante anaten à pergunta "CONTRIBUÍSTE PARA O SEU MOVIMENTO?" o Auditor pode esperar pelo comm lag normal do Pc, acusar a receção e continuar o processo.

Movimento de Tom 40 = Intenção sem Reservas.

2WC = Uma Pergunta - A pergunta Certa.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., 1956, como versão terapêutica de Mímica de Mãos Modelo. Era preciso algo para suplantar a parte dos rudimentos "Olha para mim", "Quem sou eu?" e "descobre o Auditor".

Nº: CCH 4.

NOME: MÍMICA DO LIVRO

COMANDOS DE AUDIÇÃO: NÃO HÁ COMANDOS VERBAIS.

O Auditor faz movimentos simples com o livro. Dá o livro ao Pc. O Pc faz os movimentos duplicando os do Auditor como num espelho. O Auditor pergunta ao Pc se está satisfeito por ter duplicado o movimento. Se ambos, Pc e Auditor, estiverem inteiramente satisfeitos, o Auditor pega de volta no livro e vai para o próximo comando. Se o Pc não tiver a certeza de ter duplicado algum comando, o Auditor repete-lho e devolve-lhe o livro. Se o Pc estiver certo de que o duplicou e o Auditor puder ver que a duplicação foi bastante má, o Auditor aceita a resposta do Pc e continua numa escala gradiente de movimento, com a mão direita ou com esquerda, até que o Pc possa executar corretamente o comando original. Isto assegura que não há invalidação para o Pc. Tom 40 só nos movimentos, comunicação verbal nos dois sentidos bastante livre.

POSIÇÃO DE AUDIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO DO PROCESSO: Elevar a comunicação do Pc com controlo e duplicação (controlo e duplicação = comunicação).

Dê vitórias ao Pc. É necessário que o Auditor duplique os seus próprios comandos. Movimentos circulares são mais complicados do que linhas retas. A tolerância a casualidade positiva ou negativa é aqui evidente, e o Auditor deveria provavelmente começar com o Pc os movimentos sempre com início no mesmo ponto, nem depressa, nem devagar nem complicados demais. É apresentado pelo Auditor assegurando-se de que o Pc compreende o que tem a fazer no processo formal, uma vez que não há comandos.

HISTÓRIA: Desenvolvido por LRH para o 16º ACC em Washington, D.C., 1957. Baseado na duplicação. Desenvolvido por LRH em Londres, 1952.

L. RON HUBBARD
FUNDADOR



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 2 de Agosto de 1962

CenOCon

RESPOSTAS SOBRE CCHs

As questões seguintes e as minhas respostas são úteis nos CCHs.

Surgiram algumas perguntas sobre CCHs. Poderíamos ter os mais recentes dados estáveis quanto a:

1. Quando se aceita uma originação física: após o comando ser executado e antes de acusar a receção, ou após acusar a receção?
2. Aceitamos a originação física perguntando "Como vai isso?", "O que é que aconteceu?" ou "Notei que aconteceu isto e aquilo. O que é que se passa?", ou existe algum outro método, que não temos, melhor do que qualquer destes?

Respostas:

1. Quando acontece.
2. Apenas com uma pergunta do tipo 2WC como "O que é que está a acontecer?"

Nunca designe a origem.

Não faça das perguntas um sistema. Três comandos bem feitos, está esgotado.

Não aceite dados falados do Pc sobre somáticos como razão para continuar.

Também, o processo que faz algo aparecer o fará desaparecer.

L. Ron Hubbard



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB De 7 de Agosto de 1962

PERCORRER CCHS

Os CCHs estão a ser corridos de um modo terrivelmente errado.

Segue-se a versão correta: corra um CCH só enquanto produz mudanças no aspeto geral do Pc.

Se não houver mudanças no seu aspeto durante três comandos estando o Pc de facto a executar os ditos comandos, vá para o CCH seguinte.

Se o CCH produzir mudanças, não passe à frente, mas esgote esse CCH.

Então, quando três comandos executados pelo Pc não produzirem qualquer mudança, passe para o CCH seguinte.

Corra os CCHs 1-2-3-4, 1-2-3-4, etc.

Use somente a mão direita.

OS CCHs são percorridos alternando com sessões de Prepcheck, sessão por sessão, dependendo de o Pc ter tido ou não um ganho em qualquer deles, e de os CCHs, na Sessão de CCHs, não serem abandonados com o Pc preso num CCH que estava a produzir mudanças maravilhosas, e daí um processo por esgotar.

Os CCHs não são corridos numa Sessão Modelo, nem ao e-metro, nem são estabelecidas metas. O fator realidade é estabelecido antes do primeiro comando ser dado.

É uma quebra do Código, cláusula treze, correr um CCH que não esteja a produzir mudanças, ou não esgotar um CCH que esteja a produzir mudanças, na mesma ou na sessão subsequente.

Alguns pcs não têm a princípio qualquer reação a qualquer CCH. Por isso corra cada um como acima, CCH Um Dois Três Quatro, Um, Dois, etc. com Prepchecks em sessões alternadas, ou, como dito acima, no caso de um dos CCHs ter que ser esgotado numa outra sessão de CCHs.

L. Ron Hubbard

Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
WASHINGTON, D.C.
HCOB DE 3 DE FEVEREIRO DE 1959

ESGOTAR PROCESSOS

Um processo (NT: feito fora do E-metro) é considerado esgotado quando:

1. Há o mesmo atraso de comunicação entre o momento em que o comando é dado e o Pc responde, ou executa o comando, *pelo menos* 3 vezes seguidas.
2. Ocorre uma cog.
3. Uma capacidade é recuperada.

L. Ron Hubbard



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 5 DE ABRIL DE 1962

Franchise

CCH's ATTITUDE DE AUDIÇÃO

Este é um boletim importante. Se o compreender, obterá daqui por diante resultados em casos encalhados e mais rápidos (uma hora tão eficaz como 25 horas anteriores) nos CCHs.

Eis o que aconteceu e continuará a acontecer para danificar o valor dos CCHs:

Os CCHs, na sua forma mais funcional foram *finalizados* por mim em Londres em Abril de 1957. Foi a sua maré-alta de funcionalidade durante os 5 anos seguintes. Após essa data, as dificuldades descobertas em os *ensinar aos Auditores* adicionaram soluções extraordinárias aos CCHs (não por mim) que os reduziram a cerca de 1/25 do seu valor original de AUDIÇÃO. Daí em diante, os PCs encontraram dificuldades crescentes ao fazê-los e o benefício diminuiu.

Até que ponto é que os CCHs foram afastados da AUDIÇÃO original dos CCHs? Bem, na outra noite fiz uma demonstração na TV dos devidos CCHs originais que produzem benefícios nos PCs. E mais de doze Auditores antigos (os de grau mais baixo num total de 36) pensavam que estavam a ver uma demonstração de processos inteiramente estranhos.

Embora esses Auditores tivessem sido "bem treinados" nos CCHs (mas não por mim) não viram *nenhuma* semelhança entre a maneira como os faziam e como me viram executá-los. Dois ou três estudantes e dois instrutores pensaram que estavam a ser *mal* feitos. Até os estudantes de nível mais alto ficaram surpreendidos. Nunca tinham visto CCHs como esses.

No entanto, o PC estava muito feliz, subiu muito de tom, perdeu um forte somático de antes da sessão e, em 48 horas, teve uma mudança completa de um problema físico crónico, tudo em 1 ½ hora de CCHs na forma original apropriada.

Os estudantes e instrutores "sabiam não estar a ver os CCHs corretos", pois não havia antagonismo ao PC, o Tom 40 não era gritado porque não havia uma maratona de resistência em curso. Havia apenas AUDIÇÃO calma, positiva, com o PC em boa e feliz 2WC com o Auditor, permitindo este ao PC ter vitórias.

Na AUDIÇÃO de estudantes dos dois dias seguintes, foi usada uma sombra da atitude da demonstração e os casos auditados tiveram benefícios muito mais rápidos do que antes. Entretanto, pelo menos dois ou três ainda acharam isto muito fácil para serem os CCHs.

Em cinco anos, os CCHs não supervisionados de perto por mim, porém alterados no treino, tinham-se tornado completamente irreconhecíveis (e quase improdutivos).

Porquê?

Porque os CCHs foram confundidos com o Procedimento de Abertura por Duplicação que era para Auditores. Porque os CCHs se tornaram um *ritual* duro, e não um modo de auditar o PC que está na nossa frente. Os CCHs tornaram-se um método de AUDIÇÃO sem comunicar, desenrolando novelos de exercícios sem estar ali. E os CCHs são tão bons que, mesmo quando feitos incorreta, ou até viciosamente, produzem algum pequeno ganho. Os CCHs apresentam matizes que vão do branco brilhante ao cinzento-escuro, e nunca o negro, nos resultados.

Tendo sido pervertidos no treino a um sistema de fazer os Auditores auditá-los, converteram-se em algo que nada tinha a ver com o PC.



O que esses estudantes viram demonstrado (e que os perturbou terrivelmente) foi isto:

O Auditor sentou-se, conversou um pouco com o PC sobre a sessão e explicou de modo geral o que ia fazer. A sessão foi iniciada. O Auditor explicou o exercício do CCH-1 em particular, e depois deu-lhe início. O PC deixou transparecer um pouco de acanhamento. O Auditor tomou a reação física como uma originação do PC e inquiriu-o. A rotina do exercício do CCH-1 prosseguiu e logo ficou esgotada por três respostas iguais. O Auditor foi para o CCH-2. Explicou o exercício e deu-lhe início. Foi verificado estar esgotado. O PC fez o exercício três vezes sem mudança de comunicação. O Auditor explicou e passou ao CCH-3. Este também ficou esgotado e, após um teste de três vezes, o Auditor passou a explicar o CCH-4, e deu-lhe início. Estava não-esgotado e foi gradualmente trabalhado até três respostas corretas do PC em tempo igual, num movimento que o PC a princípio não podia fazer. Tinham-se passado cerca de 50 minutos; assim, **o Auditor deu um intervalo de dez minutos**. Após a pausa, o Auditor voltou ao CCH-1, achou-o esgotado, foi para o CCH-2 e verificou estar o PC a saltar o comando, e, entrepondo pequenas demoras de diferentes durações antes de dar os comandos, derrotou o automatismo. O Auditor passou para o CCH-3, achou-o esgotado, e foi depois para o CCH-4 que não estava esgotado e, de acordo com isso, foi esgotado. O Auditor então discutiu os rudimentos finais de um modo geral, obteve um sumário dos ganhos e terminou a sessão.

Todos os comandos e ações foram em Tom 40 (que *não* é "antagonismo" ou "desafio"). *Entretanto* o PC foi mantido pelo Auditor em 2WC entre ciclos completos do exercício. Tomando *cada nova* mudança física manifestada *como uma originação* do PC, inquirindo e fazendo o PC manifestar a sua reação sobre isso, esta 2WC *não* foi em Tom 40. Auditor e PC levaram a sério os exercícios. Não houve relaxamento na precisão. Ambos, Auditor e PC, estavam descontraídos e felizes quanto à coisa toda. E o PC terminou nas nuvens.

Esses foram CCHs feitos corretamente. Tiveram altos ganhos como resultado.

Os espectadores não viram nenhum rosnar de cão de guarda, nenhum PROPÓSITO sombrio, nenhuma suspeita antagonista, nenhum PC a sair de sessão, nenhum mau trato, nenhum berro de sargento-instrutor e, portanto, SABIAM que esses não poderiam ser os CCHs. Havia bom relacionamento Auditor/Pc (melhor do que em sessões formais) e boa 2WC o tempo todo, assim sendo, os espectadores "SABIAM" não serem esses os CCHs apropriados.

Bem, não sei o que são esses banhos de sangue a que chamam "os CCHs". Eu fi-los como eram executados em Abril de 1957, proporcionando em Abril de 1957 resultados rápidos. E os processos nem sequer são reconhecidos!

Portanto, nalgum ponto dos anos desde Abril de 1957 a Abril de 1962, e nalgum ponto em cada local em que são feitos, cresceram aditivos, injunções e "agora devo fazer..." à volta desses processos exatos, porém fáceis e agradáveis, criando um monstro não-funcional chamado "os CCHs" o que, entretanto, definitivamente não é.

Não vendo as estranhas perversões, mas as respostas lentas marcadas em gráfico e muitas horas queimadas, após 1959 comecei a deixar de recomendar os CCHs, achando-os muito demorados nas mãos dos outros. Mal suspeitava quão complicados e sombrios se tinham tornado.

Bem, os CCHs *reais*, *bem desempenhados*, feitos do modo aqui descrito, são uma rota de benefício rápido, fácil para Auditor e Pc, alcançando os casos mais baixos.

Releia os boletins de Junho e Novembro do ano passado (deixe de lado o teste dos 20 minutos; 3 vezes feitas de modo igual é o suficiente para ver se um CCH está esgotado) e, sem esquecer o seu Tom 40 e exatidão, afastando a atitude de Auditor militante, distante e carrancudo, tente fazê-los tão agradavelmente quanto descritos na sessão delineada acima, e admire-se com o progresso do PC.

Os CCHs são fáceis para Auditor e PC? Ah, eles tinham observado uma porção de CCHs, mas nenhum *fácil* para o Auditor ou PC. Todos acreditavam ser uma confusão em grande, esmagadora e árdua, uma verdadeira luta. A única dificuldade era o sumiço dos benefícios, quando acabava o ARC.

Hoje em dia, pondo *qualquer* PC nos CCHs *originais* conforme acima até estarem esgotados, passando depois para 3D Criss Cross (nome de um processo), o PC levantará voo.



Por certo não é preciso parecer e soar tão zangado, desinteressado e vil quando audita os CCHs. Desejamos tornar o PC *"Claro"*, e não o converter numa trémula ruína. Os CCHs são feitos facilmente (quando feitos corretamente).

Eles irão perder-se novamente, a menos que se lembre que se podem perder.

Acredito que os TRs de Doutrinação Superior deverão ser cancelados nas Academias, dedicando simplesmente mais tempo aos CCHs, pois é a atitude de Doutrinação Superior transferida para os CCHs que os torna sombrios.

SUMÁRIO

O PROPÓSITO dos CCHs é fazer o PC atravessar incidentes e vir para Tempo Presente. É o contrário da AUDIÇÃO "mental" na medida em que coloca a atenção do PC fora do banco e no Tempo Presente. Isto é feito pelo uso de Comunicação, Controle e Condição-de-Ter ('Havingness'). Se tornar o Tempo Presente uma hostilidade para o PC, ele certamente não quererá vir para o Tempo Presente, levando simplesmente mais todo esse tempo para fazer os CCHs funcionarem.

Faça os CCHs tendo em mente o Código do Auditor, com firmeza. Não trabalhe um processo que não esteja a produzir mudanças. Trabalhe um processo enquanto produzir mudanças. Não entre em 2WC com o PC.

Complete cada ciclo do processo. Não introduza 2WC no meio de um ciclo; use 2WC somente após um ciclo ter tido reconhecimento e ter sido completado.

Não termine um processo antes de estar esgotado. Não continue um processo após ter sido esgotado.

Use os Comandos em Tom 40. Não confunda Tom 40 com gritaria antagonista contra o PC. Se *tiver* que manejar o PC à mão, faça-o, porém somente para o ajudar a esgotar o processo. Se *tiver* de manejar o PC à mão, já acumulou quebras de ARC, já lhe ocasionou perdas e já o lançou para fora de sessão.

Melhore a capacidade do PC numa escala gradativa, dê-lhe muitas vitórias nos CCH-3 e CCH-4, e, entre eles, esgote o que o PC não foi capaz de fazer.

Os exercícios dos CCHs devem ser feitos pelo Auditor, com precisão. O critério, no entanto, é no sentido do PC conseguir ganhos, não no facto do Auditor ser um ritualista perfeito.

O ritual exato é algo em que deve ter orgulho. Entretanto, existe somente para dar cumprimento à AUDIÇÃO. Quando existe apenas por si só, cuidado.

Audite o PC que está na sua frente. Não algum outro PC ou objeto geral.

Use os CCHs a fim de atrair o PC para fora do banco e para dentro do Tempo Presente.

Tome as mudanças físicas do PC como se fossem originações. Todas as vezes que ocorrer uma nova, aceite-a com 2WC como se o PC tivesse falado. Caso a mesma "originação" aconteça repetidamente, aceite-a de novo, ocasionalmente, e não todas as vezes.

Saiba o que se está a passar. Mantenha o PC nisso. Mantenha o PC informado. Mantenha o PC a vencer. Mantenha o PC a exteriorizar do passado e a vir para o Tempo Presente.

Conheça os CCHs e o que está a fazer. Se tudo se deteriorar num mero ritual, levará de 25 a 50 vezes o tempo necessário para produzir o mesmo resultado que eu obteria.

A AUDIÇÃO é para o PC. Os CCHs são para o PC. Em AUDIÇÃO você vence nos CCHs somente quando o PC vence.

L. Ron Hubbard
Fundador



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 11 de JUNHO de 1957

REEDITADO a 12 de MAIO de 1972

Remimeo

TREINO E PROCESSOS DE CCH

(Originalmente emitido como um HCO Training Boletim do Gabinete de Comunicações de Hubbard, Washington, D.C.).

NOTA... As variações e alguns dos processos mais potentes não estão neste Boletim de Treino, mas aparecerão no Manual do Estudante quando publicado em Setembro de 1957.

NÚMERO: Treino 0

NOME: Confronto do Pc.

COMANDOS: Nenhum.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados na frente um do outro uma distância confortável, cerca de um metro e meio.

PROPÓSITO: Treinar o estudante a confrontar um Pc só com audição ou com nada.

ÊNFASE DO TREINO: Sentar estudante e treinador na frente um do outro, sem qualquer conversação ou esforço para ser interessante. Sente-os a olhar um para o outro sem dizerem nem fazerem nada durante algumas horas. O estudante não deve falar, incomodar-se, rir ou ficar envergonhado ou anaten. O treinador só pode falar se o estudante ficar anaten. O estudante está a confrontar o corpo, thetan e banco do Pc.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, Março de 1957, para treinar os estudantes a confrontar Pcs na ausência de truques sociais ou conversação e superar compulsões obsessivas para ser "interessante".

NÚMERO: Treino 1

NOME: Querida Alice.

COMANDOS: Uma frase (com os "ele disse:" omitidos) é tirada do livro "Alice no País das Maravilhas" e dita ao treinador. Esta é repetida até o treinador estar satisfeito que lhe chegou onde ele está.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante a enviar uma intenção a um Pc numa unidade de tempo sem vias.

ÊNFASE DO TREINO: O comando vai do livro para o estudante e, como o seu próprio, para o treinador. Não deve ir do livro para o treinador. Tem que soar natural e não artificial. Dicção e elocução não fazem parte disso. A altura do som pode fazer.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Abril de 1956, para ensinar a fórmula de comunicação aos novos estudantes.

NÚMERO: Treino 2

NOME: Reconhecimentos.



COMANDOS: O treinador lê linhas de “Alice no País das maravilhas” omitindo os” ele disse:” e o estudante acusa a recepção (reconhece) completamente. O treinador repete qualquer linha que sente que não foi verdadeiramente reconhecida.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Ensinar o estudante que um reconhecimento é um método de controlar a comunicação do Pc e que um reconhecimento é uma paragem total.

ÊNFASE DO TREINO: Ensinar o estudante a reconhecer exatamente o que foi dito de maneira que o Pc saiba que foi ouvido. Pergunte de vez em quando ao estudante **o que foi dito**. Restrinja os “sobre e sub” reconhecimentos. Deixe o estudante fazer qualquer coisa no princípio para comunicar reconhecimentos, então nivele-o. Ensine-o que um reconhecimento é uma paragem e não o início de um novo ciclo de comunicação ou um encorajamento ao Pc para continuar.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em Abril de 1956, para ensinar os novos estudantes que um reconhecimento termina um ciclo de comunicação e um período de tempo, e que um novo comando inicia um novo período de tempo.

NÚMERO: Treino 3

NOME: Pergunta Duplicativa.

COMANDOS: “Os peixes nadam?” ou “Os pássaros voam?”. Ponte de comunicação entre eles.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Ensinar um estudante a duplicar sem variação uma pergunta de audição, cada vez novamente, na sua própria unidade de tempo, não como um borrão com outras perguntas; e ensinar-lhe como mudar de uma pergunta para outra com uma ponte de comunicação em lugar de uma mudança abrupta.

ÊNFASE DO TREINO: Uma pergunta e reconhecimento do estudante à sua resposta numa unidade de tempo que é então terminada. Impedir o estudante de entrar em variações do comando. Insistir na ponte de comunicação quando pergunta é mudada. Embora a mesma pergunta seja feita, é feita como se nunca tivesse ocorrido a ninguém antes. Ensinar os estudantes que uma ponte de comunicação consiste em obter três acordos: um acordo para terminar esta pergunta, um segundo acordo para continuar a sessão em geral e manter ARC e um terceiro acordo para iniciar uma nova pergunta. Ensine o estudante que Pc faz parte destes acordos. Nunca ensine o estudante a variar pergunta ou mudar a pergunta ou comando sem uma ponte.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Abril de 1956, para superar variações e mudanças súbitas em sessão.

NÚMERO: Treino 4

NOME: Originações do Pc.

COMANDOS: O estudante corre “Os peixes nadam?” ou “Os pássaros voam?” no treinador. O treinador responde, mas de vez em quando faz comentários surpreendentes de uma lista preparada dada pelo instrutor. O estudante tem que manejar originações para satisfação do treinador.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados na frente um do outro uma distância confortável.

PROPÓSITO: Ensinar um estudante a não ser língua-atada ou surpreendido, ou ser atirado para fora de sessão por originações de Pc e manter ARC com Pc ao longo de uma originação.



ÊNFASE DO TREINO: O estudante é ensinado ouvir originações e fazer três coisas: (1) Compreender; (2) Acusar a receção; e (3) Retornar o Pc para sessão. Se o treinador sente rudeza ou muito tempo consumido, ou falta de compreensão, ele retifica o estudante para um melhor manejo.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em Abril de 1956, para ensinar os Auditores a ficarem em sessão quando o Pc sai fora.

NÚMERO: Treino 5

NOME: Mímica da Mão.

COMANDOS: Todos os comandos são por movimentos de uma ou duas mãos. O Auditor faz um simples movimento de mão, e pára a mão ou mãos na posição final. O treinador acena a cabeça como tendo recebido isso. O treinador então, tipo espelho, faz o mesmo movimento com a mão ou mãos. O estudante então reconhece. Se o movimento não fosse feito corretamente pelo treinador o estudante acusa a receção em dúvida, então repete o movimento ao treinador. Se o treinador o faz bem, o estudante agradece ao treinador com ambas as mãos (tipo prêmio de lutador). Mantenha os movimentos simples. O estudante deve sempre poder duplicar próprios movimentos.

POSIÇÃO: Estudante e treinador sentados de frente um para o outro a curta distância, os joelhos do treinador por dentro dos do estudante.

PROPÓSITO: Educar o estudante que comandos *verbais* não são inteiramente necessários. Fazer o estudante telegrafar fisicamente uma intenção. Mostrar ao estudante a necessidade de fazer o Pc obedecer aos comandos.

ÊNFASE DO TREINO: Precisão do estudante ao repetir os próprios comandos. Ensinar o estudante a dar ganhos ao Pc. Ensinar o estudante que uma intenção é diferente das palavras.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Abril de 1956, dos princípios de mímica de corpo desenvolvidos por LRH em Camden, N.J., em 1954.

O seguinte grupo de processos é usualmente ensinado no Curso de Doutrinação Superior:

NÚMERO: Treino 6

NOME: 8-C simples.

COMANDOS: "Olha para aquela parede". "Caminha para aquela parede". "Com a tua mão direita, toca naquela parede". "Volta-te". Tudo com reconhecimentos. Não Tom 40. (é acusada a receção ao Pc quando ele origina, sem contacto físico).

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambos ambulantes numa sala sem obstáculos no centro. O estudante caminha com treinador que faz o processo para o estudante.

PROPÓSITO: Dar ao Pc a realidade do ambiente, controle em seguir diretivas e havingness. Nem todos os efeitos completamente explorados.

ÊNFASE DO TREINO: Precisão na repetição de comandos pelo estudante e, numa escala gradiente, a experiência de dirigir outro corpo que não o seu próprio. Manejo de originações. Reconhecer a execução de comandos pelo Pc. Quando este processo desenvolve somáticos num Pc deve ser continuado até esgotar.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Camden, 1953. Originalmente chamado Procedimento de Abertura 8-C", sendo 8-C um completo procedimento de audição apontado ao pensamento negativo. A única parte sobrevivente disto é agora chamada 8-C e significa o processo acima. A intenção original era colocar o Pc sob o controle do Auditor para que a audição pudesse ocorrer. Provado tão bem-sucedido foi que se tornou um fim em si mesmo. Nomeado no Resumo do Projeto de Pesquisa 1956 como por si só responsável por aproximadamente 50% dos resultados alcançados por Auditores pelo mundo fora.



NÚMERO: Treino 7

NOME: Doutrina de Alta-Escola.

COMANDOS: Os mesmos que o 8-C, mas com o estudante em contacto físico com o treinador, forçando o estudante os comandos manualmente. O treinador tem só três declarações válidas que o estudante tem que ouvir: estas são "Começa!" para iniciar o processo, "Falhou!" para chamar atenção do erro do estudante, e "Pronto!" para terminar a sessão. Nenhuma outra observação do treinador é válida para o estudante. O treinador tenta de todas as maneiras possíveis, verbais, encobertas e físicas, para parar o estudante de correr 8-C nele. Se o estudante hesita, atrasa a comm, ensaia um comando ou não obtém uma execução do treinador, o treinador diz "Falhou!" e eles começam do início do ciclo de comando no qual o erro ocorreu. Não é permitido o treinador cair no chão.

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambulantes. O estudante maneja o treinador fisicamente.

PROPÓSITO: Treinar um estudante a nunca ser parado por um Pc. Treiná-lo a correr um bom 8-C em qualquer circunstância. Ensiná-lo a manejar pessoas rebeldes.

ÊNFASE DO TREINO: Ênfase na precisão do desempenho do estudante e sua persistência. Comece a endurecer a resistência do estudante gradualmente. Não o mate de uma vez.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, 1956.

NÚMERO: Treino 8

NOME: Tom 40 num Objeto.

COMANDOS: "Levante-te". "Obrigado". "Senta-te na mesa". "Obrigado". São estes os únicos comandos usados. (Se o estudante tem problemas com o Treino 9, mande-o fazer Tom 40 num Objeto com os comandos de 8-C).

POSIÇÃO: Estudante ao lado da mesa com o cinzeiro em cima ao qual ele que faz executar manualmente os comandos que lhe dá.

PROPÓSITO: fazer o estudante alcançar claramente o comando Tom 40. Clarificar intenções como diferentes das palavras. Começar o estudante no caminho para manejar com postulados objetos e Pcs. Obter obediência não completamente baseado em comandos falados.

ÊNFASE DO TREINO: Mande o estudante dar só ordens durante algum tempo. Então comece a importuná-lo para a levar até comandos Tom 40. Mande o estudante, em silêncio, atravessar objeto com um comando e uma expectativa que ele fará isso. Quando o estudante puder "ver" as intenções dele entrarem com precisão, quando ele se perguntar por que razão o objeto não obedece instantaneamente, quando ele não estiver a tropeçar em energia ou a depender da voz dele, o processo de treino está esgotado. Este processo toma usualmente a maior parte tempo no treino de qualquer processo, e o tempo é bem gasto. Os objetos podem ser cinzeiros ou bonecos de trapos.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., 1957, para o 17º ACC.

NÚMERO: Treino 9

NOME: Tom 40 numa Pessoa.

COMANDOS: Os mesmos de 8-C. Este não é 8-C Tom 40 (CCH 12). O Estudante corre boas intenções claras e ordens verbais no treinador. O treinador tenta demolir o Tom 40 do estudante. Os comandos válidos do treinador são "Começa!" para iniciar, "Falhou" para dizer ao estudante que errou e tem que voltar ao início do ciclo, e "Pronto!" para fazer um intervalo ou parar a sessão desse dia. Nenhuma outra declaração do treinador é válida para o estudante sendo só um esforço para o fazer sair do Tom 40 ou ser parado em geral.

POSIÇÃO: Estudante e treinador ambulantes. Estudante em contacto manual com treinador conforme necessário.

PROPÓSITO: Tornar o estudante capaz de manter Tom 40 sob qualquer tensão de audição.



ÊNFASE DO TREINO: A quantidade exata de esforço físico deve ser usada pelo estudante mais uma intenção coativa não verbal. Não são permitidas lutas aos arrancos, uma vez que cada puxão são 3 paragens. O Estudante tem que aprender a aumentar suavemente e depressa o esforço ao ponto de fazer o treinador executar. A ênfase está na intenção *exata*, força exata necessária, força exata imprescindível, Tom 40 exato. Até um leve sorriso do estudante pode ser um fracasso. Muita força pode ser um fracasso. Muito pouca é definitivamente um fracasso. Qualquer coisa não Tom 40 é um fracasso.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., para o 17º ACC.

Os processos seguintes são ensinados no Curso Comunicação-Controle-Havingness:

NÚMERO: CCH 0

NOME: Rudimentos, Metas e o Problema de Tempo de Presente.

COMANDOS: Estabelecer a sessão começando por chamar a atenção para a sala, para o Auditor e para o começo da sessão. Discutir as metas do Pc para a sessão. O Auditor pede um Problema de Tempo Presente e resolve isso com Problemas de Magnitude Comparável, ou de Magnitude Incomparável, ou com Processamento Locacional. Em geral, observações e comandos bastantes para trazer ARC ao início da sessão, mas não o bastante para destruir a havingness do Pc.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Dar a conhecer o início de uma sessão a Pc e Auditor para que nenhum erro seja cometido quanto ao seu início. Para pôr o Pc na condição de ser auditado.

ÊNFASE DO TREINO: *Iniciar* sessões, e não as deixar apenas acontecer. Educar o estudante nos verdadeiros elementos de uma sessão e condição de Pcs. Acentuar a inabilidade para auditar qualquer outra coisa quando o Problema de Tempo Presente não está esgotado. Demonstrar o que acontece quando o Pc não sabe que a sessão começou ou não tem uma meta para ela, ou quando o Problema de Tempo Presente só está meio esgotado quando há outras coisas envolvidas. Enfatizar que cada sessão seja feita. Explicar o mecanismo de fechamento do problema do Pc, a solução de "o risco das soluções".

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Elizabeth, N.J., 1950; Metas em Wichita, Kansas em 1951; Problema de Tempo de Presente, Londres, 1952; Rudimentos, Fénix, 1955.

NÚMERO: CCH 1.

NOME: * Dá-me a Tua Mão, Tom 40.

COMANDOS: "Dá-me a Tua Mão". Ação física de pegar na mão quando não é dada, colocando-a então no colo do Pc. E "Obrigado" a terminar ciclo. Tudo Tom 40 com intenção clara, um comando numa unidade de tempo, nenhuma originação de Pc de qualquer forma reconhecida, verbal ou física. Pode ser corrido na mão direita, esquerda, em ambas as mãos, cada uma aplanada por sua vez.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados juntos em cadeiras sem braços. Os joelhos do Auditor ambos para a esquerda dos joelhos do Pc, de fora da coxa direita do Auditor contra o exterior da coxa direita do Pc. Esta posição inverte-se para a mão esquerda. Em ambas as mãos, joelhos do Pc entre os joelhos do Auditor.

PROPÓSITO: Demonstrar ao Pc que é possível controlar o corpo do Pc, apesar de revolta dos circuitos, e convidar o Pc a controlá-lo diretamente. O controle absoluto do Auditor passa então para o controle absoluto do Pc do seu próprio corpo.

ÊNFASE DO TREINO: Nunca parar o processo até ser alcançado um lugar plano. Processar com bom Tom 40. Auditor ensinado a apanhar a mão do Pc pelo pulso com o dedo polegar do Auditor mais próximo do corpo do Auditor, para ter um lugar exato e invariável para levar a mão do Pc antes de a agarrar, agarrando a mão com pressão precisamente correta, recolocando a mão (com a mão esquerda do Auditor ainda a segurar o pulso do Pc) no colo do



Pc. Fazer cada comando e ciclo separados. Manter o Tom 40. Ênfase na intenção do Auditor para o Pc em cada comando. Dar um momento para o Pc o fazer por vontade própria antes de o Auditor o fazer. Acentuar a precisão do Tom 40. Manter epicentros equilibrados. CCH I (b) também deverá ser aplanado.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard no 17º ACC, Washington, D.C., 1957.

* O nome e comanda ao CCH 1 foi revisto desde então para, "dá-me **essa** mão".

NÚMERO: CCH2

NOME: * Tom 40 8-C.

COMANDOS: "Olha para aquela parede". "Obrigado". "Caminha para aquela parede". "Obrigado". "Com a mão direita, toca naquela parede". "Obrigado". "Volta-te". "Obrigado". Correr sem acusar a receção a qualquer originação do Pc de qualquer forma, e acuse a receção só à execução do comando. Comandos suavemente forçados fisicamente. Tom 40, intenção total.

POSIÇÃO: Auditor e Pc ambulantes, Auditor em contacto físico com o Pc conforme necessário.

PROPÓSITO: Demonstrar ao Pc que o corpo dele pode ser diretamente controlado convidando-o por isso a controlá-lo. Encontrar o Tempo Presente. Havingness. Outros efeitos não completamente explicados.

ÊNFASE DO TREINO: Absoluta precisão do Auditor. Sem baixa de Tom 40. Nenhuma falha. Audição de Tempo Presente total. O Auditor vira o Pc ao contrário dos ponteiros do relógio depois passa para a direita do Pc. O corpo do Auditor age como um bloqueio ao movimento do Pc quando ele se volta. O Auditor dá o comando, dá ao Pc um momento para obedecer, então força o comando com contacto físico e a força correta exata para obter a execução do comando. O Auditor não restringe o Pc de executar comandos.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., 1957, para o 17º ACC.

* O nome e comando do CCH 2 foram revistos desde então para, "Tu olhas para aquela parede".

NÚMERO: CCH 3

NOME: Mímica de Livro.

COMANDOS: O Auditor faz um movimento simples ou complexo com um livro. Dá o livro ao Pc. O Pc faz o movimento do Auditor e duplica-o tipo imagem de espelho. O Auditor pergunta ao Pc se está satisfeito com a duplicação do movimento. Se o Pc e o Auditor estão razoavelmente satisfeitos, o Auditor pega no livro e vai para o próximo comando. Se o Pc diz que sim e o Auditor está bastante seguro de que não, o Auditor pega de novo no livro, repete comando e dá o livro outra vez ao Pc para outra prova. Se o Pc não tem a certeza que duplicou algum comando o Auditor repete-lho e devolve-lhe o livro. Movimentos só em tom 40. Verbal duas vias, à-vontade.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Comunicação do Pc com controle e duplicação. (Controle + duplicação = comunicação).

ÊNFASE DO TREINO: Dar ganhos ao Pc. Acentue a necessidade de o Auditor duplicar os seus próprios comandos. Movimentos circulares são mais complexos do que linhas retas.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard para o 16º ACC em Washington, D.C., 1957. Baseado em duplicação desenvolvida por LRH em Londres, 1952.

NÚMERO: CCH 4

NOME: Mímica de Mãos no Espaço.



COMANDOS: O Auditor levanta as duas mãos, palmas viradas para o Pc e diz: "Põe as tuas mãos contra as minhas, segue-as e contribui para o seu movimento". Ele faz um movimento simples com mão direita, depois com a esquerda. "Contribuíste para o movimento?" Ótimo". "Põe as mãos no teu colo". Quando isto está plano o Auditor faz esta mesma coisa com um Cm entre as palmas das mãos dele e as do Pc. Quando isto está plano o Auditor fá-lo com mais espaço e assim por diante até o Pc poder seguir movimentos a um metro.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro, os joelhos de Pc entre os do Auditor.

PROPÓSITO: Desenvolver realidade no Auditor que usa a escala de realidade (linha de comm sólida). Pôr o Pc em comm através de controle + duplicação.

ÊNFASE DO TREINO: Que o Auditor seja gentil e preciso nos movimentos dando ganhos ao Pc. Ser livre em comm duas vias.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, 1956, como versão terapêutica de Réplica de Mímica Mãos. Algo foi preciso suplantar, a parte de rudimentos "Olha para mim. Quem sou eu?" e "Encontra o Auditor".

NÚMERO: Treino 10

NOME: Processamento de Localização.

COMANDOS: "Tu notas aquele (objeto indicado)". "Obrigado". O Auditor força o comando quando necessário dirigindo a cabeça do Pc para o objeto. Corra dentro ou fora de uma sala de audição. O Auditor indica objetos óbvios, nomeia-os e aponta para eles.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados lado a lado ou de frente um para o outro, ou sentados ou a andar lá fora.

PROPÓSITO: Controlar a atenção. Uma vez que a atenção está a ser controlada por fac-símiles, um controle desconhecido, substituindo-os por um controle conhecido traz o Pc até Tempo Presente. Veja também as Pré-lógicas. Um processo altamente terapêutico. Pode ser um substituto até certo ponto para Problemas de Tempo de Presente em casos que não podem correr um Problema de Tempo Presente como um processo.

ÊNFASE DO TREINO: Que treinador (ou Pc) olhe sempre na direção do objeto.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Elizabeth, N.J., em Junho de 1950, para trazer Pcs para dentro da sala de audição depois de terem sido "trazidos até tempo de presente".

NÚMERO: CCH 5

NOME: Localização por Contacto.

COMANDOS: "Toca naquele (objeto indicado)". "Obrigado".

POSIÇÃO: Auditor e Pc podem estar sentados quando o Pc é muito inapto caso em que eles estão assentados a uma mesa com vários objetos espalhados. Ou Auditor e Pc podem andar ambulantes, com o Auditor em contacto manual com o Pc uma vez que é necessário virá-lo e guiá-lo para o objeto indicado.

PROPÓSITO: O propósito do processo é dar ao Pc orientação e havingness, e melhorar a sua percepção.

ÊNFASE DO TREINO: É na delicadeza, ARC, elevando a certeza do Pc que ele tocou o objeto indicado. Deverá ser notado que isto pode ser corrido em cegos.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard a partir de Processamento de Localização, em 1957.

NÚMERO: CCH 6

NOME: Contacto de Corpo-Sala.



COMANDOS: "Toca no teu (parte do corpo)". "Obrigado". "Toca no (objeto indicado da sala)". "Obrigado".

POSIÇÃO: Auditor e Pc andam juntos conforme necessário, o Auditor força os comandos por contacto manual usando as mãos do Pc para tocar objetos e partes do corpo.

PROPÓSITO: Estabelecer a orientação e aumentar a havingness do Pc, e dar-lhe uma realidade do seu próprio corpo em particular.

ÊNFASE DO TREINO: Usar só as partes do corpo não embaraçosas para o Pc, uma vez que se verá que o Pc tem vulgarmente muito pouca realidade de várias partes do corpo. Em caso algum deverão ser dados ao Pc comandos impossíveis.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em 1957 em Washington, D.C., como passo inferior para Corpo-Sala, Mostra-me.

NÚMERO: CCH 7

NOME: Contacto por de Duplicação.

COMANDOS: "Toca nessa mesa". "Obrigado". "Toca no teu (parte de corpo)". "Obrigado". "Toca nessa mesa". "Obrigado". "Toca no teu (mesma parte de corpo)". "Obrigado". "Toca nessa mesa". "Obrigado". "Toca no teu (mesma parte de corpo)". "Obrigado," etc., nessa ordem.

POSIÇÃO: O Auditor pode estar sentado. O Pc deverá estar a andar. Usualmente o Auditor está perto para forçar os comandos manualmente.

PROPÓSITO: O Processo é usado para exaltar a percepção, orientar o Pc e elevar a sua havingness. O controle da atenção como em todos estes processos de "contacto" tira naturalmente as unidades de atenção do banco que mantém controlada a atenção do Pc.

ÊNFASE DO TREINO: Precisão de comandos e movimento, com cada comando na sua unidade de tempo, todos os comandos perfeitamente duplicados. O Pc continua a correr o processo mesmo que entre em dope-off. Bom ARC com o Pc, não apanhando uma parte de corpo aberrada no princípio, mas aplanando algumas não-aberradas antes da parte do corpo aberrada ser tocada.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em 1957 em Washington, D.C., como processo de nível inferior ao Procedimento de Abertura por Duplicação, ou Mostra-me por Duplicação. Todos os processos de contacto foram desenvolvidos a partir das Pré-lógicas.

NÚMERO: CCH 8

NOME: Trio.

COMANDOS: "Olha à volta da sala (ambiente) e diz-me algo que poderias ter". Corra até esgotado.

"Olha à volta da sala e diz-me alguma coisa que o corpo (parte de corpo) não pode ter".

Forma de valência: "Olha à volta da sala e diz-me alguma coisa que a mãe (ou outra valência) não pode ter". Forma longa: "Olha à volta da sala e diz-me o que tu poderias ter". Corra até esgotado.

"Olha à volta da sala e diz-me algo que permitirias que ficasse". Corra até esgotado.

"Olha à volta da sala e diz-me o que poderias dispensar".

Dispensar na forma longa é às vezes corrido primeiro quando o Pc está fixo em desperdiçar.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados a uma distância confortável ambos de frente para maior parte da sala.



PROPÓSITO: remediar a havingness objetivamente.

ÊNFASE DO TREINO: Correr suavemente sem perguntas invalidativas. Um dos processos mais eficazes conhecido, quando o pensamento pode ser algo controlado. Corrido quando a havingness cai, ou para um intensivo total.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres em 1955. O nome derivou das três perguntas da forma longa. Originalmente chamado o "Trio Terrível".

NÚMERO: CCH 9

NOME: Tom 40 "Impede isso de se ir embora".

COMANDOS: "Olha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Caminha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Toca nesse (objeto indicado)". "Obrigado". "Impede-o de se ir embora". "Obrigado". "Impediste-o de se ir embora?" "Obrigado," e assim sucessivamente.

POSIÇÃO: Auditor e Pc ambulantes. O Auditor ajuda através de contacto manual.

PROPÓSITO: O propósito do processo é aumentar a havingness do Pc e a capacidade de impedir coisas de irem embora, capacidade essa que, uma vez perdida, conta para a posse de doenças psicossomáticas.

ÊNFASE DO TREINO: É na precisão e rigor, e descobrir que este é de facto Tom 40 8-C com pensamento. Este é o primeiro passo para a rota de solidificar coisas.

HISTÓRIA: Desenvolvido em 1956 em Londres, Inglaterra, por L. Ron Hubbard.

NÚMERO: CCH 10

NOME: Tom 40 "Mantém-no parado".

COMANDOS: "Olha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Caminha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Toca nesse (objeto indicado)". "Obrigado". "Mantém-no parado". "Obrigado". "Mantiveste-o parado?" "Obrigado," etc., naquela ordem.

PROPÓSITO: Melhorar a capacidade de um indivíduo para fazer coisas mais sólidas e afirmar a sua capacidade de controlar o ambiente dele.

ÊNFASE DO TREINO: O mesmo que do CCH 9.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Londres, Inglaterra, em 1956.

NÚMERO: CCH 11

NOME: Tom 40 "Faz isso um pouco mais sólido".

COMANDOS: "Olha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Caminha para esse (objeto indicado)". "Obrigado". "Toca nesse (objeto indicado)". "Obrigado". "Faz isso um pouco mais sólido". "Obrigado". "Fizeste isso um pouco mais sólido?" "Obrigado," etc., naquela ordem.

POSIÇÃO: Auditor e Pc ambulantes.

PROPÓSITO: Afirmar controle sobre o Pc e aumentar a havingness do Pc. Aumentar a realidade do Pc nas Pré-lógicas. Inverter o fluxo de sólidos.

ÊNFASE DO TREINO: Precisão Completa de desempenho, uma ênfase em todo o CCH 9, CCH 10 e CCH 11, de que eles incluem um controle do pensamento do Pc e por isso não deverão ser corridos com uma grande de confiança



do Auditor no Pc, e não deverá ser corrido até os níveis inferiores de CCHs estarem até certo ponto planos uma vez que darão perdas ao Pc.

HISTÓRIA: Desenvolvido em 1956 em Londres, Inglaterra, por L. Ron Hubbard.

NÚMERO: Treino 11

NOME: ARC Fio Direto.

COMANDOS: "Recorda alguma coisa que era realmente real para ti". "Obrigado". "Recorda uma ocasião em que estavas em boa comunicação com alguém". "Obrigado". "Recorda uma ocasião em que realmente gostavas de alguém". "Obrigado". Os três comandos são dados e repetidos consistentemente naquela ordem.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Dar ao estudante a realidade sobre a existência de um banco. Isto é auditado noutro e é auditado até o outro estudante estar em Tempo Presente. Ver-se-á que o processo revela a ação cíclica do Pc ir mais cada vez mais fundo no passado e então cada vez mais superficial no passado até recordar outra vez alguma coisa perto de Tempo Presente. Esta ação cíclica deverá ser estudada e compreendida, e a realidade das imagens que o Pc obtém deverá ser completamente compreendida pelo estudante. O facto que outro tem imagens deveria ser totalmente real para o estudante em treino.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em 1951 em Wichita, Kansas. Este foi um processo muito importante. Foi conhecido por trazer as pessoas de neurótico a um nível são apenas depois de um curto período de aplicação. Foi corrido numa base de grupo com sucesso, mas deverá ser notado que o pensamento dos indivíduos do grupo teria que estar bem sob o controle do Auditor a fim deste processo ser amplamente benéfico. Quando foi descoberto que este processo reduzia ocasionalmente a havingness, o próprio processo não foi geralmente corrido depois disso. Contudo, ainda é um processo excelente com aquela condição, uma redução da havingness nalguns casos.

NÚMERO: CCH 12

NOME: Havingness Subjetiva Limitada.

COMANDOS: "O que é que podes *Imaginar* (mock-up)?" "O.K. (à resposta do Pc)". "Faz um Mock up de (o que o Pc disse que podia *Imaginar*)". "O.K.". "Arrasta isso para dentro de ti próprio". "O.K.". Quando isto está relativamente plano, "faz um Mock up (do que o Pc disse que podia fazer)". "O.K.". "Deixa que permaneça onde está". "O.K.". Quando isto está relativamente plano entra na terceira parte. Faz um Mock up (do que o Pc disse que podia fazer)". "O.K.". "Deita isso fora". "O.K.". Se o Pc não pode deitar fora o objeto de imediato, mande-o duplicar isso muitas vezes e mova um deles ligeiramente para mais longe até que por fim ele o deita fora. Se o Pc não pode *Imaginar* (Mock up) nada, remedeie a havingness dele com negrume. Se o "campo" do Pc é uma invisibilidade, mande-o pôr objetos de vidro de muitos géneros e tamanhos numa mesa e, um após outro: "impede-o de se ir embora". Se o mock-up desaparecer mande o Pc continuar a tentar porque ele poderá finalmente obtê-lo de volta.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro.

PROPÓSITO: Remediar a Havingness do banco do Pc.

ÊNFASE DO TREINO: não dar ao Pc nenhuma perda. Ele tem que completar cada passo com êxito e o Auditor tem que fazer as coisas numa escala de gradiente até o Pc completar cada comando dado com êxito.

HISTÓRIA: Estes e outros processos criativos foram desenvolvidos por L. Ron Hubbard em Londres no Outono de 1952.

NÚMERO: CCH 13

NOME: Sólidos Subjetivos.



COMANDOS: "O que é que podes *Imaginar* (mock-up)?" "O.K. (à resposta do Pc)". (Isto é perguntado uma vez cada vez que muda o tipo de mock-up). Faz um "Mock up" (do que o Pc disse)". "O.K.". "Agora faz isso um pouco mais sólido". "O.K.". "Fizeste isso?" "Obrigado". São feitos mock-ups de vários objetos e são feitos um pouco mais sólidos. Pode ser dito ao Pc par fazer o que lhe aprouver com eles. Este não é um processo Tom 40.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados.

PROPÓSITO: Possibilitar ao Pc fazer mock-ups de objetos subjetivos e fazê-los um pouco mais sólidos. Preparatório para "Sólidos Então e Agora".

ÊNFASE DO TREINO: Saber o que o Pc está a fazer, como ele o está a fazer, onde ele está a pôr os mock-ups, para que o Pc seja policiado e faça o processo com certeza. Se o Pc negligencia o processo, embora receba o comando e mostre o seu consentimento, ele está, é claro, a fugir ao controle do Auditor.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em 1956 em Londres.

NÚMERO: CCH 14

NOME: Sólidos Então e Agora.

COMANDOS: "Obtém uma imagem e fá-la um pouco mais sólida". "Obrigado". "Olha para esse (o Auditor indica objeto) e fá-lo um pouco mais sólido". "Obrigado". Estes comandos são dados com uma pausa minúscula entre a primeira e a segunda frase pois ver-se-á que o olhar do Pc ao objeto tende a dar-lhe a impressão de que ele já o fez um pouco mais sólido antes do Auditor lhe dar o comando, se este comando de audição for quebrado em dois comandos.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados de frente um para o outro a uma distância confortável.

PROPÓSITO: Corrigir a Banda do Tempo do Pc. Clarificar o Banco dele. Revelar a computação da sua vida. Mostrar a banda toda. Dar ao Pc a prática de manejar tempo. Livrar-se de fac-símiles não desejados. E em geral manejar a mente reativa na sua totalidade.

ÊNFASE DO TREINO: Conduzir com gradientes para qualquer fracasso que o Pc possa ter ao fazer algo um pouco mais sólido. Impedir o Auditor de caçar por todo o banco cada vez o Pc tem uma segunda imagem ou uma terceira ou uma quarta ou uma quinta, do mesmo comando. O Auditor quer uma imagem e quer uma coisa ou a própria imagem um pouco mais sólida. Não fazemos duas ou três imagens e então um objeto da sala. O Pc pode facilmente ficar perdido na banda a menos que isto seja obedecido. Além disso, será notado que o Pc sai de Tempo Presente cada vez mais, e então cada vez menos, e então cada vez mais, e então cada vez menos, e este ciclo de mais no passado e então menos no passado acaba finalmente com o Pc completamente em Tempo Presente.

HISTÓRIA: Desenvolvido a partir de Sobre e Sub Sólidos, desenvolvido por L. Ron Hubbard nos fins 1955 e melhorado por ele em 1956. O processo completa mais ou menos o trabalho iniciado sobre a mente reativa em 1947. Será notado que muitos processos e efeitos anteriores são urdidos em Sólidos Então e Agora.

NÚMERO: Treino 12

NOME: Pensa um Pensamento.

COMANDOS: "Pensa um pensamento". "Obrigado".

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados uma distância confortável.

PROPÓSITO: Dar ao estudante um pouco de realidade sobre o pensamento de outras pessoas e demonstrar que o controle de pensamento é possível.

ÊNFASE DO TREINO: Deverá ser no facto que depois do controle do corpo ter sido afirmado e o controle de atenção aplanada, o controle do pensamento pode acontecer. Realmente não há nada errado com o Pc a não ser que



não pode controlar o pensamento dele, por isso não pode mudar considerações à vontade, porque é parado pelo banco. Isto é o mais permissivo de tal processo uma vez que o Pc realmente não pode deixar de pensar um pensamento e nós não queremos muito saber se foi ele que o pensou ou se foi o banco.

HISTÓRIA: Desenvolvido em 1955 em Fénix, Arizona, por L. Ron Hubbard.

NÚMERO: CCH 15

NOME: Escala de Processamento Ascendente.

COMANDOS: É empregado O Quadro de Atitudes, sendo o topo e fundo dos botões: MORTE-SOBREVIVÊNCIA, NINGUÉM-TODA A GENTE, DESCONFIANÇA-CONFIANÇA, PERDA-GANHOS, ERRADO-CORRETO, NUNCA-SEMPRE, EU NÃO SEI - EU SEI, PARAR-MUDAR-COMEÇAR, NENHUMA RESPONSABILIDADE-TOTALMENTE RESPONSÁVEL, MOVIMENTO DE PARAR-CAUSA, EFEITO TOTAL-CAUSA, IDENTIFICAÇÃO-DIFERENCIAÇÃO, NÃO POSSUIR NADA-POSSUIR TUDO, ALUCINAÇÃO-VERDADE, EU NÃO SOU - EU SOU, NENHUNS JOGOS-JOGOS ILIMITADOS.

Os comandos de audição neste processo são: "obtem a ideia de (botão do fundo)". "Tens essa ideia?" "Certo". Agora muda essa ideia para tão perto quanto puderes de (botão do topo)". "O.K.". "Quão perto é que chegaste?" "Obrigado". Isto é corrido muitas vezes no conjunto dos botões até o Pc ter a certeza que pode manter a ideia da escala superior.

POSIÇÃO: Auditor e Pc sentados uma distância confortável.

PROPÓSITO: Dar ao Pc exercícios para mudar de ideias e demonstrar que pode manter altos níveis de certeza e que pode alterar as considerações dele. E casualmente mudar a sua estrutura glandular provavelmente para melhor até ter um melhor desempenho que não é de grande importância para o processo e tem pouco para ver com Cientologia.

ÊNFASE DO TREINO: Manter ARC com o Pc, tendo, contudo, a ideia definida do que é suposto o Pc obter. Os requisitos exigem que o pensamento do Pc esteja até certo ponto sob o controle do Auditor. O Auditor não deve ser impaciente com o Pc, mas deixar o Pc tentar obter aquelas duas ideias repetidas vezes, uma ideia do fundo da escala e mudá-la para uma ideia do topo da escala. O Pc deve estar numa condição bastante boa em termos de havingness ou o processo pode falhar.

HISTÓRIA: Este processo foi desenvolvido no Outono de 1951 por L. Ron Hubbard em Wichita, Kansas, e é tirado do *Cientologia 8-8008* conforme publicado na Inglaterra e conforme *A Criação da Capacidade Humana*, página 129, como R2-51. Este é provavelmente o mais velho processo puramente de Cientologia em existência. Não era inteiramente exequível no passado porque não foi compreendido que o corpo tem que ser posto sob o controle do Auditor, e que a atenção tem que ser posta sob o controle do Auditor antes do pensamento do Pc poder ser posto sob o controle do Auditor. Contudo, o processo corrido em Pcs que não estavam numa condição muito má, teve continuamente êxito, tanto mudando as suas entidades físicas como as capacidades, estando a última na esfera de interesse da Cientologia. O primeiro Pc no qual este e Procedimento de Abertura por Duplicação foram corridos foi Mary Sue Hubbard.

NÚMERO: GP 1

NOME: Processos de Banco (Engramas, Secundários, Elos, Percéticos e Banda Total).

NÚMERO: GP 2

NOME: Total Havingness Subjetiva, Reparação e Remédio de Havingness, Avalanches, o Negro e Branco, Fluxos.

NÚMERO: GP 3

NOME: Conexão, Associação, Identificação, A = A = A = A.

NÚMERO: GP 4



NOME: Processos de Tempo.

NÚMERO: GP 5

NOME: Processos Criativos.

NÚMERO: GP6

NOME: Processos de Escala de Alçamento Cheios.

NÚMERO: GP7

NOME: Processos de Não-saber, Estação de Waterloo, Algo que não se importaria de Esquecer.

NÚMERO: GP8

NOME: Pensa um Pensamento, faz Mock-ups de (imagina) Futuros.

NÚMERO: GP9

NOME: CDEI, Problemas, Encontram Alguma coisa que Não está a pensar.

NÚMERO: GP10

NOME: Colocação de Pensamento, Inventa uma Mentira, Atribui uma Intenção, Coloca um Comando.

NÚMERO: GP11

NOME: Exteriorização, Pré-lógicas, Impede a Cabeça de Se ir embora, Tenta não Exteriorizar.

NÚMERO: GP12

NOME: Rota 1.

NÚMERO: GP13

NOME: Pontos Âncora, Estrutura do Corpo.

NÚMERO: GP14

NOME: Levantamento do Corpo.

NÚMERO: GP15

NOME: Realidade Mundial, Obtém a Ideia que esse (objeto) está a Pensar nele próprio. Percepção do Ambiente, Escala de realidade.

NÚMERO: Treino13

NOME: Pescar uma Cognição.

COMANDOS: Este é ARC geral e responde ao processo de originação do Pc. Quando o Pc experimenta um somático, quando ele suspira, quando ele dá uma reação a um processo Tom 40, o Auditor repete o processo mais duas ou três vezes (número casual) e interrompendo então o processo pergunta ao Pc: "como é que estás agora?" ou "o que é que se passa?" e descobre o que aconteceu ao Pc como se o Auditor não tivesse notado que o Pc teve uma reação.



O Auditor não aponta a reação, mas quer meramente uma discussão geral. Durante esta discussão ele traz o Pc até pelo menos uma cognição de que o Pc teve um somático ou uma reação, e então continua meramente o processo sem ponte adicional. Isto é feito casualmente. E nem sempre cada vez que o Pc experimenta uma reação.

POSIÇÃO: Qualquer posição em que o Pc e Auditor estejam conforme o processo que estão a correr. Mas usualmente com o Auditor a tocar no Pc. Por exemplo, em "Dá-me a tua mão" o Auditor continua a pegar na mão do Pc depois dele dizer "Obrigado" e pergunta ao Pc como é que ele está.

ÊNFASE DO TREINO: A pesca de uma cognição é uma arte e não pode ser ensinada por comando geral, e o Auditor não deve fazer as-is da havingness do Pc perguntando-lhe, "Como é que te sentes agora?", o Pc não deve ser posto na posse do conhecimento de que ele pode parar o Auditor de auditar tendo uma reação ou experimentando uma reação ao processamento, caso contrário ele começará a experimentar isso simplesmente para parar o Auditor. Por isso o uso do Treino 13 não é rotineiro e regular, mas fortuito. Deverá ser acentuado que isto pode ser usado ao correr todo e qualquer processo Tom 40. Deverá ser acentuado que o Tom 40 é corrido como ele próprio e que pescar uma cognição é entrar no processo entre ciclos de comando, e reconhecimento e comando, e reconhecimento. Depois de um reconhecimento completo a pessoa pode pescar uma cognição fazendo para isso uma pausa momentânea no processo, corrigir as coisas, manter ARC com o Pc e então continuar com o processo Tom 40. Não se entra a pescar uma cognição entre o comando e o reconhecimento. Nunca se reage ao que o Pc está a fazer no momento em que o Pc o faz, caso contrário educa o Pc a pará-lo. A Ênfase do Treino aqui é que um processo Tom 40 não é corrido numa base de autómato.

HISTÓRIA: Desenvolvido por L. Ron Hubbard em Washington, D.C., em 1957 enquanto desenvolvia CCHs nas notas seguintes do caderno de LRH: "eu uso processos para restimular pensamento ou ação, e quando isto acontece pesco uma cognição e, ou continuo o processo, ou atravesso para o próximo processo". Foi desenvolvido basicamente para manter os Auditores em comunicação com o Pc uma vez que processos Tom 40 dão a alguns Auditores, quando os estão a estudar, a ideia de que devem sair de comunicação com o Pc.

L. RON HUBBARD

Fundador

[CCHs 5, 6 & 7 foram reeditados para o Curso de HQS como HCOB 30.09.71, Emissão VI, emendados e reeditados 19.04.74, CCHs 5, 6 & 7, Volume VII, pág. 408. O Treino 13 foi revisto para uso em Consultor de Análise de Tensão Hubbard como BTB 25.06.70R, Emissão II, 14.08.74 revisto e reeditado, Pescar uma Cognição]



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

WASHINGTON, D.C.

HCOB DE 4 DE FEVEREIRO DE 1959

Originalmente emitido a partir de Londres

PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO

Use dois objetos: um livro e uma garrafa.

Mande o Pc examiná-los e manipulá-los para sua satisfação. Então mande-os colocar a alguma distância um do outro na sala, num par de mesas ou localizações similares.

Os comandos:

”Olha para aquele livro”.

”Caminha até ele”.

”Apanha-o”.

”Qual a sua cor?”

”Qual a sua temperatura?”

”Qual o seu peso?”

”Coloca-o exatamente no mesmo lugar”.

Repita com a garrafa.

Não varie os comandos de forma alguma. Use Tom 40. Dê o reconhecimento com ”Obrigado”. Os comandos básicos nunca deverão ser largados, e nunca, nunca engane o preclaro usando o livro outra vez quando sabia que ele começava a ir para o frasco. O propósito do processo é duplicação. Deverá ser usado bom controle.

Aceite as respostas dos Pcs quer sejam lógicas, tolas, imaginativas, obtusas ou ilícitas. Ao começar o processo você pode discutir com ele o que vai fazer, e garantir que tem os rudimentos estabelecidos. Corra o processo até os atrasos de comm estarem esgotados.

Este processo é um requisito para HPA/HCA.

L. RON HUBBARD

LRH:mc.rd



BTB DE 24 OUTUBRO de DE DE 1971R

Emissão I

Revisto a 2 de Janeiro de 1975

Remimeo
Tech & Qual
Cksheet Nível I
HQS
Checksheet Curso Super

CANCELA

HCOB DE 24 de OUTUBRO de 1971

Emita II MESMO TÍTULO

TAMBÉM MODIFICA O BTB DE 9 de OUTUBRO DE 1971R

EXERCÍCIOS NÍVELE I (Página 13, Nº. 9)

PROCEDIMENTO DE ABERTURA POR DUPLICAÇÃO FENÓMENOS FINAIS

Exteriorização é um EP para o processo Procedimento de Abertura por Duplicação, mas não é o único EP. A razão por que o Procedimento de Abertura por Duplicação teve um EP de Exterior foi que nós não tínhamos então o Int-Ext, e tínhamos que terminar isso na primeira exteriorização.

Os EPs para o Procedimento de Abertura por Duplicação incluem:

- A. Atrasos de Comm aplanados e mais nenhuma mudança no processo (segundo PAB 48).
- B. Um grande ganho real com F/N, Cog, VGIs e capacidade recuperada (segundo HCOB 20 Fev. 70, "Agulhas Flutuantes e Fenómenos Finais").
- C. Exterior com F/N, Cog, VGIs.

Na presença de overts pesados é possível que um Pc não exteriorize no Procedimento de Abertura por Duplicação.

São manejados overts no Grade II Exp. O Procedimento de Abertura por Duplicação poderia moer sem parar tanto como 50 horas sem mudança num tentativa de correr isso para Ext, quando é um Grau II fora.

Nada neste BTB deverá ser usado para um *rapidinho* Procedimento de Abertura por Duplicação.

Tirado de um C/S de LRH

Reeditado por Compilações de Tech de Flag para
CS-4, W/O Ron Shafran

Aprovado por

L. RON HUBBARD

Fundador

para o Quadros de diretores
das

IGREJAS DE CIENTOLOGIA

BDCS:LRH:RS:LG:rs.jh



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 18 DE MAIO DE 1980

OS COMANDOS DE COMEÇAR, MUDAR E PARAR (SCS)

(Ref.: HCOB 28 Jul. 58 PROCEDIMENTO DE CLARIFICAÇÃO,
PAB 97 1 Out. 56, COMEÇAR-MUDAR-PARAR, CONTROLE E AS MECÂ-
NICAS DE SCS
CIENTOLOGIA: PROCEDIMENTO DE CLARIFICAÇÃO - EMISSÃO UM.

Começar, Mudar e Parar é a anatomia do controle.

Isto é o ciclo de ação.

Mau controle é coisa que não existe, mas apenas controle não positivo. Bom controle é controle positivo e controle positivo não é mau controle.

Começar-Mudar-Parar é o nome de um processo objetivo. Ele tem duas fases, ambas concebidas para subir gradualmente a capacidade de controlar do Pc.

O processo é muitas vezes abreviado como "SCS".

SCS NUM OBJETO

A primeira fase do percurso de Começar, Mudar e Parar, é "SCS NUM OBJETO"

Começar, mudar e parar um objeto é um nível abaixo de mover o corpo.

Os seguintes são os comandos de SCS NUM OBJETO. (Isto foi tirado do filme de LRH sobre "SCS" o qual foi programado para apresentar na academia).

Num objeto:

COMEÇAR:

1. Vou pedir-te para começares a mover o (objeto) e quando eu disser começa, tu comesças a mover o objeto naquela direção (o auditor indica uma direção com a mão).

Compreendes isto?

2. "Começa".

- 3".Tu começaste a mover o objeto?"

(Repetir 1, 2, 3, 1, 2, etc., até o Pc cumprir facilmente os comandos nesse objeto).

MUDAR:

1. "A este ponto vamos chamar-lhe 'A'". (O auditor indica o ponto "A" com uma fita marcada em cima da mesa, ou um pedaço de papel marcado, no chão, conforme apropriado).
2. "A este ponto vamos chamar-lhe 'B'". (O auditor indica o ponto "B" com uma fita marcada em cima da mesa ou um pedaço de papel marcado, no chão, conforme for apropriado).



3. "A este ponto vamos chamar-lhe 'C'". (O auditor indica o ponto "C" com uma fita marcada em cima da mesa ou um pedaço de papel marcado, no chão, conforme apropriado).
4. "A este ponto vamos chamar-lhe 'D'". (O auditor indica o ponto "D" com uma fita marcada em cima da mesa ou um pedaço de papel marcado, no chão, conforme for apropriado).
5. "Quando eu te pedir para mudares o (objeto) quero que tu mudes a posição dele de "A" para "B". Compreendes isto?"
6. "Muda".
7. "Tu mudaste o (objeto)?"
8. "Quando eu te pedir para mudares o (objeto) quero que tu mudes a posição dele de "B" para "C". Compreendes isto?"
9. "Muda".
10. "Tu mudaste o (objeto)?"
11. "Quando eu te pedir para mudares o (objeto) quero que tu mudes a posição dele de "C" para "D". Compreendes isto?"
12. "Muda".
13. "Tu mudaste o (objeto)?"

(Repetir os comandos 1- 13, 1- 13, etc., até que o Pc os cumpra facilmente no objeto).

(Nota: enquanto os comandos 1- 13 são repetidos, a posição dos locais designados não tem que ser a mesma da vez anterior pois isso tornaria o processo demasiado repetitivo, levaria o Pc a prevê-lo demasiado facilmente e a fazê-lo mecanicamente).

PARAR:

1. Vou pedir-te para pões o (objeto) a andar naquela direção (o auditor indica a direção com a mão). A certa altura vou dizer pára. Então tu paras o (objeto).

Compreendes isto?
2. "Tu pões o (objeto) a andar".
3. "Pára !"
4. "Tu paraste o (objeto)?"

(Repetir 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, etc., até o Pc cumprir facilmente os comandos nesse objeto).

O auditor deveria agora percorrer Começar e assim por diante, de novo no mesmo objeto até que nem Começar nem Mudar nem Parar produza qualquer mudança.

O auditor começa SCS NUM OBJETO, dando comandos num objeto de baixo gradiente. (Por exemplo um clipe).

Quando o primeiro objeto estiver esgotado, o auditor percorre SCS num objeto maior (por ex. um tijolo, uma bola, etc.) até que isto esgote indo para um objeto maior e assim por diante até o Pc ter uma consciência de Começar, Mudar e Parar objetos e fazê-lo facilmente. (Isto pode acontecer em qualquer ponto do percurso de SCS NUM OBJETO).



SCS NO CORPO

A segunda fase do percurso do Começar-Mudar-Parar é "SCS NO CORPO"

O Pc está aqui a ser processado no sentido da capacidade de controle sobre o seu corpo.

O seguinte são os comandos para SCS NO CORPO. (Isto foi tirado do filme de LRH sobre "SCS" o qual foi programado para apresentar na academia).

COMANDOS SCS NO CORPO

COMEÇAR:

1. Vou pedir-te para começares a mover esse corpo. Não te vou pedir para o parares.

Compreendes isto?

2. "Quando eu disser começa, tu comes a mover esse corpo, O.K.?"

3. "Começa".

- 4".Tu começaste a mover esse corpo?"

(Repetir 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4,ect, até o Pc cumprir facilmente os comandos).

MUDAR:

1. "A este ponto vamos chamar-lhe 'A'". (O auditor indica o ponto "A" com um pedaço de papel marcado, no chão).

2. "A este ponto vamos chamar-lhe 'B'". (O auditor indica o ponto "B" com um pedaço de papel marcado, no chão).

3. "A este ponto vamos chamar-lhe 'C'". (O auditor indica o ponto "C" com um pedaço de papel marcado, no chão).

4. "A este ponto vamos chamar-lhe 'D'". (O auditor indica o ponto "D" com um pedaço de papel marcado, no chão).

5. "Quando eu disser muda! quero que tu mudes a posição desse corpo de "A" para "B". Compreendes isto?"

6. "Muda".

7. "Tu mudaste esse corpo?"

8. "Quando eu disser muda quero que tu mudes a posição desse corpo de "B" para "C". Compreendes isto?"

9. "Muda".

10. "Tu mudaste esse corpo?"

11. "Quando eu disser muda quero que tu mudes a posição desse corpo de "C" para "D". Compreendes isto?"



12. "Muda".

13. "Tu mudaste esse corpo?"

(Repetir os comandos 1-13, 1-13, etc., até que o Pc os cumpra facilmente).

PARAR:

1. Vou pedir-te pores esse corpo a andar naquela direção (o auditor indica a direção com a mão). A certa altura vou dizer pára! Então tu paras esse corpo.

Compreendes isto?

2. "Tu pões esse corpo a andar".

3. "Pára!"

4".Tu paraste esse corpo?"

(Repetir 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, etc., até o Pc cumprir facilmente os comandos).

PARAR SUPREMO:

1. Vou pedir-te para pores esse corpo andar. A certo ponto vou dizer-te pára! Quando o fizer quero que tu pares esse corpo o mais depressa possível e o mantendas parado tanto quanto puderes, o.k.?

2. "Tu pões esse corpo a andar".

3. "Pára!"

4".Tu conseguiste?"

(Repetir 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, etc., até o Pc cumprir facilmente os comandos).

O auditor agora percorreria Começar outra vez no corpo e assim por diante até que nem Começar nem Mudar nem Parar Supremo produzisse qualquer mudança. O Pc será capaz de executar os passos de SCS facilmente e terá uma consciência sobre Começar, Mudar e Parar o corpo. (Isto pode acontecer em qualquer ponto do percurso de SCS NO CORPO).

Quando o Pc está de pé para executar o comando, o auditor está de pé ao seu lado. Ele também se assegura de tocar o Pc (a mão ao de leve no braço ou ombro, etc.) enquanto lhe dá o R/F como nos passos 5, 8 e 11 acima.

O auditor, é claro que acusa sempre a receção a cada *execução* dum comando de audição.

A única forma de errar ao percorrer SCS é fazê-lo com imprecisão e mau ARC. É fácilimo ser preciso com alto ARC.

L RON HUBBARD
FUNDADOR
Ajudado pelo
I/C do projeto técnico.



P.A.B. Nº. 34

O BOLETIM de AUDITOR PROFISSIONAL

De L. RON HUBBARD

Via Gabinete De Comunicações Hubbard

163 Holanda Park Avenue, London W.11,

4 de Setembro de 1954

Com esta emissão do Boletim do Auditor Profissional começa uma nova série por L. Ron Hubbard intitulada UM CURSO BÁSICO DE CIENTOLOGIA. Os boletins desta série são planeados para cobrir o período de pelo menos um ano. Este Curso Básico consiste de numerosos artigos de Ron sobre a teoria e técnicas da Cientologia de hoje. O auditor profissional experiente achará isto uma excelente fonte de revisão; o recém-chegado terá disponível uma riqueza de dados novos numa forma de fácil utilização e altamente compreensível.

PROCEDIMENTO DE ABERTURA, SOP-8-C,

Um Curso Básico de Cientologia—Parte 1

Porque muita gente me escreve pedindo informações sobre como percorrer uma técnica em particular e porque a maior parte dessas perguntas são sobre como pôr um caso a correr, este processo é aqui delineado para usar na primeira parte do Curso Básico. Tendo percorrido uma vez este processo SOP 8-C num “caso chamado ‘difícil’ não precisamos mais de garantir ou de conversa de vendedor sobre isso. E tendo sido percorrido em nós mesmo por um auditor perito no seu uso, ficará demonstrada adequadamente a sua funcionalidade.

IMPORTANTE: EM PROCESSAMENTO, COM PSICÓTICOS OU NEURÓTI-COS QUALQUER QUE SEJA O GRAU OU COM OS QUE SOFREM DE MALES PSICOSSOMÁTICOS DE QUALQUER TIPO, USAMOS O PROCEDIMENTO DE ABERTURA 8-C, CADA UMA DAS PARTES, ATÉ A PESSOA ESTAR CERTA DE QUEM O ESTÁ A FAZER. USAMOS APENAS O PROCEDIMENTO DE ABERTURA SOP 8-C ATÉ O CASO ESTAR TOTALMENTE SÃO. NÃO USAMOS NENHUM OUTRO PROCESSO DE QUALQUER ESPÉCIE.

Todo o modus operandi do Procedimento de Abertura 8-C consiste em levar o preclaro a mover o corpo à volta da sala sob a direção do auditor até que (a) ele ache que está em verdadeira comunicação com muitos pontos na superfície das coisas da sala, (b) até ele poder selecionar pontos da sala e saber que ele os está a selecionar e pode comunicar com eles e (c) selecionar pontos e mover-se para eles, decidir quando os tocar e quando os largar. Cada um destes passos é feito até o auditor estar bem seguro de que o preclaro não tem comm lag.

Os comandos de audição para a parte (a) são os seguintes: ‘Vês aquela cadeira?’ ‘Vai lá e põe-lha a mão em cima’. ‘Agora olha para o candeeiro ‘Vai lá e põe-lhe a mão em cima’. Isto é feito com vários objetos sem especificamente designar pontos de natureza mais precisa do que um objeto até o preclaro estar muito certo de estar em boa comunicação com estes objetos e paredes e outras partes da sala.

O acima indicado é percorrido até as seguintes manifestações de comm-lag (e quaisquer outras que possamos encontrar) estarem bem apagadas: o preclaro roçar só o objeto que foi mandado tocar, olhando muito depressa para longe dele, não olhando para ele em absoluto, olhando para o auditor em vez do objeto que



foi mandado tocar, executar o comando antes de ser dado, como ir tocar no candeeiro quando tudo o que o auditor disse foi ‘vês aquele candeeiro?’, de algum modo reclamando do processo, opondo-se a que o mandem executar a ação, indisponibilidade para tocar os itens designados, pondo toda a atenção em criar um efeito no auditor e apatia, desgosto, raiva, medo e aborrecimento provocados por este processo.

Quando o acima mencionado foi completado, o auditor pode dizer o que lhe aprouver ou introduzir as significâncias que desejar desde que siga de perto aquilo que neste método o faz funcionar, ou seja a percepção do universo físico e estabelecer contacto com ele. Nesta altura o auditor pode tornar-se muito específico acerca da seleção dos pontos para o preclaro tocar. ‘Estás a ver aquela marca negra no braço esquerdo da cadeira?’ ‘Vai lá e toca-lhe com o indicador direito’. ‘Agora tira-o daí’. ‘Estás a ver o parafuso de baixo na chapa do interruptor?’ ‘Vai lá e toca-lhe com o dedo anelar’. ‘Agora tira-o daí’, e assim sucessivamente até o preclaro ter uma *percepção uniforme* de todo e qualquer objeto na sala incluindo as paredes, o chão e o teto. Este passo pode ser continuado por muito tempo. Ele tem uma infinidade de variações. Mas não são as variações que funcionam, mas estabelecer e quebrar a comunicação com os pontos na verdade designados. Neste ponto *podemos* fazer o seguinte: asseguramo-nos que o preclaro está a executar o processo fazendo perguntas tais como, ‘Estás a tocar no manípulo da porta?’ ‘Onde está o manípulo?’ ‘Que forma é que ele tem?’ ‘De que cor é que ele é?’ ‘Estás a senti-lo?’ ‘Olha para ele’. ‘Quem é que lhe está a tocar?’ ‘De quem é a mão que está nesse manípulo?’ ‘Quem é que lá está a segurar a tua mão?’ ‘Onde está esse manípulo?’ ‘Quando é que ele lá está?’ Podemos chatear o preclaro desta maneira até o que ele faz mostrar que está em comunicação com o objeto e até não se zangar com as perguntas e direção.

SE ALGUMA VEZ SURGIREM QUAISQUER DÚVIDAS SOBRE O CASO DUM PRECLARO, FAZEMOS ESTE PASSO (PARTE (a)) ATÉ ESTAR SATISFEITO DE QUE A COMUNICAÇÃO ESTÁ BOA. UM CASO QUE NÃO OBEDEÇA ÀS ORDENS DO 8-C (a) PERVERTEM OU ALTERAM SEMPRE OS COMANDOS A SER EXECUTADOS COM MENOS SUPERVISÃO DO QUE A PERCEÇÃO DO SEU CORPO.

A parte (b) tem estes comandos de audição: ‘Encontra um, ponto nesta sala’. Não é necessária uma maior designação para este ponto. O procedimento de localização dá ao preclaro deliberação da seleção. Quando preclaro acaba de fazer isto o auditor diz: ‘Vai lá e põe-lhe o dedo em cima’. Quando o preclaro acaba de fazer isto o auditor diz: ‘Agora larga-o’. Tem que ser realçado que o preclaro não executa o comando antes dele ser dado e não larga antes de lhe ser dito para o fazer. Ao preclaro é permitido selecionar pontos até todos os comm-lags estarem aplanados e até ele selecionar pontos livremente nas paredes, objetos, cadeiras, etc., sem qualquer especialização, ou seja, até que a sua percepção da sala esteja uniforme. Muitas coisas surgem no decurso deste procedimento tal como o facto do preclaro não poder olhar para paredes etc.

A parte (c) deste procedimento é corrido com estes comandos de audição: ‘Encontra um ponto na sala’. ‘Decide quando lhe vais tocar e toca-lhe’. ‘Decide quando vais largá-lo e larga-o’. Uma variação deste processo é mandar o preclaro decidir sobre um ponto e depois mandá-lo mudar de ideias e selecionar outro ponto.

O problema com a maior parte dos casos e com qualquer caso que não está a processar, é que foi usada uma quantidade insuficiente do Procedimento de Abertura 8-C pelo auditor. Descobriu-se ser esta uma regra invariável. Os preclaros fingem percorrer comandos de natureza subjetiva, mas não os percorrem em absoluto. Por outras palavras, o auditor está a dizer-lhe para fazer uma coisa e ele está a fazer outra coisa completamente diferente. Por isso o processo não está na verdade a ser usado no preclaro. A dificuldade neste caso é uma dificuldade específica na comunicação em que o preclaro não pode duplicar. Mas mais importante do que isso, qualquer preclaro cujo caso está pendurado está fora de contacto com a realidade a tal ponto que ele começou a fazer o processo mais com mock-ups do que no verdadeiro universo físico. Veremos que fazendo o processo em mock-ups descobrindo neles os pontos, encontrando as distâncias a eles e assim por diante, produz não ganho e até ganho negativo. Só os processos que se dirigem diretamente ao universo físico se verificaram capazes de subir o tom do preclaro. Ele tem que chegar a uma completa tolerância do mesmo antes de poder sair dele. Assim qualquer caso que esteja atolado algures em procedimentos mais intrincados, pode ser aliviado e trazido para o tempo presente pelo Procedimento de



Abertura 8-C. A única precaução a ter da parte do auditor é que ele tem que ser muito preciso a dar a suas ordens e tem que insistir com o preclaro no sentido de ele estar muito certo de que ele está realmente a ver os pontos e a tocar-lhes e de o inibir de executar os comandos antes de serem dados.

L. RON HUBBARD



L.- PROBLEMAS E AJUDA

GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD St Hill, Grinstead Oriental, Sussex, HCOB de 5 de MAIO de 1960

Todos os Auditores de Franchises
Sec. da Associação
Sec. do HCO

AJUDA

Há algum tempo que sabemos da importância do botão *Ajuda*. É o mais importante dos botões-chave da Cientologia. Limpando unicamente a Ajuda, e limpando-a em terminais da pista passada, fizemos clears.

Num ensaio incluído no inédito Manual do Estudante, salientei o facto de que, a menos que a pessoa e o auditor esclarecessem Ajuda, provavelmente não fariam muito progresso. Ajuda é o botão-chave que permite a audição. Os botões restantes de Comunicação, Controle e Interesse dão-nos uma sessão. Mas não podemos sequer iniciar a pré-sessão com qualquer outro botão que não o da Ajuda.

Desde o Inverno de 1957/58, quando este foi usado num Congresso Americano ACC, que venho trabalhando nele, procurando obter para vocês uma melhor compreensão.

Parece, agora, que Ajuda é o ponto de sucesso/fracasso entre a sanidade e a insanidade. O facto de uma pessoa não poder aceitar ajuda em algum sector insignificante, não quer dizer que seja insana. Mas por certo significa alguns traços neuróticos.

Poderíamos deduzir que esta condição de aberração, no assunto da ajuda, seria um medo de dependência. Isto significa que a Ajuda já correu mal com a pessoa. Ocasionalmente vemos em crianças um enorme esforço para serem autoconfiantes. Normalmente aprovamos isso, mas se examinarmos atentamente a criança, veremos que a resistência a ser ajudada é acompanhada de uma obsessão para ajudar. Os próprios pais, não acreditando que a criança possa ajudá-los, inibem em geral a ajuda desta, piorando assim a condição. Eu vi uma criança descer para "normal" porque os pais contrariaram a sua ajuda. Mas, por mais apaixonada que fosse a crença do psicólogo do século XIX segundo a qual a infância é um bom padrão a ser usado para estimar a futura conduta social, nós sabemos que a dita criança já se tornou aberrada no assunto antes mesmo que este fosse manifesto sob esta luz.

Os meus exames levaram-me agora a concluir que uma pessoa tem um ponto de sucesso/fracasso da sanidade em qualquer assunto determinado. Este ponto é a ajuda. Na escala de tom ela comparar-se-ia a 2.0 para qualquer dinâmica. Todo o índice de uma personalidade poderia ser determinado por um exame das reações de uma pessoa a vários tipos de ajuda. Acima deste ponto, uma pessoa pode ajudar, e pode ser ajudada, contanto, é claro, que a ajuda seja sincera, e seja realmente ajuda. Abaixo desse ponto, a ajuda torna-se traição.

A ajuda é sempre é traição para uma pessoa totalmente aberrada. Isto explica-nos muita coisa quando o compreendemos. O primeiro exemplo que chama facilmente a atenção é a reação de uma pessoa muito baixa na escala, e que esteja a receber a audição. Invariavelmente pensa, e às vezes pode até dizer ao auditor, que este não o ajudou muito, mas o traiu.

Todos os protestos em audição, exceto contra flagrantes infrações do código, denotam um colapso do botão ajuda na sessão. Embora não valha a pena percorrer Ajuda numa pessoa e, enquanto a percorre, continuar a repetir quebras flagrantes do código, isto contribui muito para esclarecer todo o assunto de



ajuda, se uma sessão parecer estar repleta de quebras de ARC, independentemente do que o auditor procure fazer para consertá-las.

Infelizmente, é verdade que a ajuda pode estar tão errada da parte do auditor quanto da parte do Pc, nos casos de termos pessoas não "clarificadas" a fazerem audição. Entretanto, sei por experiência, que, muito embora alguns dos seus esforços fossem completamente estúpidos, praticamente não há auditores que não estejam a tentar sinceramente ajudar o Pc. A dificuldade aparece quando o Pc inclui o esforço do auditor na categoria de traição. Isto faz com que o auditor reaja contra ele e a situação piora.

No passado recente desta civilização, temos a deterioração de várias práticas que começaram com um esforço sincero para ajudar, e que agora são classificadas apenas como traição. A psiquiatria e a medicina são dois bons exemplos disso. A pessoa que procura um psiquiatra considera-se em geral traída. Não recebe ajuda, mas brutalidade na forma de choques elétricos, cirurgia cerebral e outras experiências degradantes. Mesmo na forma mais elevada de psiquiatria, um conselho comum que o psiquiatra dava a uma esposa era que a melhor cura para os seus problemas era trair o marido, e vice-versa. O psiquiatra estava enredado nessa deterioração de ajuda/traição. A psiquiatria procurava, durante tanto tempo, ajudar os insanos sem sucesso, que finalmente começou a fazer Q & A com os pacientes. Naturalmente, para um paciente insano, a ajuda é sempre traição. A medicina está agora a palmilhar inconscientemente caminho semelhante. E perdeu quase toda a sua reputação junto do público por não ter permanecido na linha de pesquisa que elevaria a medicina a uma escala mais forte, mas prosseguiu numa linha de aplicação que considera o homem como um corpo, recusando-se a considerá-lo qualquer outra coisa. Considerar uma pessoa um "monte de MEST" é, em si mesmo, uma espécie de traição. Naturalmente, um Thetan é traído quando é considerado um pedaço de carne.

A psiquiatria praticamente viu, na Segunda Guerra Mundial, o fim dos últimos resquícios de ajuda sincera. A maioria dos governos envolvidos na guerra empregou a psiquiatria, como se sabe agora, para fins políticos. Um certo Hitler deu um bom exemplo disso. Assim, as últimas centelhas da ajuda sincera na psiquiatria foram praticamente extintas. Nada disto aconteceria connosco, porque estamos a lidar com verdades básicas e não com ambições básicas. Onde a ambição se torna maior do que a verdade, qualquer esfera de atividade se desfaz. Na verdade, em última análise, esta é a deterioração fundamental da pista.

Outro exemplo excelente encontra-se no levantamento Mau-Mau do Quênia. Os terroristas mataram somente vinte brancos em comparação com os milhares de nativos, mas os brancos que eles mataram foram só aqueles que haviam procurado ajudá-los. Evidentemente, os Kikuyus estavam completamente certos de que, qualquer um que procurasse ajudá-los, apenas os estava a trair. Logo, a sua ação ao matar os seus melhores amigos, torna-se mais compreensível. A ação permanece muito insana, mas, no seu sistema de referência, era inteiramente compreensível. Em qualquer momento que enfrentemos a tarefa de lidar com grandes grupos de pessoas insanas, ou com populações iletradas e medrosa, será bom termos em mente a importância deste botão de ajuda, compreendendo que, para tais pessoas, ajuda é completa traição. A coisa que trai é esta identificação ajuda/traição, e não as pessoas.

Se você apurar isto, encontrando os seus próprios exemplos, vendo se é válido para si ou não, creio que sentirá um certo alívio. Nenhum Cientologista falhou de ter, nalgum momento, um paciente que estava totalmente certo de que toda a meta do auditor era trair. Isto deixa a pessoa presa num enigma sem solução. A nossa sinceridade era indiscutível. Uma interpretação assim tão errônea era tão incompreensível que muitas vezes atribuíamos a causa a nós mesmos. Talvez fôssemos causadores de algumas. Não obstante, em última análise, o nosso único erro foi não limpar com o indivíduo o botão de ajuda.

LIMPANDO AJUDA

Há muitas maneiras de limpar o botão de Ajuda. Como esta é a primeira etapa da pré-sessão, pode ser que o botão tenha de ser limpo várias vezes durante a audição.

A primeira coisa a ser feita é pôr o indivíduo no e-metro. Se não tiver um bom instrumento e não souber o que um e-metro faz, encomende um imediatamente e obtenha instrução. Discuta ajuda com a pessoa e observe as reações da agulha. Se a agulha tender a ficar pegajosa e presa em qualquer discussão de ajuda, você tem então trabalho pela frente. Se a agulha permanecer livre e continuar livre no assunto de ajuda, seja o que for que você trabalhe e como o discuta, o botão, naturalmente continuará livre.



Se necessário, é importante continuar qualquer ataque a este botão, como atividade de pré-sessão, durante períodos sucessivos de audição, até a agulha ficar livre a este respeito. Não é preciso prosseguir, e na verdade, não há porque prosseguir, se o paciente achar que você o vai trair. Em algum ponto isto se manifestará como quebras de ARC, todo o programa de trabalho se esfacelará e você acabará sem Pc, além de um ciclo de ação inacabado. Portanto, preste atenção ao que lhe digo aqui, no tocante à aplicação da técnica: trabalhe com ajuda, nada mais que ajuda, até a agulha ficar livre no assunto.

Que processos é que deve trabalhar? Naturalmente, o primeiro processo é comunicação comum nos dois sentidos. Discute-se o indivíduo ajudando outros e outros ajudando o indivíduo. Obtêm-se as opiniões dele sobre ajuda, deixando-o expressar essas opiniões sem avaliação.

O processo seguinte é Ajuda numa chaveta de dois comandos: "*Como é que poderias ajudar-me?*" alternado com "*Como eu te poderia ajudar?*". Não espere que isto cause muita movimentação no TA, porque não o fará. Um fluxo nos dois sentidos deste tipo não é um modo fiável de fazer descer o TA. Mas faz alguma coisa, e tende a liberar a agulha sobre o assunto específico.

Pode-se então empregar a velha chaveta de cinco sentidos: "*Como é que poderias ajudar outra pessoa?*", "*Como é que outra pessoa poderia ajudar outra pessoa?*", "*Como é que outra pessoa te poderia ajudar?*", "*Como é que tu me poderias ajudar?*", "*Como é que eu te poderia ajudar?*".

Esta é uma chaveta grosseira, mas é útil e não deveria ser retirada do repertório.

Existe algum processo que limparia completa e totalmente o botão de Ajuda?

Naturalmente, uma vez que ele tornou a adquirir tal importância, venho trabalhando nele e desenvolvi-o a um estágio de aplicação condicional (o que significa eu estar totalmente livre para mudar de ideias quando tiver adquirido ampla experiência). É um novo meio de fazer saltar alguma solução. Tenho aplicado isto aos botões centrais da Cientologia e verifiquei que funciona. A fórmula geral é escolher o botão que se deseja limpar e perguntar à pessoa que problema uma certa solução representaria para ela.

Aplicando isto a ajuda, perguntaria repetidamente ao indivíduo: "*Que problema é que a ajuda representaria para ti?*"

Primeiro usei isto no botão da responsabilidade com resultados muito bons, porque verifiquei que responsabilidade é muito aberrada nas suas definições reativas e, visto que a pessoa está muitas vezes numa valência, ela é auditada irresponsavelmente. Esta versão de trabalhar a responsabilidade até um ponto de aplanação parece funcionar bem.

Se o Pc estiver a inventar respostas em lugar de as apanhar na trilha, é melhor fazer a pergunta na seguinte versão: "*Que problema é que a ajuda tem sido para ti?*" Na presença de invenção, temos sempre o remédio, a despeito do facto de, aparentemente, não haver nenhum terminal presente, percorrermos: "*Que ajuda é que poderias confrontar?*", "*Que ajuda é que preferirias não confrontar?*". Não sei até onde isto poderia levar pois não o testei por muito tempo, mas, pelo menos nos seus primeiros estágios, funcionou. Por estranho que pareça, responsabilidade pode ser trabalhada num terminal sem massa ou mesmo numa significância. Não tive muita oportunidade de testar o confronto, mas, com base na teoria segundo a qual qualquer coisa em que se pode trabalhar responsabilidade também se pode trabalhar confronto, diria que, à primeira vista, este é um processo funcional. Em breve saberei mais a respeito disto e gostaria que me transmitisse qualquer coisa que saiba sobre isto.

Portanto, temos vários processos pelos quais se pode aplanar ajuda. Infelizmente, nenhum destes processos alcança uma pessoa insana ou inconsciente. Naturalmente que quando digo inconsciente refiro-me a alguém de olhos fechados, e quando digo insana refiro-me a alguém que está, e deve estar, internado. No tocante à pessoa inconsciente, você tem os CCHs e também os tem, até certo ponto, com a pessoa insana. Contudo, o melhor para uma pessoa insana não é processamento, mas descanso, e quando tiver descansado o suficiente, os processos ainda não são a resposta, mas sim o exercício. E quando a pessoa tiver feito alguns exercícios por um período prolongado de tempo, verá que os processos de grupo, junto com outras pessoas insanas, ainda é melhor do que a técnica individual. Somente agora é possível fazer muita coisa pelo insano. Naturalmente, a primeira razão de adotar esta abordagem é o auditor. Porquê atacar grandes número de casos insanos com técnica individual, quando outros métodos são muito mais



económicos e eficazes contanto que tais métodos sejam apenas descanso, exercício, processos de grupo, passatempos, etc. É evidente que os esforços para alcançar o insano simplesmente com ajuda, restimulam a ideia insana de que ajuda é traição. Eis porque a psiquiatria recorreu a "tratamentos" tão selvagens e bestiais como choques e cirurgia. Eles estavam perante pessoas que aparentemente não se deixavam ajudar. Assim, a psiquiatria passou ao efeito total. Eis porque a psiquiatria falhou, e hoje está num estado de fracasso, perdendo toda a sua reputação perante o público.

As pessoas foram traídas tantas vezes na pista total que não é de espantar que confundam ajuda com traição, mas ajuda só se transformou em traição naqueles períodos da pista em que se atingiu a espiral descendente de qualquer civilização. Mesmo os romanos íntegros do séc. III A.C. usavam o mecanismo de convidar todos os chefes germânicos, os que aceitassem o convite para festas, para então os envenenar, depois de todas as garantias de que Roma estava disposta a ajudar os seus países. Uma deterioração da ajuda pode ocorrer em qualquer dinâmica e em qualquer área, mas, como disse acima, ela ocorre no ponto de sucesso/fracasso da sanidade/insanidade.

Mais uma palavra sobre isto tudo. O indivíduo pode ser analiticamente sadio e ainda assim, às vezes, reagir violentamente na sessão. Lembre-se que ele está a reagir na sessão porque foi lançado numa área da sua mente reativa. Nas zonas e área reativas, ajuda é quase sempre traição. Assim, ao trabalhar um engrama difícil, não se espante se verificar que o Pc (que você limpou cuidadosamente no assunto de ajuda) está furioso com a traição. Ele está no meio de um engrama e, naturalmente, o cerne de qualquer engrama é traição. Não o interrompa para começar a trabalhar ajuda. Trabalhe-o apenas no engrama. Ele sair-se-á bem deste, se você trabalhar bem. Deve-se lidar com ajuda como processo de pré-sessão, e lidar com ela muito bem e completamente. Se em qualquer série de sessões, a ideia de ajuda do indivíduo parecer deteriorar-se, você colocou-o numa série de incidentes em que ajuda é traição, e ele deve ser novamente clarificado como atividade de pré-sessão, numa sessão subsequente, sobre o assunto de ajuda.

Existem muitos processos possíveis, bem como muitas abordagens possíveis. Compreendendo isto, você não se deve permitir exagerar na ideia de o Pc ser ruim, ou de não poder ser ajudado, só porque aparentemente não será ajudado. Todos os Pcs podem ser ajudados, mas a maioria deles tem ideias aberradas sobre o assunto. Cabe-lhe a si dar a primeira prioridade a essas ideias no seu trabalho e limpá-las, pelo menos até que a agulha do e-metro fique livre no assunto, independentemente do número de horas gastas.

L. Ron Hubbard
Fundador

LRH:js.gh.rd
Copyright © 1960
por L. Ron Hubbard
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD
St Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB de 19 de MAIO de 1960

Todos os Auditores de Franchises
Sec. da Associação
Sec. do HCO

COMO A AJUDA SE TORNOU TRAIÇÃO

Ajuda é o botão que o mundo retorceu há alguns milhões de anos atrás. É onde encontramos o nosso preclaro. "Ajuda é traição", conseqüentemente não há saída. A Cientologia "deve ser má" pois "ajuda é traição". *Todos* sabem disso. Assim, se os Cientologistas ajudam as pessoas, então, nós "devemos ser traidores"!

Já vimos e ouvimos isto. Porém agora sabemos o que é e podemos rir calmamente quando nos tentam abocanhar.

Quando eles quiseram realmente fazer de tudo isso uma armadilha, foi feita propaganda no sentido de que "ajuda é traição". Para não ser traído, ninguém deve receber qualquer ajuda. Assim sendo, os thetans permanecem nas suas gaiolas.

É interessante como este mecanismo se desenvolveu. O jogo da vítima é muito antigo. Este pretendia suscitar compaixão e salvar bens. Tornou-se uma armadilha. Uma vez *acreditando* inteiramente em vítimas, começou a ajudar-se *somente* as vítimas.

Assim sendo, esta sequência começou: alguém lesou outro (que se armou em vítima), este sentiu pena dele e procurou ajudá-lo. (Já viu uma esponja de ajuda profissional?) Em tempos muito antigos, a ação de prejudicar ficou identificada com a ação de ajudar. Como o ciclo era lesão-vítima-ajuda, assim que o tempo se torna vago, as partes do ciclo converteram-se em lesão-é-ajuda ou ajuda-é-lesão.

Foi durante muito tempo verdade que, como denominador comum, ajudar poderia ser lesar. Disto surgiu a autoconfiança como virtude. Conhecemos pessoas que recusaram ajuda por serem "orgulhosas" ou "terem confiança em si próprias". Bem, esta é só a primeira etapa de "ajudar-é-lesar".

A segunda fase não é tão antiga. Penso ter sido revertida só nos dois últimos milhões de anos mais ou menos, nestas paragens do universo. A "reviravolta completa" não é uma identificação de ajudar com lesar, mas uma desassociação, uma completa dispersão sobre o assunto. "Como lesar", torna-se *ajuda*. Isto é traição. Com a intenção de lesar, alguém oferece ajuda a fim de criar uma dependência de algo disfarçado que, com o uso, se torna lesivo. Foi esta ação psicótica que deu o toque final na armadilha como armadilha. "Não ouse aceitar qualquer ajuda porque ela é apenas um esforço para trair", é a ideia fixa que prevaleceu. Com esta ideia não se podem ter jogos, nem vida. É esta ideia que envenenou o Cristianismo.

Bem, isto pode ser difícil de ver, porque pela própria virtude de ser adepto da Cientologia, você não pensa que toda oferta de ajuda é só para lesar. Porém, os outros têm esta ideia e, desse modo, você acha-os difíceis de compreender. Somos poucos porque, nós os poucos, não acreditamos que toda a ajuda seja prejudicial. No entanto, aquilo que buscamos ajudar os outros que não aceitaram a Cientologia, demos de caras contra a parede. O que era a parede? A ideia fixa acima. A maioria neste mundo, evidentemente, acredita que ajuda é apenas uma intenção de lesar. Isto é mais do que "ajuda-pode-lesar". É "toda-a-ajuda-é-perigosa-porque-todos-os-que-se-oferecem-para-ajudar-só-nos-pretendem-lesar".

Existem à sua volta demasiados exemplos para precisar de muito mais. Você próprio pode encontrar numerosos. Entretanto o povo Mau-Mau só matou os brancos que tinham procurado ajudar os pretos. E enquanto eu estava a terminar a pesquisa sobre esta Tecnologia (que agora está para além de ser só uma teoria), recebi uma carta de um advogado branco a quem tinha sido solicitada ajuda. Em pânico, ele



exigia ser deixado de fora, com rapidez! Foi muito engraçado. Com os papéis da minha pesquisa à minha frente sobre a mesa, fui presenteado com um exemplo perfeito da tecnologia! Pobre homem, mal sabia ele onde é que a sua carta tinha ido parar. Escrevi de volta e a sua carta seguinte foi tão confusa! Ele até pode recuperar.

Estas ideias, como convicções fixas, estão todas sobre nós e cruzam o mundo. É esta a ideia que bloqueou o caminho à nossa intenção sincera de tornar os homens livres. É como a colheita da imprensa e, alguns de nós, dos nossos mais caros amigos e parentes.

Nós fomos confundidos, mas o Homem também. Ainda está confuso, e nós não estamos. Estudando e sabendo os nossos dados sobre isto, a "parede" irá desaparecer.

Qualquer psicose, neurose ou doença é frágil, não importa quanto pareça feroz. Elas só podem florescer no meio de mentiras.

Agora, o que acontecerá às barreiras que temos tido quando forem atingidas pela verdade?

Eu dou 20 meses para tornarmos "clear" todo o staff das Organizações Centrais, três anos para tornarmos "clears" todos os associados e duas décadas para termos uma grande proporção da Terra "clear". É, presentemente, a minha ideia.

Assim, aprenda a lidar com *ajuda*. Torne-se esclarecido sobre isto na co-audição ou no HGC. Aprenda uns doze modos de discutir isto a fim de derrubar a barricada do "desinteresse" (que é, realmente, medo) e ponha o espetáculo na rua.

Ajuda *não* é perniciosa. Ajuda *não* é o melhor meio de lesar.

Ajuda é só ajuda. Aplanemos isto até sabê-lo sempre e nunca mais o esquecer, e aprendamos habilmente, a derrubar nos outros a psicose sobre ajuda, só pela palavra.

Adquirimos a nossa própria Liberdade de Ajudar.

Usemos-la.

L. Ron Hubbard
Fundador

(No próximo boletim darei a forma exata de usar a ajuda em Sessões Modelo)

LRH:js.gh.rd
Copyright © 1960
por L. Ron Hubbard
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 31 DE MARÇO DE 1960

O PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE

Toda a gente tem, às vezes, problemas de tempo presente. Eles surgem inesperadamente. Acontecem entre intensivos. Aparecem entre sessões. Ocorrem, na verdade, no meio das sessões. E o auditor que os descarta quando surgem, pouca audição conseguirá.

É o problema de tempo presente que encalha o gráfico, que o faz registar imutável. (As Quebras de ARC é que o baixam).

O que é o "PTP", e como é que isto é anotado nos relatórios?

É basicamente a incapacidade de confrontar a natureza do terminal dual deste universo.

É uma incapacidade de alargar a atenção e denota que o Pc que está com muitos PTPs tem a sua atenção *muito* fixa em algo.

A definição de problema é intenção *versus* intenção ou "dois ou mais pontos de vista em oposição e conflitantes a respeito do mesmo assunto".

Se o indivíduo tem problemas com a esposa, ou o marido, podemos estar certos de que eles têm opiniões divergentes sobre alguma coisa básica da vida. Desse modo, o auditor que tem um Pc com PTPs permanentes referentes a uma mesma pessoa, melhor seria trabalhar O/W (overt/contenção) naquele terminal na forma específica (Jorge) e depois responsabilidade na forma geral (um marido). Logo, o manejo de um PTP é tão bom quanto uma verificação. Descubra os terminais com quem a pessoa tem PTPs e maneje cada terminal conforme acima. Na verdade, isto, mais do que um recurso é um grande economizador de tempo. Podem perder-se horas com quem repetidamente aparece com um PTP com a mesma pessoa. Porém essa pessoa, do PTP, é com frequência a pista para o caso. "Graça, a esposa" leva a "uma esposa" que leva a "uma mulher".

Problemas de Tempo Presente nem sempre estão relacionados com o mundo de fora da sessão. Os auditores podem ser um PTP para o Pc, especialmente quando o Pc tem grandes contenções.

PROCESSOS SOBRE PTPs

Os processos de problemas de tempo presente são muitos. O mais antigo foi 2WC. Mais tarde veio: "Inventa um problema de magnitude comparável a...". Mas, este é, obviamente, um processo tipo criativo e por isso muito limitado.

Outro processo era ainda: "conta-me o teu problema", "como é que te parece agora?" Isto corre o caso quase todo.

Um processo recente que funciona é: "que problema é que poderias confrontar?" Isto revela ao Pc que não pode *confrontar* um problema à primeira sem antes fazer algo acerca dele. *Isso* não é confrontar o problema. É um processo divertido, eficaz e educativo.

Os problemas tendem a colar-se ao Pc. O mecanismo aqui é que ele não os pode confrontar, logo, obviamente, os problemas agarram-se a ele. Quando inventa uns poucos, o primeiro problema afasta-se visivelmente. Este último serve agora de demonstração, e não de processo, devido ao fator criativo.



O processo corrente mais rápido é: "conta-me o teu problema", "por que parte desse problema é que foste responsável?". É um processo de pergunta alternada. Descobrirá que o problema vai mudando. Ele percorre o caso todo.

Um processo geral muito saudável sobre problemas é: "por que problema é que tu foste (ou podes ter sido) responsável?"

O processo mais fácil de trabalhar sobre problemas, embora mais lento, é: "conta-me o teu problema", "que parte desse problema é que poderias confrontar?".

CONFUSÃO E DADO ESTÁVEL

Os problemas encalham seriamente os casos, pois você tem uma antiga solução de um problema, causando novos problemas. Daí o princípio: confusão e dado estável. A confusão (dois ou mais pontos de vista ou ações em oposição) permanece porque está pendente num único ponto fixo. Se quiser ver um indivíduo entrar em confusão pergunte-lhe que solução é que ele poderia confrontar (isto não é um bom processo, mas apenas uma demonstração).

Um Pc é às vezes parco em movimento no banco. Agarra-se a partículas fixas para evitar partículas móveis. Um processo muito alto na escala, que faz coisas fabulosas, também ilustra isto: "por que movimento é que foste responsável?" Isto põe verdadeiramente um banco a zunir, particularmente casos negros ou de imagem presa. Trabalhar isto possibilita descarregar o risco de ter problemas.

O UNIVERSO DUAL

A unidade básica deste universo é *dois* e não um.

Quanto menos podemos confrontar *duas* coisas mais nos fixamos em *uma*. É a pessoa altamente individualista, e também o caso de auto-audição.

É provavelmente a armadilha básica de um thetan. Ele é uma unidade singular que não se interessou por confrontar unidades duais, estando, portanto, sujeito à persistência de todas as coisas duais. Como parece não atentar tanto em *dois* como o faz em *um*, aquilo que não é admirado tende a persistir, e temos um universo dual persistente.

Também, quando está com alguém, ele tende a confrontar a outra pessoa, mas não a si próprio. "O que é que você poderia confrontar a seu próprio respeito?" é um processo mortal. É correto percorrê-lo. Apanha as ocasiões em que a atenção estava fora dele próprio e, contudo, ele estava a criar. Um banco reativo é deste género. A dor é provavelmente isso.

No entanto, um melhor e mais espetacular processo que demonstra isto e vai ao âmago dos problemas é: "que duas coisas é que podes confrontar?" Isto aumenta a sua capacidade e reduz o risco de ter problemas. Suponho que poderíamos aumentar gradualmente o número de coisas e ter por fim um preclaro que poderia tolerar qualquer movimento ou número.

É a quantidade e não a qualidade que faz o banco. Por isso, trabalhar significâncias é de pouco valor. Um thetan tem ideias de gente demais e de gente de menos. Ele não pode ter, por fim, alguma coisa que se torne escassa de mais, uma das importantes velhas regras de havingness dadas em *SCN 8-8008*.

FORA DE SESSÃO

Um Pc está em sessão quando: (a) está disposto falar ao auditor e (b) está interessado no seu próprio caso.

A violação primária da parte (a) é devida a overts e contenções, o Pc tem medo de falar, ou conversas para encobrir.



A segunda violação (b) ocorre quando a atenção do Pc está “ali” em tempo presente, fixa nalguma preocupação que está “agora mesmo” algures no universo físico. Tecnicamente um *problema de tempo presente* é um problema especial que existe agora, no universo físico, no qual o Pc tem a atenção fixa. Isto viola parte da regra (b) de “em sessão”. A atenção do Pc está “ali” e não no seu caso. Se o auditor descuro ou não corre o PTP, então o Pc nunca estará em sessão, ficará agitado, quebra o ARC, etc. E nenhum ganho é feito porque o Pc não está em sessão. Daí o gráfico inalterado quando o Pc tem um PTP descuro ou não devidamente manejado.

Os PTPs são fáceis de manejar. Se você, o auditor, ficar impaciente por ter que “desperdiçar tempo” a manejar um PTP, ou se o Pc considerar isso um desperdício de tempo, está a ser cometido um erro. Desde que um PTP dê uma queda num e-metro mesmo que ligeiramente, é melhor manejá-lo até não cair mais quando conferido.

Se o mesmo tipo de PTP continuar a surgir, use isso como verificação de caso e corra-o fora-fora-fora conforme acima e use O/W e responsabilidade.

E se o Pc tem *sempre* problemas, é melhor notar que *também* tem imagens presas, é sozinho e auto-auditado pesadamente. Habitue-o a movimento e a duas partículas conforme os processos acima, e será de facto muito em breve um caso melhor.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES DE HUBBARD

St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex

HCOB DE 6 DE JULHO DE 1961

ROTINA 1A

Eis o primeiro refinamento das Rotinas.

Por vezes acontece que certos auditores não conseguem resultados com os CCHs e acontece também que certos PCs têm constantes problemas de peso que evitam que a verificação de SOP Metas, sendo os problemas *standards escondidos* segundo os quais todo o progresso de audição é julgado.

Também acontece que o assunto Problemas é a única razão por que casos não avançam (como nos rudimentos). Por isso problemas são provavelmente a razão por que algumas pessoas clarificam facilmente e outras não.

Considerações acerca do dado estável e confusão também conduzem a audição de problemas como tal. Pois um problema consiste em dois dados estáveis opostos e por isso duas confusões.

A definição de problema é: dois ou mais postulados em oposição.

Provavelmente todos os PCs deviam ser percorridos na Rotina Um. A escala de Mudança visava manejar alter-is dando os comandos de audição. Auditando Problemas, veremos, cura alter-isness num caso.

O rundown completo na Rotina Um básica foi dado aos estudantes do SHSBC no dia 3 Jul. de 1961 e, deviam ser estudados nesta fita, todos os dados sobre a Rotina 1A. A Rotina 1A pode contudo ser usada sem consequências sérias e com grande benefício, mesmo sem todos os seus dados. Pelo menos consegue melhores resultados do que CCHs mal percorridos e que mesmo assim têm resultados. Experimentemo-lo.

PASSOS

A Rotina 1A tem apenas 2 passos.

1. Problemas.
2. Verificação de Segurança (Sec checks) Formulário 3 do HCO WW ou Formulário de processamento do HCO WW.

O comando original era “Recorda um problema”. Este é o fundamental. Um comando algo melhor, uma vez que ele aumenta a capacidade e faz mais do que meramente fazer as-is da pista, e visto que remove o Pc da primeira dinâmica, cá vai:

“Que problema é que poderias confrontar?”



“Que problema é que não tens que confrontar?”

“Que problema é que outro deveria confrontar?”

“Que problema é que outro não confrontaria?”

“Que problema é que seria confrontado por outros?”

“Que problema é que outros não confrontariam?”

Nota: A terceira pergunta pode também ser: “Que problema é que outro poderia confrontar?” o que der no e-metro.

SEC CHECK

Isto é seguido por uma Verificação de Segurança. A Verificação de Segurança *deve* ser um **Formulário** de Sec Check do HCO WW e nunca uma versão local. Um Sec Check é feito com o comando completo do novo livro *O Essencial do E-Metro* que está agora a ser enviado pelo HCO WW. Um Sec Check é feito (assim como as metas) apenas por LEITURA INSTANTÂNEA e nunca por LEITURA LATENTE. Se a agulha cai ou reage um décimo de segundo depois da pergunta ser feita seguimo-la, pois é uma Leitura Instantânea. Se não cai ou reage num segundo ou mais e reage depois, NÃO a seguimos nem fazemos nada com isso. Trata-se de uma LEITURA LATENTE. Usamos o e-metro apenas se o pc diz Não ou negar tê-lo feito.

Se o Pc confessa, não referimos o e-metro. Nem mesmo olhamos para ele quando fazemos uma pergunta de Sec Check pela primeira vez. Se o Pc então disser que não o fez, olhamos para a agulha e sem olhar para o pc fazemos a pergunta outra vez. Dizendo ainda o pc “Não” ou algo equivalente e tendo nós uma leitura instantânea, seguimo-la com mais perguntas. Nunca passamos uma pergunta de Sec Check com Leitura Instantânea. Quente. Passamo-las sempre que derem só leituras latentes. Frio ou é alguma outra coisa. Usamos o e-metro só depois do Pc negar. Aumentamos a sensibilidade, fazendo a pergunta de novo antes de deixar qualquer pergunta que o Pc negue.

RELAÇÃO ENTRE PROBLEMA E SEC CHECK

Percorremos Problemas e Sec Checks um por um em termos de tempo. Mas nunca na mesma manhã, na mesma tarde ou na mesma noite. Jamais na mesma sessão. Fazemos Sec Check de manhã, Problemas à tarde. Ou vice versa. Ou em dias alternativos. Não esperamos que os Problemas se esgotem antes de fazer Sec Check. Problemas são um percurso longo. Podem trabalhar dois auditores num pc, um a uma hora do dia e outro a outra. O Pc pode quebrar o ARC se uma sessão de Problemas for interrompida para fazer Sec Check. Assim, Sec Checks são numa sessão, Problemas noutra. E separadas por diferentes períodos de tempo.

VALOR DA ROTINA 1A

A rotina 1A tem algum dia que ser percorrida em todos os Pcs quando vão a ou chegaram a clear. É melhor percorrê-la primeiro, pois ela acelera a audição posterior, removendo PTPs e alter-is dos comandos. Não vai tão longe como os CCHs, mas quase.

A Rotina 1A é extremamente valiosa em qualquer caso. Ela dará imensos ganhos.

Neste momento acredito, apesar de ainda não ter dados extensos sobre ela, que a Rotina 1A virá a acelerar casos que estão a marcar passo ou a levar muito tempo a aclarar.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 30 DE JULHO DE 1962

UM INTENSIVO SUAVE DE 25 HORAS NO HGC

Aqui está o padrão para um novo Intensivo de Problemas que pode ser entregue por auditores do HGC ou de Campo e que proporcionará resultados maravilhosos em pcs novos ou antigos.

Esta sequência de ações faz o prepcheck realizar-se plenamente pois, se for bem feita o pc ficará bastante bem preparado para que a sua meta seja encontrada.

Este intensivo é espantosamente fácil de correr, desde que o auditor o faça bastante amordaçado e não viole a rotina do prepcheck repetitivo. É claro que, se a observação do E-Metro pelo auditor não for perfeita, se o auditor não estiver a par dos recentes HCOBs sobre o E-Metro e se, numa sessão, lhe passarem despercebidas leituras, mesmo que só duas, o resultado de tudo isto pode ser um fiasco. Se o pc não se sentir melhor com isto, então o auditor simplesmente não leu o E-Metro ou seguiu muito desastradamente esta rotina. Se algo correr mal, dentre estas duas causas, é melhor que o D de P suspeite das leituras do E-Metro.

A primeira coisa a fazer é completar o antigo formulário de verificação de caso. Isto é feito numa Sessão Modelo, e verifica-se após cada uma das suas pequenas secções se alguma contenção do Pc foi ultrapassada.

Depois verifica-se a lista de mudanças autodeterminadas (e não se engane, colocando mudanças alter-determinadas na lista de mudança do pc, senão apurará engramas).

Encontra a mudança mais importante, a mudança que mais reage na vida do pc, através da maior leitura. Isto também pode ser feito por eliminação.

Depois localiza a confusão anterior a essa mudança. Em caso algum será mais do que duas semanas antes do incidente. Estas confusões, que tantas vezes passam despercebidas ao auditor, tomam lugar de duas semanas a cinco minutos antes da própria decisão de mudar.

Tendo localizado a *altura* da confusão anterior, e sem fazer mais nada acerca disso, nem listas de nomes nem nada do género, vamos então para um mês antes.

Isto dá-nos a data exata para as nossas perguntas. Digamos que a mudança autodeterminada foi a 1 de Junho de 1955. A confusão anterior foi a 20 de Maio de 1955 e o mês antes arbitrário, 20 de Abril de 1955. Levamos o pc a localizar esta data arbitrária, mais ou menos até ele próprio estar satisfeito.

Agora forma uma pergunta da seguinte maneira: “Desde (data) houve alguma coisa que tenhas...?”.

Os finais da pergunta estão nesta sequência: Suprimido, Sugerido, Tido Cuidado, Invalidado ou Deixado de Revelar.

A pergunta respetiva de cada final é completamente limpa com Prepcheck Repetitivo. Faz- a pergunta observando o E-Metro até o pc dizer que já não há mais. Então verifica a



pergunta no E-Metro e guia o pc com alguma leitura, continuando depois a pergunta observando o E-Metro, etc., etc..

Um de cada vez, limpam-se os botões acima mencionados. Na maioria dos casos, isto levará muitas horas. É vital não limpar nada antes já limpo, ou não limpar por engano uma leitura. Por outras palavras, tem de ser feito um trabalho limpo com o E-Metro do princípio ao fim, com a sensibilidade 16.

Quando limpámos os botões acima, um de cada vez, fazemos uma nova verificação da lista de mudança, conseguindo uma nova data (altura) como antes e maneamos exatamente como antes.

Quando a segunda área está limpa, apuramos uma terceira.

Muitas vezes, especialmente se a agulha fica suja, perguntamos por withholds falhados. De facto podem usar-se todos os Rudimentos do Meio, pelo menos uma vez por sessão.

Com uma leitura perita da agulha, este intensivo vai dar ao pc mais ganhos por hora de audição do que qualquer outra coisa, a não ser Rotina 3GA.

Desejo-lhe muito sucesso com ele. Lembre-se de que quanto mais variáveis introduzir neste género de sistema, menos confiança o pc terá em si.

Boa caçada.

L. RON HUBBARD

1. formulário de verificação de caso
2. mudança autodeterminada
3. a mudança mais importante
4. confusão anterior a essa mudança. Até duas semanas antes.
5. vamos então para um mês antes
6. “Desde (data) houve alguma coisa que tenhas...?”, nesta sequência: Suprimido, Sugerido, Tido Cuidado, Invalidado ou Deixado de Revelar.
7. Prepcheck em cada resposta
8. Próxima mudança, etc.



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBRD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 27 DE SETEMBRO DE 1962

Franchise

O EMPREGO DO INTENSIVO DE PROBLEMAS

O único processo de nível inferior hoje totalmente válido, que atinge resultados altamente eficazes, é o intensivo moderno de problemas.

Ele faz o seguinte:

Erradica sensações de doença.

Dá anos de vida.

Tira anos na aparência.

Aumenta o QI.

É muito fácil de percorrer pois pode ser feito com erros e, desde que o Tone Arm mexa, atingirá resultados maravilhosos.

É o processo ideal do HGC para auditores de pessoal HCA/HPA pois dá-lhes ganhos sem conta.

É um processo natural para os auditores de campo que conhecem a sessão modelo e o processo.

Pode ser combinado com os CCHs ou usado sem eles.

O seu processamento é simples.

Fazemos uma verificação de Caso em Mudanças, usamos a data de um mês antes e percorremos aí os botões do prePcheck várias vezes, esgotando cada um deles o mais possível.

Quando uma mudança verificada é corrida, é feita e verificada outra lista de mudanças repetindo tudo de novo.

Isto pode ser interrompido no fim de um intensivo sem consequências para o Pc, mesmo que algo esteja por esgotar.

O público pode clamar pelo estado de clear, mas, de qualquer modo, a maior parte só pode ser auditada num intensivo de problemas.

Ao contrário duma verificação de metas mal ou parcialmente feita, não existe risco num intensivo de problemas.

Todos os ganhos apontados no Livro 1 podem ser atingidos com suficientes Intensivos de Problemas, nalguns casos até Clear na 1ª dinâmica.



Por isso não arrisque a saúde e boa vontade do Pc se não for graduado de Saint Hill. Obtenha bons e sólidos ganhos com o Intensivo Moderno de Problemas. Só se não conseguir encontrar e puxar os MWHs durante as sessões nós podemos efastar o Pc.

Podemos ter que aclarar os botões ao Pc que não compreende as palavras, mas de resto é vê-lo andar.

As pessoas perdem de repente toda a espécie de coisas que pensavam ser doenças e a que chamavam artrites e úlceras, etc. Elas não estavam doentes. Estavam apenas suprimidas.

Repare, por favor, no que aqui temos num Intensivo Moderno de Problemas. Darei depois montes de dados sobre como é feito.

L. RON HUBBARD



GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB 2 NOVEMBRO 1961

A CONFUSÃO ANTERIOR

Uma descoberta recente que eu fiz pode muito bem afastar a necessidade de percorrer diretamente problemas, especialmente em pessoas que os acham difíceis de confrontar.

O mecanismo é este:

Todos os problemas são precedidos por uma Confusão Anterior.

O manejo consiste em localizar o problema, depois localizar a confusão anterior e então fazer Sec Check nessa Confusão Anterior.

O preclaro tem tendência para continuamente se deslocar para a frente no tempo para o problema e “saltar” da Confusão Anterior uma vez localizada. O remédio é localizar os O/Ws na Confusão Anterior e manter o pc fora do momento do Problema.

Todos os somáticos, circuitos, problemas e dificuldades incluindo quebras de ARC são precedidos por uma Confusão Anterior. Por isso é possível (mas nem sempre praticável neste momento) erradicar somáticos fazendo Sec Check da Área da Confusão Anterior a qual ocorreu imediatamente antes do pc notar o somático pela primeira vez.

Isto faz parte da aptidão dum Auditor Classe II.

Um problema poderá ser visto com um mecanismo através do qual localizar Áreas de Confusão escondidas na vida do pc.

Todos os padrões escondidos (Hidden Standards) são o resultado de uma Confusão Anterior.

O mecanismo é extremamente valioso. Todos os rudimentos poderão ser auditados encontrando o rudimento fora, obtendo a dificuldade, localizando a confusão anterior encontrando então os OWs do pc nessa Área de Confusão.

Um intensivo de problemas baseado neste mecanismo está a ser concebido e eu o entregarei para ser usado pelos Classe II assim que me sentir satisfeito da forma estar completa.

L. RON HUBBARD

FUNDADOR



M.- MINI LISTA DE PROCESSOS PARA O GRAU I

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBRD

Solar de St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,

HCOB DE 8 DE SETEMBRO DE 1978RB

Rev. 16 Nov. 87

MINI LISTA DOS PROCESSOS DOS GRAUS DE 0-IV

NOTA ESPECIAL: A lista seguinte não é de modo algum uma lista completa dos processos dos graus de 0-IV. Muitos muitos processos existem nos graus de 0-IV nos quais o preclaro deveria ser auditado para atingir em cheio o fenómeno final (capacidade adquirida) para cada um dos Graus Expandidos.

O seguinte é uma MINI LISTA dos processos dos Graus de 0-IV.

Em cada um dos Níveis da Academia, perto do fim de cada checksheet, o estudante auditor estuda os boletins listados para cada processo e exercita exaustivamente o processo antes de o auditar. Ele audita cada um dos processos desta lista para o nível em que se encontra.

Cada um dos Processos maiores do Grau é seguido por um processo de Condição de Ter.

Cada Processo dos Graus é que é percorrido no e-metro, tem que ser testado quanto à reacção antes de ser percorrido e, se não ler, não é percorrido nessa altura. (Ref. HCOB 23 Jun. 80RA, Rev. 25.10.83, VERIFICAÇÃO DAS PERGUNTAS NOS PROCESSOS DOS GRAUS).

Este HCOB pode também servir como lista de controlo dos processos percorridos num pc. O auditor coloca uma cópia deste HCOB no folder do pc a, à medida que cada processo ou fluxo é levado ao EP, é claramente marcado com a respectiva data.

PROCESSO DE ARC LINHA DIRECTA

1. PROCESSO DE ARC LINHA DIRECTA.

(Ref.: HCOB 27 Set. 68 II, ARC LINHA DIRECTA)

LD F1. 1. RECORDA UMA OCASIÃO QUE ERA REALMENTE REAL PARATI.

O QUE FOI?

2. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE ESTAVAS EM BOA COMUNICAÇÃO COM ALGUÉM.

O QUE FOI?

3. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE REALMENTE SENTISTE AFINIDADE POR ALGUÉM.

O QUE FOI?

4. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE SABIAS QUE COMPREENDIAS ALGUÉM.



O QUE FOI?

(Percorre consecutivamente, isto é, 1,2,3,4,1,2, etc., até EP)

- LD F2 1. RECORDA UMA OCASIÃO QUE ERA REALMENTE REAL PARA OUTRO.

O QUE FOI?

2. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE ALGUÉM ESTAVA EM BOA COMUNICAÇÃO CONTIGO.

O QUE FOI?

3. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE ALGUÉM REALMENTE SENTIU AFINIDADE POR TI.

O QUE FOI?

4. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE OUTRO SABIA QUE TE COMPREENDIA.

O QUE FOI?

(Percorre consecutivamente, isto é, 1,2,3,4,1,2, etc., até EP)

- LD F3 1. RECORDA UMA OCASIÃO QUE ERA REALMENTE REAL PARA OUTROS.

O QUE FOI?

2. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE OUTROS ESTAVAM EM BOA COMUNICAÇÃO COM OUTROS.

O QUE FOI?

3. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE OUTROS REALMENTE SENTIAM AFINIDADE POR OUTROS.

O QUE FOI?

4. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE OUTROS SABIAM QUE COMPREENDIAM OUTROS.

O QUE FOI?

(Percorre consecutivamente, isto é, 1,2,3,4,1,2, etc., até EP)

- LD F0 1. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE TU FIZESTE ALGO REALMENTE REAL PARA TI MESMO.

O QUE FOI?

2. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE TU ESTAVAS EM BOA COMUNICAÇÃO CONTIGO MESMO.

O QUE FOI?

3. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE TU REALMENTE SENTIAS AFINIDADE POR TI MESMO.

O QUE FOI?



4. RECORDA UMA OCASIÃO EM QUE TU SABIAS QUE TE COMPREENDIAS A TI MESMO.

O QUE FOI?

(Percorre consecutivamente, isto é, 1,2,3,4,1,2, etc., até EP)

2. HAVINGNESS DE ARC LINHA DIRECTA.

HLD F1. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE SEJA REALMENTE REAL PARA TI.

(percorrer repetida/ até EP)

HLD F2. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE SERIA REALMENTE REAL PARA OUTRO.

(percorrer repetida/ até EP)

HLD F3. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE SERIA REALMENTE REAL PARA OUTROS.

(percorrer repetida/ até EP)

HLD F0. ENCONTRA EM TI MESMO ALGO QUE SERIA REALMENTE REAL PARA TI.

(percorrer repetida/ até EP)

PROCESSO DO GRAU 0.

(Ref.: HCOB 11 Dez 64, PROCESSOS

HCOB 26 Dez 64, ROTINA 0A EXPANDIDA)

3.A. ROTINA 0-0

00F1. 1. SOBRE O QUE É QUE TU ESTÁS DISPOSTO A QUE EU TE FALE?

2. O QUE É QUE TU GOSTARIAS QUE EU TE DISSESSE SOBRE ISSO?

(Percorre alternada/ até EP)

00F2. 1. SOBRE QUE É QUE ESTÁS DISPOSTO A FALAR COMIGO?

2. O QUE É QUE TU GOSTARIAS DE ME DIZER SOBRE ISSO?

(Percorre alternada/ até EP)

00F3. 1. SOBRE QUE É QUE TU ESTÁS DISPOSTO QUE EU FALE A OUTROS?



2. O QUE É QUE TU GOSTARIAS QUE EU LHES DISSESSE SOBRE ISSO?

(Percorre alternada/ até EP)

00F0. 1. SOBRE QUE É QUE ESTÁS DISPOSTO A FALAR CONTIGO MESMO POR MINHA CAUSA?

2. O QUE É QUE TU GOSTARIAS DE DIZER SOBRE ISSO?

(Percorre alternada/ até EP)

3.B. ROTINA 0A.

O auditor faz uma lista de pessoas ou coisas com quem as pessoas em geral não conseguem falar facilmente. Isto inclui pais, polícias, governos e Deus, mas ela será muito mais longa. O auditor deverá ele próprio compilar esta lista fora da sessão. Ele pode de vez em quando acrescentá-la. Nunca deve ser publicada como "lista enlatada". Os instrutores e pessoal de Cientologia não devem ser incluídos nela pois isso conduz a perturbações nas sessões. Fazemos um assessment da lista no pc e usamos o item com maior leitura nos quatro fluxos da 0A conforme abaixo indicado. *Depois* pegamos nos restantes itens e percorremo-los até ao último da mesma forma pela ordem da maior leitura. Cada um dos itens reagentes é percorrido nos quatro fluxos antes de se passar ao próximo. Em qualquer dos itens sem leitura entramos com os botões Suprimir e Invalidar.

0A. F1. 1. SE (item escolhido) PUDESSE FALAR CONTIGO DE QUE É QUE FALARIA?

(O pc responde uma ou mais coisas de maior ou menor extensão. Quando o pc parece satisfeito com a resposta à pergunta, o auditor diz):

2. MUITO BEM, SE (item escolhido) ESTIVESSE A FALAR CONTIGO SOBRE ISSO, O QUE É QUE DIRIA EXACTAMENTE?

(Esperamos do pc que ele refira o que seria dito como se ele fosse o assunto em 1 a falar).

(Percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

0A. F2. 1. SE PUDESSES FALAR COM (item escolhido) DE QUE É QUE FALARIAS?

(O pc responde uma ou mais coisas de maior ou menor extensão. Quando o pc parece satisfeito com a resposta à pergunta, o auditor diz):

2. MUITO BEM, SE ESTIVESSES A FALAR COM (item escolhido) SOBRE ISSO, O QUE É QUE DIRIAS EXACTAMENTE?

(Esperamos do pc que ele fale como se estivesse a falar para o item escolhido em 1).

(Percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)



0A. F3. 1. SE OUTROS PUDESSEM FALAR COM (item escolhido) DE QUE É QUE FALARIAM?

(O pc responde uma ou mais coisas de maior ou menor extensão. Quando o pc parece satisfeito com a resposta à pergunta, o auditor diz):

2. MUITO BEM, SE OUTROS ESTIVESSEM A FALAR COM (item escolhido) SOBRE ISSO, O QUE É QUE ELES DIRIAM EXACTAMENTE?

(Esperamos do pc que ele fale como se estivesse a falar para outros sobre o item escolhido em 1).

(Percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

0A. F0 1. SE TU PUDESSES FALAR CONTIGO MESMO SOBRE (item escolhido) DE QUE É QUE TU FALARIAS?

(O pc responde uma ou mais coisas de maior ou menor extensão. Quando o pc parece satisfeito com a resposta à pergunta, o auditor diz):

2. MUITO BEM, SE TU ESTIVESSE A FALAR CONTIGO MESMO SOBRE (item escolhido), O QUE É QUE TU DIRIAS EXACTAMENTE?

(Esperamos do pc que ele fale como se estivesse a falar consigo mesmo sobre o item escolhido em 1).

(Percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

3.C. ROTINA 0B.

O auditor faz uma lista (não proveniente do pc, mas ele próprio) de tudo o que ele possa pensar que esteja banido por qualquer razão da conversação ou não seja geralmente considerado aceitável para comunicação social. Isto inclui assuntos não sociais, tais como experiências sexuais, detalhes da casa de banho, experiências embaraçosas, roubos que a pessoa fez, etc. Coisas de que ninguém falaria na companhia de qualquer pessoa.

Fazemos assessment da lista no pc e o assunto com maior leitura é percorrido nos quatro fluxos, seguido pelo resto dos assuntos reagentes pela ordem da maior leitura. Em qualquer dos assuntos sem leitura entramos com os botões Suprimir e Invalidar.

0B. F1. 1. O QUE É QUE TU ESTARIAS DISPOSTO QUE OUTRA PESSOA TE CONTASSE SOBRE _____?

(Quando o pc "esgotou" como deve ser perguntamos:)

2. A QUEM MAIS É QUE ESSA PESSOA PODERIA DIZER ESSAS COISAS?

(Continuamos a percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP) -



0B. F2. 1. O QUE É QUE ESTARIAS DISPOSTO A CONTAR-ME SOBRE _____?

(Quando o pc "esgotou" como deve ser perguntamos:)

2. A QUEM MAIS É QUE TU PODERIAS DIZER ESSAS COISAS?

(Continuamos a percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

0B. F3. 1. O QUE É QUE ESTARIAS DISPOSTO QUE OUTROS CONTASSEM A OUTROS SOBRE _____?

(Quando o pc "esgotou" como deve ser perguntamos:)

2. A QUEM MAIS PODERIAM ELES DIZER ESSAS COISAS?

(Continuamos a percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

0B. F0. 1. O QUE É QUE TU ESTARIAS DISPOSTO A CONTAR A TI PRÓPRIO SOBRE _____?

(Quando o pc "esgotou" como deve ser perguntamos:)

2. A QUEM MAIS PODERIAS TU DIZER ESSAS COISAS?

(Continuamos a percorrer 1 e 2 segundo instruções acima, isto é, 1.2.1.2.1.2.1, etc., até EP)

4. HAVINGNESS DE GRAU 0.

0H. F1. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO EM QUE POSSAS TOCAR.

(Percorrer repetitiva/ até EP)

0H. F2. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO EM QUE OUTRO POSSA TOCAR.

(Percorrer repetitiva/ até EP)

0H. F3. OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO EM QUE OUTROS POSSAM TOCAR.

(Percorrer repetitiva/ até EP)

0H. F1. ENCONTRA EM TI MESMO ALGO EM QUE POSSAS TOCAR.

(Percorrer repetitiva/ até EP)

GRAU I - PROBLEMAS

5. CCHs



CCHs DE I a 4

Refs.	HCOB 2 Ago. 62	RESPOSTAS DOS CCHs
	HCOB 7 Ago. 62	CCHs MAIS INFORMAÇÃO
	BTB 12 Set. 63	DADOS SOBRE CCHs
	HCOB 1 Dez 65	CCHs

CCH I:

“ DÁ-ME ESSA MÃO. “

CCH II:

“ TU OLHA PARA AQUELA PAREDE. “ “ OBRIGADO. “

“ TU CAMINHA ATÉ AQUELA PAREDE. “ “ OBRIGADO. “

“ TU TOCA NESSA PAREDE. “ “ OBRIGADO. “

“ VOLTA-TE. “ “ OBRIGADO. “

CCH III:

MÍMICA DAS MÃOS NO ESPAÇO.

“ PÕE AS TUAS MÃOS DE ENCONTRO ÀS MINHAS, SEGUE-AS E CONTRIBUI PARA O SEU MOVIMENTO. “

“ CONTRIBUÍSTE PARA O SEU MOVIMENTO? “

Aumentamos gradualmente o espaço entre as mãos do pc e do auditor, em cada percurso subsequente dos CCHs de 0-4.

Com respeito à distância aumentada:

(1) Usar : ““ Põe as tuas mãos em frente às minhas, a mais ou menos dois centímetros de distância (ou a distância que estiver a ser usada), segue-as e contribui para o seu movimento”.”

NOTA : À medida que a distância é aumentada, a cadeira do auditor é puxada para trás, ficando entre o pc e a porta.

CCH IV

Ref. HCOB 1Dez 65

Não há comandos estabelecidos para o CCH4. Auditor e Pc sentados em frente um do outro a uma distância confortável. O auditor faz um movimento simples com um livro. Dá o livro ao Pc. O Pc faz o movimento duplicando movimento do auditor estilo imagem do espelho. O auditor pergunta ao Pc se está satisfeito de ter duplicado o movimento. Se o Pc e o auditor estiverem ambos totalmente satisfeitos, o auditor pega de novo o livro e vai para o próximo comando. Se o Pc não tem a certeza de ter duplicado um comando, o auditor repete-lho e dá-lhe o livro de novo.

Correr até um ponto esgotado.

Repetir os CCHs 1,2 ,3 ,4 vez após vez até todos estarem APLANADOS e o pc ter atingido EPs completos ,de acordo com os Bs de LRH.

Até EP



6. PROCESSO DE PROBLEMAS DO GRAU UM.

(Ref. HCOB 16 Nov. 65, PROCESSO DE PROBLEMAS)

F1. “Que problema é que tu tiveste com alguém ?”

“Que soluções é que tu encontraste para esse problema ?”

Até EP

O Pc dá o problema, depois o TA das soluções é esvaziado. Então é feita uma nova exposição do problema e mais perguntas sobre soluções. Corra 1, 2, 1, 2 etc, até EP.

F2. “Que problema é que outrem teve contigo ?”

“Que soluções é que outrem encontrou para esse problema ?”

Até EP

F3. “Que problema é que alguém teve com outrem ?”

“Que soluções é que eles encontraram para esse problema ?”

Até EP

F0. “Que problema é que tu causaste a ti mesmo ?”

“Que soluções é que tu encontraste para esse problema ?”

Até EP

7. HAVINGNESS DO GRAU 1:

1H F1. 1. “Pensa num espaço”.

2. “Nota dois objectos”

Correr alternadamente Até EP

1H F2. 1. “Pensa no espaço de outro”

2. “Nota dois objectos”

Correr alternadamente Até EP

1H F3. 1. “Pensa no espaço de outros”

2. “Nota dois objectos”

Correr alternadamente Até EP

1H F0. 1. “Pensa no teu próprio espaço”.

2. “Nota dois objectos”

Correr alternadamente Até EP



PROCESSOS GRAU II

8. PROCESSAMENTO CONFESSIONAL, GRAU II

Usando a tecnologia coberta no HCOB 30 Nov. 78R, PROCESSAMENTO CONFESSIONAL, e outras referências da folha de controle do seu curso, o estudante entrega o processamento Confessional a um preclaro conforme programado pelo C/S-

9. - PROCESSO DE O/W, GRAU II

(Ref. HCOB 4 Fev. 60, PROCESSAMENTO DE TEORIA DA RESPONSABILIDADE)

- F1 1. O QUE É QUE OUTRO TE FEZ?
2. O QUE É QUE OUTRO ESCONDEU DE TI?
(Correr alternadamente até EP) -----
- F2 1. O QUE É QUE TU FIZESTE A OUTRO?
2. O QUE É QUE TU ESCONDESTES DE OUTRO?
(Correr alternadamente até EP) -----
- F3 1. O QUE É QUE OUTROS FIZERAM A OUTROS?
2. O QUE É QUE OUTROS ESCONDERAM DE OUTROS?
(Correr alternadamente até EP) -----
- F0 1. O QUE É QUE TU FIZESTE A TI MESMO?
2. O QUE É QUE TU ESCONDESTES DE TI MESMO?
(Correr alternadamente até EP) -----

10. HAVIGNESS, GRAU II

- 2H F1 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE TU NÃO
ESTÁS A ESCONDER.
(Correr repetitivamente até EP) -----
- 2H F2 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGUMA COISA QUE
OUTRO NÃO ESTÁ A ESCONDER.
(Correr repetitivamente até EP) -----
- 2H F3 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGUMA COISA QUE
OUTROS NÃO ESTÃO A ESCONDER.
(Correr repetitivamente até EP) -----
- 2H F0 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGUMA COISA QUE
TU NÃO ESTÁS A ESCONDER DE TI PRÓPRIO.



(Correr repetitivamente até EP)

PROCESSOS GRAU III

11. - PROCESSOS DE GRAU III - R3H

(Ref. HCOB 6 Ago. 68, R3H

HCOB 1 Ago. 68, AS LEIS DE LISTAGEM E ANULAÇÃO)

- F1 1. Localizar uma mudança na vida listando até um item F/N ou BD F/N.

QUE MUDANÇAS É QUE OUTRO CAUSOU NA TUA VIDA?

2. Obter a data disso.
3. Obter alguns dados sobre isso (não percorrer como engrama) a fim de saber qual foi a mudança.
4. Descobrir por assessment se foi uma quebra em:

Afinidade _____

Realidade _____

Comunicação _____

Compreensão _____

Apanhamos a melhor leitura e conferimos com o pc, perguntando se foi uma quebra em (afinidade, realidade, comunicação ou compreensão). Se ele disser não, manejar de novo. Se sim, deixá-lo falar disso se quiser. Então indicar o item.

5. Pegando no que apanhámos em (4) descobrimos por assess. se foi:

Curioso sobre _____

Desejada _____

Forçada _____

Inibida _____

Nenhuma _____

Recusada _____

Como em (4) acima apanhar o item e verificar com o pc. se o pc disser que não é, manejar de novo. Se sim, deixá-lo falar sobre isso se quiser. Então indicar.

(Percorrer conforme acima)

- F2 Listar até um item F/N ou BD F/N.

QUE MUDANÇA É QUE TU CAUSASTE NA VIDA DE OUTROS?

(Manejar segundo os passo de 1 a 5 acima)

- F3 Listar até um item F/N ou BD F/N.



QUE MUDANÇA É QUE OUTROS CAUSARAM NAS VIDAS DE OUTROS?

(Manejar segundo os passo de 1 a 5 acima) -----

F0 Listar até um item F/N ou BD F/N.

QUE MUDANÇA É QUE TU CAUSASTE NA TUA PRÓPRIA VIDA?

(Manejar segundo os passo de 1 a 5 acima) -----

12. - HAVINGNESS GRAU III

3H F1 O QUE É QUE ESTÁ PARADO?

(Correr repetitivamente até EP) -----

3H F2 O QUE É QUE OUTRO PENSARIA ESTAR PARADO?

(Correr repetitivamente até EP) -----

3H F3 O QUE É QUE OUTROS PENSARIAM ESTAR PARADO?

(Correr repetitivamente até EP) -----

3H F0 O QUE É QUE ESTÁ PARADO EM TI MESMO?

(Correr repetitivamente até EP) -----

PROCESSOS GRAU IV

13. - PROCESSOS GRAU IV - R3SC

(Ref. HCOB . 6 Set. 78 III, ROTINA TRÊS SC-A, MANEJAMENTO COMPLETO DO FAC DE SERVIÇO ACTUALIZADO COM NOVA ERA DIANÉTICA.

HCOB . 1 Set. 63, ROTINA TRÊS SC

HCOB . 6 Set. 78 II, FACS DE SERVIÇO E ROCK SLAMS)

NOTA: As perguntas listadas abaixo não são as únicas perguntas de listagem e anulação que podem ser percorridas num preclaro para encontrar e manejar facs de serviço. Outras podem ser encontradas no HCOB . 14 Nov. 78 VI, LISTA DE PROCESSOS. Para certificação no Nível IV, tudo o que é preciso é que o auditor mostre sucesso auditando alguém no processo dado abaixo.

- I. Aclarar a fundo os termos ‘computação’ e ‘fac-símile de serviço’. Garantir que o pc compreende que um fac-símile de serviço’ é uma computação segundo a qual o próprio deve estar certo e os outros errados, dominar ou escapar à dominação e aumentar a sobrevivência própria e lesar a dos outros. O pc deve apreender que , o que está a ser pedido neste processo é uma computação, não uma condição de ser, uma condição de fazer ou condição de ter (beeingness, doingness, havigness).



II. Aclaramos e listamos (listagem e anulação) a seguinte pergunta de listagem até um item F/N ou BD F/N.

- a. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA PÔR OS OUTROS ERRADOS? _____

III. Percorrer o fac-símile de serviço encontrado nas chavetas exactamente conforme o HCOB . 6 Set. 78 II, ROTINA TRÊS SC-A, MANEJAMENTO COMPLETO DO FAC DE SERVIÇO ACTUALIZADO COM NOVA ERA DIANÉTICA.

1. NESTA VIDA COMO É QUE _____ TE FARIA ESTAR CERTO? _____

2. NESTA VIDA COMO É QUE _____ FARIA OUTROS ESTAR ERRADOS? _____

(Percorrer até EP conforme descrito abaixo)

3. NESTA VIDA COMO É QUE _____ TE AJUDARIA A ESCAPAR À DOMINAÇÃO? _____

4. NESTA VIDA COMO É QUE _____ TE AJUDARIA A DOMINAR OUTROS? _____

(Percorrer até EP conforme descrito abaixo)

5. NESTA VIDA COMO É QUE _____ AJUDARIA A TUA SOBREVIVÊNCIA? _____

6. NESTA VIDA COMO É QUE _____ IMPEDIRIA A SOBREVIVÊNCIA DE OUTROS? _____

(Percorrer até EP conforme descrito abaixo)

Estes processos são percorridos como segue:

Dar ao pc a primeira pergunta, 'Nesta vida como é que (fac. serv.) te faria estar certo?' e deixá-lo percorrer com isso. Ele terá uma catadupa de respostas, respostas que vêm, nesta fase, depressa demais para serem facilmente ditas. Não repetir a pergunta a menos que o pc precise. Deixá-lo apenas responder 1-1-1-1-1-1 (pode dar tanto como 50 respostas) até chegar a uma cognição ou ficar sem respostas ou inadvertidamente responder à pergunta 2.

Então mudar para a pergunta 2: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) faria os outros estar errados?' Tratar isto da mesma maneira, isto é, deixá-lo responder 2-2-2-2-2-2 até ter a cognição ou ficar sem respostas ou responder à pergunta 1. Então mudar para a pergunta 1, o mesmo manejo, de volta à pergunta 2, o mesmo manejo, na medida em que as respostas do pc venham facilmente. Perante a cognição e F/N, acusar a recepção, indicar a F/N e terminar 1 e 2.

Agora fazemos-lhe a pergunta 3: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) te ajudaria a escapar à dominação?' E deixá-lo percorrer com o mesmo método acima. Quando isto parece arrefecer, usamos a pergunta 4: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) te ajudaria a dominar os outros?' Usar as perguntas 3 e 4 como acima, na medida em que as respostas do pc venham facilmente. Perante a cognição e F/N, acusar a recepção, indicar a F/N e continuar para a próxima chaveta.

Usando o mesmo método acima, fazer a pergunta 5: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) ajudaria a tua sobrevivência?' Quando ele esgotou 5-5-5-5-5-5, mudar para a pergunta 6: 'Nesta vida como é que (fac. de serv.) impediria a sobrevivência de outros?' Usar as perguntas 5 e 6 como acima na medida em que as respostas do pc



venham facilmente. Deixá-lo atirar com todos os automatismos e chegar a uma cognição e F/N. Acusar a recepção e indicar a F/N.

NOTA: Se o item encontrado na lista dos facs de serviço não correu em nenhuma das chavetas, temos que lhe fazer prepcheck até EP, (F/N, cog, VGIs, libertação) usando o HCOB . 7 Set. 78R, PREPCHECK REPETITIVO MODERNO.

IV. Repetir os passos II e III, usando as seguintes perguntas de listagem, uma de cada vez no passo III.

b. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA DOMINAR OUTROS?

(Correr o item conforme o passo III até EP)

c. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA AJUDAR A TUA PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA?

(Correr o item conforme o passo III até EP)

d. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA TU PRÓPRIO ESTARES CERTO?

(Correr o item conforme o passo III até EP)

e. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA ESCAPAR À DOMINAÇÃO?

(Correr o item conforme o passo III até EP)

f. NESTA VIDA O QUE É QUE TU USAS PARA IMPEDIR A SOBREVIVÊNCIA DOS OUTROS?

(Correr o item conforme o passo II até EP)

14. - HAVINGNESS GRAU IV

4H F1 O QUE É QUE OUTRO PODERIA LIGAR A TI?

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F2 O QUE É QUE TU PODERIAS LIGAR A OUTRO?

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F3 O QUE É QUE OUTROS PODERIAM LIGAR A OUTROS?

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F1 O QUE É QUE TU PODERIAS LIGAR A TI?

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F5 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE TU TENS A CERTEZA ABSOLUTA DE QUE ESTARÁ AQUI DURANTE _____

(o auditor aumenta o tempo pouco a pouco)

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F6 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE OUTRO TERIA A CERTEZA ABSOLUTA DE QUE ESTARÁ AQUI DURANTE _____



(o auditor aumenta o tempo pouco a pouco)

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F7 OLHA AQUI À VOLTA E ENCONTRA ALGO QUE TU TENS
A CERTEZA ABSOLUTA QUE ESTARÁ AQUI DURANTE

(o auditor aumenta o tempo pouco a pouco)

(Percorrer repetitivamente até EP)

4H F8 ENCONTRA ALGO EM TI PRÓPRIO QUE TU TENS A CER-
TEZA ABSOLUTA QUE ESTARÁ AQUI DURANTE _____

(o auditor aumenta o tempo pouco a pouco)

(Percorrer repetitivamente até EP)

Um auditor não tem nem pode ser obrigado por ninguém a auditar processos acima da sua classe.

L RON HUBBARD

Fundador